

**“A GENTE ANDA COM O BOM E O MAU AO LADO...”:
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VITÓRIA/DERROTA SEGUNDO ATLETAS DO
ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO**

ISABELA AMBLARD

**“A GENTE ANDA COM O BOM E O MAU AO LADO...”:
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VITÓRIA/DERROTA SEGUNDO ATLETAS DO
ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Fatima Maria Leite Cruz

RECIFE
2012

Catalogação na fonte

Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva CRB-4 1291

A493g Amblard, Isabela.

“A gente anda com o bom e o mau ao lado...” : representações sociais da vitória/derrota segundo atletas do esporte de alto rendimento / Isabela Amblard. – Recife: O autor, 2012.

166 f. ; 30 cm.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Fátima Maria Leite Cruz.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Pós-Graduação em Psicologia, 2012.

Inclui bibliografia, apêndices e anexo.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE MESTRADO**

**“A GENTE ANDA COM O BOM E O MAU AO LADO...”:
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VITÓRIA/DERROTA SEGUNDO ATLETAS DO
ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO**

Comissão Examinadora:

Profa. Dra. Fatima Maria Leite Cruz
1º Examinador/Presidente

Prof. Dr. José Luís Simões
2º Examinador

Profa. Dra. Maria de Fátima de Souza Santos
3º Examinador

Recife, 29 de fevereiro de 2012

*Dedico este trabalho àqueles que
contribuíram à minha vida esportiva.*

*Vocês me auxiliaram, de formas bem
diferentes, na construção dos significados de
vitória/derrota, aprendizados estes que levarei
por toda a minha vida!*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, pela saúde, inspiração e sabedoria que me deu, para lidar com momentos tão difíceis. E ainda, por ter colocado em meu caminho pessoas tão especiais que não apenas comemoram as minhas vitórias, mas estão ao meu lado também nas derrotas, e em todo o caminho percorrido. Assim aconteceu nesses anos de mestrado, repleto de vitórias/derrotas, que se finaliza com uma grande conquista pessoal e profissional, aqui compartilhada com todos.

Julgo que talvez esta seja a parte mais difícil na escrita deste trabalho, não pela dificuldade em elucidar as pessoas que contribuíram de maneira efetiva para a sua conclusão, mas pela possibilidade restrita de, em algumas linhas, descrever a minha imensa gratidão a elas. É interessante pensar o quanto esperei por esse momento, de poder expressar o quanto a presença destas (mesmo que, por vezes, ausente) foi importante nesse período. Agora, parece que apenas as palavras não me bastam. Gostaria que, portanto, todos aqui citados se sentissem abraçados, tamanha a intensidade de sentimentos envolvidos. Aos leitores que não me conhecem, aqui está uma boa oportunidade para isso, pois sinto este como um momento de intimidade, em que são explicitados não apenas sentimentos, mas experiências, formas de ser e agir.

Agradeço a minha orientadora, Fatima Maria Leite Cruz, pela oportunidade de conhecê-la melhor e ter um maior convívio com alguém que, para mim, serve de referência não apenas na Academia, mas na vida. Obrigada por ter acreditado em meu projeto na área de Psicologia dos esportes, pelas orientações e conversas sempre muito produtivas e agradáveis, pelo rigor nas diversas correções e construções de referências, pela sensibilidade e companheirismo despendidos, pelo prazer e comprometimento ético com que cumpre suas atividades profissionais, e pela sua sutileza e docilidade, mesmo em situações que a cobrança se fazia necessária.

A minha mãe, Celia Amblard, pela cumplicidade e presença constante em minha vida, que expressa um amor incondicional compartilhado por nós. Um verdadeiro exemplo de mulher, mãe, esposa, filha, irmã, psicóloga e amiga, sempre disponível a ajudar, perfumando e alegrando os lugares em que passa.

Ao meu pai, Etienne Amblard, pelo investimento de todos esses anos em minha educação e formação, valores sempre presentes em suas práticas e discursos, e por ter me ensinado, desde cedo, que é preciso muita luta, dedicação e disciplina para conseguirmos

alcançar nossos objetivos. Agradeço ainda pelo amor devotado à família, aprendizado este tão perceptível em nosso convívio.

À Camila, minha irmã querida, peço desculpas pela porta sempre fechada do meu quarto, pela impossibilidade de te acompanhar em diversos programas, quando você só precisava de uma opinião minha sobre algo e, principalmente, por, em algumas situações, não ter tido poucos minutos para te escutar. Muito obrigada pela sua compreensão, pois, apesar disso tudo, você nunca desistiu de mim e continuou a puxar assunto em todas as manhãs, bem como a visitar o meu quarto, me fazendo sorrir, mesmo sabendo que seria criticada depois.

A Henrique, meu irmão, que, mesmo distante, está sempre a vibrar com minhas vitórias e apoiar com o que se faz necessário. E, a minha cunhada, Brunella, pela hospitalidade e disponibilidade com que me recebeu em sua casa, para que eu pudesse participar de um congresso tão importante para a construção deste trabalho.

Meus agradecimentos a outros familiares importantes nessa jornada: minha avó Lourdes, minhas tias Ludovica e Izabel, e ao meu primo Rodrigo.

A Eduardo, meu namorado, pelo companheirismo que nos une e se fortalece mais a cada dia. Obrigada pelos telefonemas nas madrugadas, para me motivar a continuar estudando; pelo cuidado constante que tem comigo; pela vida social praticamente abdicada nesse período; pelos momentos felizes que vivemos juntos, que me fizeram ora esquecer tantos afazeres pendentes; por ter aguentado instantes de choro, chatice e mau humor, permanecendo ao meu lado e me fazendo acreditar que tudo isso valeria a pena.

Ao Professor Antônio Roberto Rocha Santos, referência em Psicologia do Esporte, a quem procurei, em 2008, pelo grande interesse que demonstrava pela área, e que, tão generosamente, me acolheu e apoiou para a realização de um projeto que, hoje, torna-se realidade. Agradeço pela confiança depositada em mim, bem como pelas contribuições durante o desenvolvimento do estágio a docência, experiência muito positiva à minha prática pedagógica. E, ainda, obrigada pela presença tão importante na minha banca de qualificação.

A Professora Maria de Fátima de Souza Santos, pela disponibilidade em me ajudar nos momentos em que precisei, e pela sua presença indispensável na minha banca de qualificação e defesa.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia: Benedito Medrado, Jaileila Menezes, Karla Agrião, Rosineide Cordeiro e Izabel Pedrosa, pelas contribuições em sala de aula. À Bel, agradeço ainda pelo empenho e preocupação em proporcionar aos alunos as melhores condições de estudo, se mostrando sempre disponível para sanar dúvidas e solucionar problemas.

Ao Professor Paulo Castelar Perim, da UFES, que se colocou a disposição para ajudar desde o nosso primeiro contato (já muito produtivo), na Jornada Internacional de Representações Sociais, e assim o fez com as indicações de textos sobre resiliência.

Ao Professor José Luís Simões, por ter aceito o convite para participar como professor examinador na minha defesa.

A João, pelos e-mails informativos, generosidade e paciência durante esses dois anos.

Aos meus amigos, pela compreensão de que a minha ausência em muitos momentos foi, de fato, necessária. Agradeço também pelas conversas, desabafos e boas risadas – Thaysa, Paula, Marcela, Larissa, Fábio, Viviane e Patrícia.

A Rosângela e Carla, pela amizade e parceria construída a partir da nossa paixão pela Psicologia do Esporte.

A Patrícia Wallerstein, pelos nossos (re)encontros e pelas sábias palavras, que sempre me acalmavam e ajudavam a encontrar um caminho para seguir.

Aos “presentes” que o investimento árduo na natação me deu, minhas amigas de Santos/SP: Lilian, Maressa, Tamiris e Nathália Sá. Os tantos quilômetros que, hoje, nos distanciam parecem inexistentes, quando diante dos nossos anos de convivência e a diversidade de sotaques, histórias, culturas e experiências que nos uniu.

Aos atletas-adolescentes, participantes da pesquisa, por terem dado alma a este trabalho e, aos seus técnicos, que “permitiram” o acesso a suas equipes.

A Patrícia Monteiro, Vivian e Flávio, pessoas admiráveis “apresentadas” pelo mestrado, com quem aprendi tantas coisas e pude relaxar nos intervalos das aulas.

A outras pessoas da Turma 5, também importantes no processo de trocas de conhecimentos, experiências e momentos de descontração: Júlia, Pedro Paulo, Jana, Igor e Carina.

A Fernanda Siqueira (Turma 4), pelos contatos tão agradáveis no grupo de estudos, e a Yuri (Turma 6), pela atenção e disponibilidade para me ajudar com o EVOC.

Perder, Ganhar e Viver

Vi gente chorando na rua, quando o juiz apitou o final do jogo perdido; vi homens e mulheres pisando com ódio os plásticos verde-amarelos que até minutos antes eram sagrados; vi bêbados inconsoláveis que já não sabiam por que não achavam consolo na bebida; vi rapazes e moças festejando a derrota para não deixarem de festejar qualquer coisa, pois seus corações estavam programados para a alegria; vi o técnico incansável e teimoso da Seleção xingado de bandido e queimado vivo sob a aparência de um boneco, enquanto o jogador que errara muitas vezes ao chutar em gol era declarado o último dos traidores da pátria; vi a notícia do suicida do Ceará e dos mortos do coração por motivo do fracasso esportivo; vi a dor dissolvida em uísque escocês da classe média alta e o surdo clamor de desespero dos pequeninos, pela mesma causa; vi o garotão mudar o gênero das palavras, acusando a mina de pé-fria; vi a decepção controlada do presidente, que se preparava, como torcedor número um do país, para viver o seu grande momento de euforia pessoal e nacional, depois de curtir tantas desilusões de governo; vi os candidatos do partido da situação aturdidos por um malogro que lhes roubava um trunfo poderoso para a campanha eleitoral; vi as oposições divididas, unificadas na mesma perplexidade diante da catástrofe que levará talvez o povo a se desencantar de tudo, inclusive das eleições; vi a aflição dos produtores e vendedores de bandeirinhas, flâmulas e símbolos diversos do esperado e exigido título de campeões do mundo pela quarta vez, e já agora destinados à ironia do lixo; vi a tristeza dos varredores da limpeza pública e dos faxineiros de edifícios, removendo os destroços da esperança; vi tanta coisa, senti tanta coisa nas almas.

Chego à conclusão de que a derrota, para a qual nunca estamos preparados, de tanto não a desejarmos nem a admitirmos previamente, é afinal instrumento de renovação da vida. Tanto quanto a vitória estabelece o jogo dialético que constitui o próprio modo de estar no mundo. Se uma sucessão de derrotas é arrasadora, também a sucessão constante de vitórias traz consigo o germe de apodrecimento das vontades, a languidez dos estados pós-voluptuosos, que inutiliza o indivíduo e a comunidade atuantes. Perder implica remoção de detritos: começar de novo. [...]

(DRUMMOND, 2002, p. 179-180)

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo compreender as representações sociais da vitória/derrota construídas por atletas-adolescentes do esporte de alto rendimento na cidade do Recife. A adolescência é compreendida a partir da Psicologia Sócio Histórica, e o embasamento teórico-metodológico adotado é a Teoria das Representações Sociais, que aborda os sujeitos inseridos em diferentes contextos socioculturais, lugares de pertencimento, experiências individuais e coletivas, crenças, saberes e sentimentos compartilhados por seus grupos de pares. A natureza da pesquisa é qualitativa e teve por objetivos específicos descrever, compreender e explicar os sentidos atribuídos pelos atletas-adolescentes. Adotou-se a perspectiva plurimetodológica com variados recursos de coleta e análise de dados. Os instrumentos utilizados foram os questionários de associação livre (1ª etapa), com a identificação do campo semântico das representações, e entrevistas semi-dirigidas (2ª etapa), com o objetivo de capturar os elementos centrais das representações sociais. Na análise dos dados, o software EVOC e as técnicas de análise temática de conteúdo de Bardin. Participaram 101 atletas-adolescentes do esporte de alto rendimento, na faixa etária entre 12 e 18 anos, de ambos os sexos, atuantes de modalidade individual (natação) e coletiva (vôlei). Identificamos as representações de vitória/derrota a partir de três dimensões: a *dimensão pessoal e motivacional*, a *dimensão afetivo-emocional*, e a *dimensão técnica*, sinalizando um sentido subjetivo e outro técnico. De modo geral, a vitória/derrota apresenta sentidos compartilhados de sentimentos positivados de superação. Nas situações de vitória, interpretamos que o mérito é compartilhado entre os sujeitos e os treinamentos executados por eles, enquanto na derrota, o sujeito assume de modo solitário a culpa pelo fracasso, e aparece a autoproteção em relação às frustrações e decepções decorrentes de suas performances. As experiências do esporte de alto rendimento parecem repercutir como aprendizados para a vida. Verificamos, ainda, idealizações de: atletas, adolescentes, filhos e pais, que sugerem sistemas de representações interligados, formando redes de significações, a partir das quais os sujeitos atribuem sentidos aos seus modos de ser e agir.

Palavras-chave: representações sociais; esporte de alto rendimento; vitória; derrota; atletas-adolescentes.

ABSTRACT

The present research aimed at understanding the social representations of victory/defeat constructed by adolescent athletes in high-performance sport in the city of Recife. Adolescence is understood from Socio Historical Psychology. The theoretical-methodological base adopted is the theory of social representations which deals with individuals within their social-cultural contexts, positions, personal as well as collective experiences, beliefs, knowledge and feelings shared by their group peers. This is also a qualitative study whose specific objectives were describing, understanding, and explaining the meanings given by the adolescent athletes. A plurimethodological approach with various resources for collection and analysis of data was used. The instruments used were questionnaires of free association (step 1) with the identification of the semantic field of the representations, and semi-guided interviews (step 2) so as to get the central elements of the social representations. For data analysis the software EVOC and Bardin's thematic content analysis were used. 101 adolescent athletes of high-performance sport in the city of Recife, ages ranging from 12 to 18 of both sexes participating in individual (swimming) and collective (volley) sports modalities. We identified the representations of victory/defeat from three dimensions: the personal and motivational; the affective-emotional and the technical dimension, indicating a subjective meaning and a technical one. Generally, victory and defeat display shared meanings of outwarded feelings of overcoming. In victory situations we could interpret that merit is shared between them along with their training, where as in defeat, the individual takes the blame, in a solitary way, for the failure; then there is self-protection in relation to frustrations and disappointments following their performances. The experiences lived in high performance sports seem to resonate as life lessons. We also identified idealizations of: athletes, adolescents, siblings and parents which suggested interlinked representation systems creating networks of meanings, from which the individuals give meanings to their ways of being and act.

Keywords: social representations; high performance sport; victory; defeat; adolescent athletes.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01	Atletas inscritos na FEVPE, nascidos entre 1993 e 1999	80
Tabela 02	Atletas inscritos na FAP, nascidos entre 1993 e 1999	81
Tabela 03	Participantes da pesquisa – vôlei	82
Tabela 04	Participantes da pesquisa – natação	83
Tabela 05	Participantes da pesquisa – vôlei e natação	83
Tabela 06	Campo Semântico das palavras associadas à expressão indutora <i>vitória</i>	91
Tabela 07	Representações Sociais de <i>vitória</i> , em função da frequência e ordem de importância	94
Tabela 08	Campo Semântico das palavras associadas à expressão indutora <i>vitória nas competições</i>	102
Tabela 09	Representações Sociais de <i>vitória nas competições</i> , em função da frequência e ordem de importância	104
Tabela 10	Campo Semântico das palavras associadas à expressão indutora <i>vitória para os pais</i>	111
Tabela 11	Representações Sociais de <i>vitória para os pais</i> , em função da frequência e ordem de importância	114
Tabela 12	Campo Semântico das palavras associadas a expressão indutora <i>derrota</i>	119
Tabela 13	Representações Sociais de <i>derrota</i> , em função da frequência e ordem de importância	121
Tabela 14	Campo Semântico das palavras associadas a expressão indutora <i>derrota nas competições</i>	126
Tabela 15	Representações Sociais de <i>derrota nas competições</i> , em função da frequência e ordem de importância	128
Tabela 16	Campo Semântico das palavras associadas à expressão indutora <i>derrota para os pais</i>	132
Tabela 17	Representações Sociais de <i>derrota para os pais</i> , em função da frequência e ordem de importância	133

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CBA	Confederação Brasileira de Atletismo
COB	Comitê Olímpico Brasileiro
COI	Comitê Olímpico Internacional
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EVOC	<i>Ensemble de Programmes Permettant L'Análise des Évocations</i>
FAP	Federação Aquática Pernambucana
FEPA	Federação Pernambucana de Atletismo
FPB	Federação Pernambucana de Basketball
FEVEPE	Federação Pernambucana de Vôlei
RC	Representações Coletivas
RS	Representações Sociais
SNF	Sujeito da Natação Feminina
SNM 1	Sujeito da Natação Masculina 1
SNM 2	Sujeito da Natação Masculina 2
SVF	Sujeito do Vôlei Feminino
SVM	Sujeito do Vôlei Masculino
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TRS	Teoria das Representações Sociais
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 PSICOLOGIA E PRÁTICAS ESPORTIVAS	19
1.1 A história do esporte	19
1.2 Cultura de consumo e corpo esportivo	25
1.3 Cultura corporal e qualidade de vida	27
1.4 Corpo e <i>doping</i>	29
1.5 Cultura corporal, esporte de alto rendimento e gênero	31
1.6 Cenário atual das práticas esportivas	34
1.7 Práticas esportivas e democratização	35
1.8 Estado atual dos esportes no Brasil	37
1.9 O esporte de alto rendimento	38
2 ADOLESCÊNCIA, NATUREZA, CULTURA E PRÁTICAS ESPORTIVAS	41
2.1 Sobre a adolescência: o protagonismo nas situações esportivas competitivas	44
2.2 Adolescência e práticas esportivas	51
3 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	60
3.1 Breve histórico sobre a Teoria das Representações Sociais	60
3.2 Os processos de construção das Representações Sociais: <i>objetivação e ancoragem</i>	64
3.3 As funções das Representações Sociais	65
3.4 As abordagens da Teoria das Representações Sociais	66
3.4.1 A abordagem estrutural	67
4 MÉTODO	70
4.1 Natureza da pesquisa	70
4.2 Pesquisa piloto	71
4.3 Os procedimentos de construção dos dados da pesquisa	72
4.4 Os cuidados éticos	76
5 ANÁLISE DOS DADOS	78
5.1 Seleção do campo da pesquisa	78
5.2 O campo da pesquisa: primeiras impressões	81
5.3 Os contatos com os atletas-adolescentes	83
5.4 Os atletas-adolescentes em suas rotinas	86
5.5 Resultados e discussão	88
5.5.1 Expressão indutora: <i>vitória</i>	90
5.5.2 Expressão indutora: <i>vitória nas competições</i>	101
5.5.3 Expressão indutora: <i>vitória para os pais</i>	110
5.5.4 Expressão indutora: <i>derrota</i>	118

5.5.5 Expressão indutora: <i>derrota nas competições</i>	125
5.5.6 Expressão indutora: <i>derrota para os pais</i>	131
CONSIDERAÇÕES FINAIS	140
REFERÊNCIAS	146
APÊNDICE A – Questionário de associação livre	154
APÊNDICE B – Termo de consentimento livre e esclarecido	162
ANEXO – Carta de anuência da instituição	165

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa teve como objeto de investigação as representações sociais (RS) de vitória/derrota compartilhadas por atletas-adolescentes do esporte de alto rendimento.

A ideia de utilizar os termos vitória e derrota em contraste (vitória/derrota) deve-se à busca pela explicitação do antagonismo a que essas duas palavras denotam no esporte de alto rendimento, pois, além de tratar-se de palavras opostas, elas se constituem em duas condições básicas que acompanham a trajetória dos atletas, e para as quais são atribuídos sentidos diversificados.

A relevância do presente estudo justifica-se a partir das expectativas sociais existentes no que tange ao desempenho dos atletas do esporte de alto rendimento, que “[...] traz consigo os propósitos de novos êxitos esportivos, a vitória sobre adversários nos mesmos códigos, e é exercido sob regras preestabelecidas pelos organismos internacionais de cada modalidade [...]” (TUBINO, 1992, p. 36).

O atleta envolvido nesta prática competitiva dedica horas de seu dia aos treinamentos, sempre muito exaustivos, que têm por fim uma preparação física e técnica digna de vitória em uma competição. Em comum, eles apresentam as suas rotinas esportivas e o cotidiano, com pouco tempo para realização de outras atividades, a exemplo daquelas voltadas aos estudos e ao lazer. A capacidade de superação se mostra como um aspecto essencial a todos os atletas do alto rendimento, pois nesse entorno de competição, não existe a possibilidade de uma sociedade solidária, ou seja, ou o atleta sai como vitorioso de uma competição, ou como derrotado. Não há uma terceira opção em que seja possível aliar essas duas condições sem deméritos.

Por muito tempo, os adolescentes foram tipificados pela Psicologia Clássica como adolescentes padrão, primeiro com uma síndrome de “anormalidades” temporárias na passagem para a vida adulta e, em seguida, marcados por traços de rebeldia e transgressão que também transitórios justificariam os processos de autonomia. Mais recentemente, a perspectiva sócio histórica demarca a adolescência a partir dos contextos locais e nos estudos de Bock, Furtado e Teixeira (2001), bem como no de Aléssio e Santos (2005), apresentam os adolescentes em contextos diversos, nos quais têm autonomia suficiente para desenvolver-se, inclusive, por meio do trabalho. Percebemos, portanto, que o significado atribuído à adolescência varia de acordo com o contexto sócio cultural no qual os sujeitos estão inseridos.

Interessa-nos compreender: como o grupo de atletas-adolescentes, aqui estudado, se percebe e é visto diante de um nível de exigências? Os sentidos compartilhados de vitória/derrota se diferenciam a partir da modalidade esportiva individual ou coletiva? A questão de gênero também emerge entre os atletas-adolescentes do alto rendimento? Em uma disputa competitiva necessariamente há vitória/derrota, então, como se sentem os atletas-adolescentes que são derrotados? O que os leva a continuar praticando a modalidade, se esforçando e buscando se superar, quando, na realidade, a sociedade e a mídia só valorizam o mérito dos que conseguem medalhas e troféus?

Percebe-se, cada vez mais intensamente, uma tendência para que o esporte de alto rendimento seja praticado, em especial, pelos nomeados talentos esportivos, o que ajuda a torná-lo excludente, sem dar oportunidade de participação a todos aqueles que o desejarem praticar, assumindo, portanto, um sentido seletivo.

Tal seleção já estava presente desde o surgimento do esporte enquanto prática competitiva, quando, na Grécia Antiga, o direito de competir era concedido apenas aos cidadãos livres, ou seja, estrangeiros e mulheres deveriam contentar-se em ficar longe das disputas. Às mulheres era negado até mesmo o direito de assistir (COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2010).

Atualmente, o foco na permanente superação de performances esportivas é justificado em função dos interesses econômicos, pois na sociedade contemporânea, as competições esportivas vêm se transformando em grandes espetáculos. Como decorrência dessa competitividade em face da expansão capitalista, o esporte vem perdendo o seu real sentido de atividade lúdica e prazerosa. Na nova lógica do sucesso e suas repercussões na economia, a partir do momento em que a competição se inicia o jogo já tem terminado, uma vez que nesse “novo jogo”, o profissionalismo entra em campo, e o que importa são os prêmios conquistados, a visibilidade da mídia, o retorno financeiro, dentre outros fatores supervalorizados.

Este trabalho se insere na mesma temática de estudo já iniciada pela pesquisadora, por ocasião da elaboração do trabalho de conclusão do curso de Psicologia (AMBLARD; DOLIF, 2006), o qual se dedicou a compreender os questionamentos oriundos das observações do *setting* desportivo. Naquele estudo discorria sobre a história do esporte e da premiação, desde o surgimento, na Grécia Antiga, até os dias atuais, relacionando-as aos dados coletados nas entrevistas com os atletas, os quais mencionaram o significado das suas experiências, bem como o cotidiano e os interesses de um atleta do alto rendimento.

Além deste estudo, o interesse da pesquisadora para estudar atletas do esporte de alto rendimento emergiu da vivência pessoal da mesma, da dedicação durante anos à prática desportiva da natação competitiva, e ainda, do gosto e interesse no assunto. Enquanto atleta pôde perceber algumas das dificuldades enfrentadas pela maioria dos atletas considerados do esporte de alto rendimento – diante desse contexto tão competitivo – em que as cobranças são lançadas ininterruptamente por diferentes segmentos: pais, treinadores, patrocinadores e a sociedade em geral. E, de modo particular, pôde compreender que a despeito dessas cobranças, o atleta, muitas vezes, experimenta satisfação com o seu desempenho, mesmo quando decorrida uma situação real de derrota, no caso considerada a situação em que não h a a premiação.

Essa situação, mais recentemente, tem sido discutida na Psicologia por meio dos conceitos de resiliência. Interessa-nos compreender tal constructo em relação aos atletas-adolescentes em desenvolvimento, no sentido de investigarmos como a imagem e autoconceito que revelam sobre si e suas experiências de vitória/derrota estão relacionadas aos conceitos que eles pensam que as suas famílias têm sobre eles, bem como sobre seus resultados esportivos.

Em estudo anterior, a pesquisadora verificou que atletas que foram campeões em dado momento e não conseguiram manter-se em uma trajetória de sucesso experimentaram uma mudança significativa no que representavam para a sociedade. Refletem, assim, sobre sua relação com o público, os familiares, os amigos, a equipe e os técnicos, pensando na importância e influência de suas vitórias para estas pessoas, tendo em vista a mudança de tratamento que vivencia mediante experiências de derrota. Portanto, não mais no pódio, o atleta busca perceber o quanto as suas experiências de vitória/derrota exercem influência na qualidade das interações sociais com os diversos segmentos (AMBLARD; DOLIF, 2006).

Vale ressaltar que, no esporte de alto rendimento, os atletas disseram que encontram momentos de glória vivenciados de forma tão intensa que, por vezes, as explosões de sensações e de sentimentos apresentam-se difíceis de serem traduzidas verbalmente, como se as palavras não fossem suficientes para expressar a euforia, a felicidade e a gratificação frente   vitória alcançada.

Investigamos, no presente estudo, como essas experiências e sentidos compartilhados nos grupos de atletas-adolescentes se expressam, pois, mesmo experimentando situações de vitória e derrota, a todo o momento, se mant m na prática esportiva, que exige abdiça o de outras atividades ou vivências diferenciadas da vida social, dedicação extrema   prática do esporte, bem como, por vezes, o distanciamento de suas famílias.

Percebe-se que, assim como no mundo globalizado, no qual as inovações são descartadas com um pequeno intervalo de tempo por equipamentos/máquinas ainda mais modernos do que os anteriores, no mundo dos esportes os “equipamentos/máquinas” são os seres humanos – atletas do alto rendimento, porém, a ideia do efêmero, do descartável, do ultrapassado, continua.

Diante do exposto, levantamos os seguintes questionamentos: Quais as RS da vitória/derrota construídas por atletas-adolescentes do esporte de alto rendimento? Há diferenças nas RS da vitória/derrota compartilhadas pelos atletas do esporte de alto rendimento nas modalidades individuais ou coletivas? A perspectiva de gênero denota distintos sentidos das RS diante de experiências de vitória/derrota?

Embora a notoriedade do esporte de alto rendimento seja evidente nesta contextualização de sociedade, poucos estudos na área da Psicologia contemplam tal assunto e, portanto, a escassez de literatura na área torna ainda mais pertinente o presente estudo. Além disso, a elaboração desse trabalho no momento atual, por um lado demonstra compatibilidade com o que vem sendo pensado na Psicologia como ciência, como se expressa na proposta de pesquisa de agosto/2010, iniciada pelo Conselho Federal de Psicologia sobre as políticas públicas em Psicologia do Esporte; e por outro lado, a posição da Psicologia como profissão diante da realização próxima de dois grandes eventos esportivos no nosso país: a Copa do Mundo (2014) e os Jogos Olímpicos (2016).

A diversidade de experiências individuais e coletivas vivenciadas pelos atletas-adolescentes, a partir dos fenômenos de vitória/derrota, dá sentido à realidade social, produz identidades, organiza as comunicações e orienta condutas, como preconizado pela Teoria das Representações Sociais – TRS (Moscovici, 2009), referencial teórico que fundamentou o presente trabalho. A adoção da TRS para estudos dessa natureza se dá pela possibilidade de compreender as trocas comunicativas e estas influências nos modos de ser e agir no mundo, compreendidos na perspectiva psicossocial.

Acreditamos que o presente trabalho poderá fomentar práticas voltadas à atividade física, esportiva e de lazer, bem como contribuir com reflexões acerca do cenário socioeconômico atual que traz à tona a competitividade e fortalece, ainda mais, a concepção do esporte voltado para o resultado. Assim, pretendemos atrair a atenção dos profissionais atuantes no esporte de alto rendimento (como psicólogos, técnicos, fisioterapeutas, dentre outros), para que os resultados apresentados nessa pesquisa possam contribuir às suas práticas, tendo em vista a possibilidade de tomar conhecimento acerca dos sentidos atribuídos às vivências de vitória/derrota pelos atletas-adolescentes e, desta forma, entender e melhorar

lidar com eles. Do mesmo modo, julgamos ser este conhecimento importante aos próprios atletas para que estes possam refletir sobre si mesmos e suas experiências no esporte, bem como aos seus familiares, tendo em vista ainda o envolvimento e influência que estes têm ou exercem sobre os primeiros.

À Psicologia do Esporte, acreditamos que esse conhecimento também é de grande valia, tendo em vista as diversas pesquisas relacionadas à área e que denotam preocupações voltadas ao psiquismo dos atletas, os fatores psicológicos que, especialmente nas situações competitivas, parecem ter grande influência.

Este trabalho é composto por quatro capítulos teóricos e um capítulo empírico. No primeiro capítulo, discutimos sobre as práticas esportivas em um contexto geral, no qual retomamos desde a história do esporte ao estado atual que este apresenta no Brasil. Nesse ínterim, abordamos questões relacionadas à competitividade exacerbada e a cultura de consumo que permeiam nossa sociedade e, conseqüentemente, demonstram grande relevância no contexto esportivo. Vale salientar ainda que foi dada ênfase ao esporte de alto rendimento, por este ser foco do presente estudo.

O segundo capítulo discorre acerca da adolescência e suas nuances, quando pensamos sobre essa temática numa perspectiva sócio histórica, que permite um olhar voltado ao atleta-adolescente, atuante em dado cenário cultural e histórico.

No terceiro capítulo, tratamos da TRS por meio de um apanhado histórico e discussão de outros aspectos importantes da teoria, como os processos de construção das RS, suas funções, e as abordagens que auxiliaram no desenvolvimento da mesma. No caso da abordagem estrutural de Abric, demos maior atenção por embasar as discussões e análise dos dados.

A metodologia utilizada no estudo é explicitada no quarto capítulo, no qual anunciamos a natureza da pesquisa realizada, bem como os procedimentos adotados na construção dos dados e os cuidados éticos relacionados a esta prática.

O quinto capítulo se refere à análise dos dados, no qual apresentamos o campo da pesquisa, seus participantes e os resultados interpretados.

Por fim, tecemos algumas considerações, apontando os principais resultados e sugestões para novas pesquisas, levantadas mediante a limitação deste estudo em se aprofundar em determinadas questões.

1 PSICOLOGIA E PRÁTICAS ESPORTIVAS

1.1 A história do esporte

O esporte faz parte do dia-a-dia de bilhões de pessoas ao redor do planeta, dentre atletas e espectadores, e este não é um fenômeno apenas contemporâneo. As práticas esportivas podem ser referendadas a partir de seu percurso histórico, bem como por meio dos processos de interação social presentes entre os grupos nos diferentes contextos sócio culturais. O fenômeno esportivo, portanto, requer o aprofundamento acerca do cenário em que foi construído e a reflexão sobre aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais que têm relevância nas repercussões que as práticas esportivas assumem na vida das pessoas, o que contribui na consagração das expressões deste fenômeno na atualidade.

Em um recorte temporal tem-se que o esporte obteve destaque social nos Jogos Olímpicos, na Grécia Antiga, onde a prática esportiva era percebida como a única atividade que, mesmo gerando suor, causava orgulho aos cidadãos (CABRAL, 2004). Os gregos promoviam competições em Olímpia para homenagear Zeus, o rei dos Deuses. Os Jogos ocorriam a cada quatro anos e, durante sua realização, era proclamada uma trégua sagrada, responsável por determinar o fim imediato de todas as guerras e de outros conflitos em território grego, ou seja, os esportes respondiam pelo hiato dos conflitos sociais trazendo a possibilidade de um pacto de paz.

Desde os primórdios da civilização, podemos dizer que as pessoas davam especial atenção às disputas esportivas, inclusive com valorização diferenciada àqueles que ali venciam. O prêmio pela vitória era uma folha de palmeira e uma coroa de ramos de oliveira, retirada de um local próximo ao altar de Zeus:

Como bem sabeis, a coroa olímpica é um simples ramo de oliveira. Muitos o prezam mais do que a própria vida; não porque as oliveiras plantadas tivessem algo de especial, mas, unicamente, porque aquela coroa não era fácil de conseguir nem se conquistava com um feito de importância secundária. (UMMINGER, 1968, p. 29)

A vitória nos Jogos Olímpicos, portanto, consagrava o atleta e proporcionava a ele uma recepção de herói no retorno à sua cidade de origem. Os demais benefícios reservados a um campeão olímpico deixariam um campeão amador moderno em um patamar de inferioridade, pois o vencedor tinha a garantia de isenção de impostos até o fim de sua vida; em determinadas cidades, recebia pensão vitalícia; nos teatros, ocupava um lugar de honra

sempre que desejasse; e, em Atenas, além de receber uma quantia em dinheiro como prêmio, ainda tinha o direito de obter uma estátua em tamanho real em Olímpia, na maioria das vezes custeada pela sua cidade natal. Desta forma, não se tratava de um exagero poético, quando Píndaro cantou no seu hino olímpico: “Quem ali vencer, goza pelo resto da vida de uma calmaria doce como o mel” (UMMINGER, op. cit., p. 30).

De acordo com os registros oficiais, a celebração dos Jogos Olímpicos durou de 776 a.C. a 393 d.C. Entretanto, a decadência dos Jogos Olímpicos da Era Antiga teve início em 456 a.C., quando os romanos invadiram e dominaram a Grécia. As disputas, antes cordiais, passaram a ser vistas como combates, instantes de violência, corrupção e “boicote”, deixando de lado o espírito original de integração. Na tentativa de censurar e condenar os Jogos Olímpicos, filósofos, poetas, oradores e escritores tomaram a palavra para impedir que o idealismo, a sede de sensação, a ânsia de glória e a cobiça morressem. Assim, o local de tanta grandeza continuou a irradiar o seu prestígio e conservar a sua história duradoura por mais algum tempo (CABRAL, 2004; UMMINGER, 1968).

A última Olimpíada da Era Antiga foi disputada em 393 d.C., quando o Imperador Romano Teodósio proibiu a adoração aos deuses, por se tratar de uma atividade pagã, o que o levou a cancelar os Jogos.

Mediante a proibição das competições, a celebração dos Jogos Olímpicos ficou extinta por cerca de 1500 anos. A sua recriação foi possível graças aos esforços do pedagogo e esportista francês, Barão Pierre de Coubertin, que viu no esporte, sobretudo nos ideais olímpicos gregos, a possibilidade de reformar o sistema educacional da França. Coubertin defendeu a necessidade de criação de um órgão internacional, responsável pela unificação das diferentes disciplinas esportivas e também pela promoção, a cada quatro anos, de uma competição internacional entre atletas amadores, ampliando aos outros países a experiência que havia ocorrido na história grega, naquela época, com o poder de sanar conflitos internacionais e estimular a convivência humana.

Em 1894, formou-se o Comitê Olímpico Internacional (COI), entidade máxima do esporte mundial, que trazia como base a ser seguida os princípios fundamentais do Olimpismo, entendidos como,

[...] uma filosofia de vida que utiliza o esporte como instrumento para a promoção de paz, união, respeito por regras, adversários, diferenças culturais, étnicas e religiosas. Sua base é formada pela combinação entre esporte, cultura e meio ambiente. O objetivo é contribuir na construção de um mundo melhor, sem qualquer tipo de discriminação, encarando o esporte como um direito de todos. Tem como ideal a participação em massa, a educação, a integração cultural e a busca pela excelência através [sic] do

esporte. Seus princípios são a amizade, a compreensão mútua, a igualdade, a solidariedade e o "fair play" (jogo limpo) [...] (COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2010).

O *fair play*, denominado também “jogo limpo” ou “ética esportiva”, constitui-se em um conjunto de princípios éticos orientadores da prática esportiva dos atletas, bem como de todos os envolvidos com o espetáculo esportivo. Nesse sentido, o Olimpismo mostra-se, portanto, para além do esporte, ou seja, apresenta-se capaz de fazer com que seus ideais perpassem os contextos esportivos, sugerindo aplicabilidade à vida das pessoas, ao seu cotidiano. Na Carta Olímpica, ficam explícitos os princípios básicos do Olimpismo, e ainda a definição acerca da organização e funcionamento do Movimento Olímpico, simbolizado pelos cinco anéis nas cores azul, amarelo, preto, verde e vermelho, que, por sua vez, fazem alusão aos continentes e, portanto, à união entre eles, explicitada por meio do entrelaçamento que os une (TUBINO, 2007; COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2010).

O surgimento do lema do ideal olímpico “Citius, Altius, Fortius”, cuja tradução é “o mais rápido, o mais alto, o mais forte”, resume a forma que os atletas devem se portar para atingir e superar os seus objetivos, considerando-se como sinônimo de vitória, dar o melhor de si, e não necessariamente ficar em primeiro lugar. Entretanto, no decorrer do percurso histórico das práticas esportivas, percebe-se a importância dada a esta posição no *ranking*, nos mais variados segmentos.

De imediato, podemos pensar os Jogos Olímpicos de 1936, realizados em Berlim, na Alemanha, escolha esta concretizada dois anos antes dos nazistas chegarem ao poder, mas que Hitler já planejava tirar o máximo de proveito da ocasião, na tentativa de demonstrar ao mundo a superioridade da “raça” ariana, vencendo as disputas. Para Hitler, o esporte [...] era um instrumento importante para a disciplina e o espírito de camaradagem, e que as vitórias da Alemanha nas diferentes modalidades eram uma ótima propaganda para o país (SMIT, 2007, p. 25).

E, embora diversos comitês olímpicos tenham contestado contra a sede dos Jogos, certos de que o antissemitismo era aplicado ao esporte com o mesmo fervor com que o fazia em outros campos, as Olimpíadas aconteceram, como previsto, mediante toda uma encenação por parte do regime nazista. Avery Brundage, presidente do Comitê Olímpico dos Estados Unidos, na época, convenceu-se de que os judeus também poderiam competir nos esportes alemães. “Não poderia haver mentira maior. A segregação havia sido oficializada pelas leis de Nuremberg em setembro de 1935: com os direitos civis extirpados, cidadãos judeus e parcialmente judeus deveriam ser banidos das organizações esportivas” (SMIT, op. cit., p.

28). Brundage, por sua vez, tinha pretensões de seguir com o que o barão Pierre de Coubertin havia previsto, em 1986, quando trouxe os Jogos à tona novamente, isto é, a realização das Olimpíadas a cada quatro anos.

Hitler também teve que ceder a determinadas concessões para que os Jogos não fossem cancelados pelo COI, como a retirada de cartazes antissemitas que se espalhavam por todo o país. O racismo também se fazia muito presente, e até mesmo durante a realização dos Jogos percebia-se a diferença de tratamento oferecida aos negros, inclusive nos instrumentos midiáticos responsáveis por transmitir notícias sobre este evento. O grande nome dos Jogos da Alemanha, todavia, foi Jesse Owens, atleta norte americano de atletismo, negro, que também era reverenciado pelo público alemão, de modo geral, por seus feitos. Vale salientar que este atleta ganhou quatro medalhas de ouro nesta edição dos Jogos, o que nos faz pensar no impacto que o esporte e a premiação têm na vida das pessoas, daqueles que assistem ao espetáculo, que passam a ver de forma diferenciada os vitoriosos, podendo deixar de lado preconceitos e princípios políticos.

Outro aspecto marcante nessas Olimpíadas refere-se ao movimento de proprietários de uma empresa de calçados, os irmãos Adi e Rudolf Dassler, em divulgar os seus sapatos, produzidos especialmente para o exercício dos esportes. Nesse empreendimento, havia excessiva preocupação com a modalidade esportiva a ser praticada, e a elaboração de um calçado que melhor atendesse àquela demanda e, assim, oportunizasse o melhor desempenho possível aos atletas nas competições. A procura por atletas de destaque que pudessem usar os sapatos da empresa (na época, Gebrüder Dassler) era constante, devido ao fato de se ter pensado na proposta de aliar a imagem de um atleta campeão à marca de um calçado, que visava à expansão comercial (SMIT, op. cit.).

De fato, após as Olimpíadas de Berlim, e graças a *performance* de Owens, com os tênis referendados, a quantidade de vendas realizada foi muito superior, o que fez com que os irmãos alemães explorassem ao máximo o sucesso da dupla (atleta/calçado), coroada com tantas vitórias. A forma de organização da sociedade valoriza a vitória e, ao mesmo tempo, impõe um padrão de comportamento que privilegia o melhor, o mais habilidoso. Para Rúbio (2001), os vencedores passam a ser considerados grupos de referência na sociedade e, em especial, também para aos perdedores, contribuindo para a disseminação de um tipo de conduta voltado para a *performance* exitosa.

Os sentidos positivos e negativos perpetuados a partir da vitória/derrota dos atletas são percebidos de imediato e, no ramo dos negócios, passaram a ser explorados pela comercialização de sapatos, que se tornou também mais competitiva quando, por dificuldades

relacionadas ao período pós-guerra aliados a conflitos familiares houve a cisão dos irmãos Dassler: em 1948 e, partir daí, houve o registro de duas novas empresas: a Adidas e a Puma, também especializadas em calçados esportivos.

A preocupação inicial parecia ser produzir rapidamente novos protótipos de sapatos, aliados a uma marca já estabelecida. A função do novo logotipo era possibilitar que, de longe, o público e a mídia pudessem identificar o calçado ali utilizado por atletas de renome, que, certamente, fariam grandes feitos na arena esportiva. A relação imediata seria entre o atleta, a vitória e a marca do calçado utilizado. Posteriormente, as imagens que comprovavam tal fato estariam estampadas nos jornais e revistas esportivas, auxiliando diretamente as empresas responsáveis a vender mais os produtos relacionados.

Aos poucos, esse cenário começou a ficar mais profissional, especialmente devido à clara rivalidade existente entre Adidas e Puma, no sentido de os atletas perceberem os ganhos secundários que poderiam ter com essa disputa entre as marcas, e se aproveitarem disso. Nesse período, um acordo firmado com um atleta garantia a ele, caso se sagrasse campeão em sua especialidade, uma vultosa quantia em dinheiro, e foi o que aconteceu. Deste modo, tornou-se evidente que, após aquelas Olimpíadas em Roma, no ano de 1960, o tratamento atleta/empresa seria modificado por este acontecimento, afinal, os demais atletas beneficiados também tentariam obter o máximo que pudessem da rivalidade que os favorecia.

Na medida em que os atletas começaram a receber um pagamento para competir, uma nova cultura passou a ser construída, a partir de valores capitalistas, tornando-se cada vez mais nociva ao esporte amador que, aos poucos, demonstra o que há de melhor e de pior, com acordos realizados às escuras, tentativas de suborno nas quais as partes denotavam interesses ligados à economia, e ganhos conquistados de forma ilícita (FOER, 2005).

A violação de regras torna-se, portanto, explícita no esporte “amador”, e os dirigentes se omitem de dar qualquer tipo de punição àqueles atletas que recebiam salários de clubes ou patrocinadores para competir, por exemplo, devido ao fato das competições virem a se tornar disputas de segunda classe, caso eles não participassem. Tal realidade nos leva a crer que os preceitos teóricos que determinavam o esporte de alto rendimento passaram a não ser respeitados, em prol dos praticantes que acumulavam um histórico de vitórias.

As práticas percebidas nesse meio contrariam os princípios do Olimpismo, mediante a realidade apresentada, de abolição do amadorismo e da reformulação do conceito de *fair play* que já não era mais seguido na íntegra devido à transformação na organização do esporte de alto rendimento, ocasionada pela profissionalização.

Contratos de exclusividade passaram a ser foco de atenção entre atletas e empresas, pois, desta forma, aos primeiros não seria permitido o uso de outra marca, por determinado período de tempo, e graças ao recebimento de dada quantia em dinheiro. Percebe-se, assim, um verdadeiro negócio comercial que dá origem a uma indústria multimilionária de promoção, e que “[...] induziu outras empresas a investirem no esporte, pagando os jogadores de maneira informal para promover seus produtos” (SMIT, 2007, p. 132). Entretanto, com o tempo, as empresas passam a ver prejuízos nos contratos de exclusividade firmados sem medida, pois a mídia se concentrava apenas nos jogadores de futebol mais destacados, que haviam se tornado verdadeiros astros, em detrimento dos demais.

Verifica-se, portanto, o modo de seleção da mídia, preocupada em resgatar momentos únicos dos vitoriosos e, assim, mostrar ao público o que, de fato interessa-lhes, os vitoriosos, vistos como grupos de referência. A este respeito:

As expectativas geradas em torno do esporte levam a determinados padrões de comportamento que irão, de certa forma, influenciar e por vezes determinar a conduta daqueles que optam pela sua prática. Afirmaríamos que essa é a razão porque em torno de uma modalidade específica, e do esporte como um todo, desenvolve-se um conjunto de práticas coletivas e comportamentos individuais chamadas pelo senso comum de cultura esportiva (RÚBIO, 2001, p. 47-48).

As práticas evidenciadas nas modalidades individuais e coletivas sugerem sentidos diferenciados, tendo em vista a interação social entre seus participantes, e as diversas possibilidades que lhes são possíveis, mediante o cotidiano de suas atividades. A partir da cultura construída acerca das práticas esportivas, determinadas condutas passaram a ser reforçadas e, certamente, estas estão relacionadas às vitórias. Ao sucesso, foi associada a lógica consumista, explicitada pelo desejo dos atletas quererem sempre mais, e estarem constantemente insatisfeitos com os seus desempenhos em uma cultura que se consolida pelo fomento a superação de marcas e feitos esportivos.

Desse modo, a vitória é o objetivo dos atletas. Quando esta não acontece, parece restar aos sujeitos à experiência da derrota, vivida com sofrimento. A mídia, por outro lado, quando se refere às derrotas, abstém-se a expor atletas já consagrados por uma trajetória repleta de vitórias e que, em dado momento, vieram a perder. Essas situações, por vezes, parecem chamar mais a atenção dos veículos midiáticos do que em casos de vitórias.

Com esta cultura se vai firmando um cenário de consumo estendido aos esportes em geral e ao próprio corpo dos atletas, como será apresentado a partir do próximo item.

1. 2 Cultura de consumo e corpo esportivo

Retomando ao cerne dessa acirrada competição fora das arenas esportivas, tem-se que de posse de um slogan ‘Adidas, o calçado dos campeões’, a marca traduzia aos consumidores a expectativa de que aqueles calçados trariam a todos os que o usassem a consagração da vitória, ou ainda, uma aproximação de seu ídolo, neste contexto, visto como um referencial a ser seguido. Deste modo, o marketing esportivo se fez presente: “Os pequenos anúncios colocados em revistas de esportes invariavelmente mostravam o desenho do distinto calçado de três listras e uma referência a algum triunfo esportivo conquistado recentemente” (SMIT, 2007, p. 57).

Com o tempo, o aperfeiçoamento dos produtos disponibilizados e a procura de seus empreendedores para que atletas destacados pela mídia por suas vitórias o usassem, forçava relacionamentos com dirigentes esportivos, técnicos e os próprios atletas. A qualidade da relação estabelecida, por vezes forjada, tinha influências nessa escolha, entretanto, o principal fator que, inicialmente, discriminava o uso daquele produto ou de outro se relacionava ao atendimento das necessidades do atleta em questão, até então reconhecidas pela adaptabilidade do material fornecido para o uso.

Em meados de 1950, a Adidas e a Puma já eram duas empresas consagradas, responsáveis pelo fornecimento de produtos de clubes de futebol, e até mesmo de seleções nacionais. Todavia, a atenção dada ao marketing das empresas era cada vez maior. O palco para a divulgação de seus calçados eram os Jogos Olímpicos, até então percebidos por uma perspectiva amadora, em que

Os atletas não poderiam receber quantia em dinheiro por seus méritos esportivos. Da mesma forma, os fabricantes de equipamentos não deveriam explorar o potencial comercial de seus clientes: nas propagandas, eles eram forçados a esconder a identidade dos atletas borrando os rostos ou colocando uma faixa preta sobre os olhos. [...] As mesmas normas se aplicariam às roupas dos atletas; isso se elas tivessem entrado na discussão. Nenhum fabricante de produtos esportivos havia pensado em produzir roupas, e seria evidentemente impensável fazer publicidade no peito de um atleta olímpico. As camisas usadas pelos esportistas eram fornecidas pela federação de cada país e traziam apenas o emblema da nação (SMIT, op. cit., p. 81).

Mesmo com tantas restrições, a possibilidade de doar calçados aos atletas parecia pertinente e bastante rentável também, em longo prazo. “Não haveria publicidade melhor para o negócio do que uma multidão de atletas cruzando a linha de chegada em primeiro lugar usando calçados com as três listras” (SMIT, op. cit., p. 82). Ao final das Olimpíadas,

contabilizou-se que mais de 70% das medalhas conquistadas nos Jogos de Melbourne (1956) foram conquistadas usando os sapatos da Adidas. Assim, percebe-se uma preocupação com o *ranking* das empresas fornecedoras de materiais, dando a impressão de que as melhores marcas eram aquelas usadas pelos campeões e, nesse caso, por um percentual muito elevado destes.

De certo, foram as que mais apareceram na mídia, pois “o calçado criado para as Olimpíadas parecia ter sido feito para ser fotogênico: contra as gáspeas brancas, as três listras verdes atraíam o olhar em qualquer foto em que apareciam” (SMIT, op. cit., p. 84).

Este contexto funda as bases de um novo ideário cultural ao corpo dos atletas em particular e das pessoas em geral. Um contato rápido e interativo com instrumentos que auxiliam na “construção” de imagens de corpo, bem como na disseminação de ideais de beleza, do que é ser atleta e do esporte, portanto, passa a ser difundido na população. Assim, diversos produtos são apresentados às camadas sociais e relacionados, mediante a veiculação de grandes espetáculos, à imagem de um verdadeiro herói, do viver bem, estar bem consigo e ser vitorioso. Assim,

[...] Surge em nossos dias um conjunto de multimídias que se prolifera em escala vertiginosa. Através delas, toda invenção reproduz-se em cadeia, de modo que se perde a noção de seu ponto referencial da gênese. Quem emite agora a mensagem? Quem é responsável por determinada marca de camisetas: quem as usa, quem fala delas no vídeo ou a TV que veicula a propaganda? Quem é o produtor da ideologia? Quem faz a imagem de publicidade? [...] (MOREIRA; SIMÕES, 2000, p. 193).

A repercussão desse ideário nos faz pensar que, também no esporte de alto rendimento praticado pelos atletas-adolescentes, há um padrão de estética corporal a ser atingido, sinalizado pela moda aplicada às diferentes modalidades que, quando não tem seus produtos disseminados pelos veículos midiáticos, dizem respeito às invenções criadas pelos próprios adolescentes e se relacionam aos cortes e pinturas de cabelo, estilos diversos de vestir e interagir, como forma de se posicionarem enquanto grupos e numa função de identidade (CALLIGARIS, 2009).

Torna-se, portanto, difícil não pensar nessa realidade como um processo no qual a competição e a eficiência norteiam as práticas atuais, pois os produtos são fabricados a partir da rentabilidade, praticidade e do caráter descartável que os constitui e mobiliza o mercado de consumo. E, assim, são difundidos por meio dos meios de comunicação sobre o que é preciso ser feito, no que diz respeito à busca de detalhes, para a obtenção de sucesso no meio esportivo, tais como: roupas com materiais especializados, pisos que absorvem impactos,

piscinas com raias anti-marolas, etc., e ainda estruturas arquitetônicas elaboradas com o intuito de beneficiar tanto aos atletas com a melhor tecnologia existente em prol da sua performance, quanto ao público que tem a oportunidade de assistir a um espetáculo esportivo em moldes profissionais, com cenários cada vez mais sofisticados.

Assim, as imagens de corpos e atividades esportivas parecem ganhar cada vez mais espaço, tendo em vista o seu caráter imediatista e de perpetuação que parecem compreender um conjunto de valores pelos quais vale a pena lutar, pois se relacionam a um ideal de sociedade que traz sentidos variados aos objetos sociais. Nesta direção,

O recurso das imagens presentificam o que nunca vimos antes, e que, em muitos casos, nunca existiram. Tênis se transformam em panteras, levando ao sentido de agilidade, de resistência, enquanto com um simples giro, um homem se transforma em onça. Efeitos especiais que produzem a polissemia das imagens. Sentidos que incitam ao consumo (MOREIRA; SIMÕES, p. 194).

1.3 Cultura corporal e qualidade de vida

Segundo Rechia (2007), o conceito de qualidade de vida se estende às questões de sobrevivência, reforçando os aspectos qualitativos das condições da existência. Portanto, além de qualidade de vida estar atrelada à qualidade do ambiente, também se refere

Às formas inéditas de identidade, de cooperação, de solidariedade, de participação e de realização, que entrelaçam a satisfação de necessidades e aspirações derivadas do consumo com diferentes formas de realização, através [sic] de processos de trabalho e das atividades recreativas (LEFF, 2001 apud RECHIA, 2007).

Nesse sentido, o esporte de lazer ou participação parece contemplar tais condições, entretanto, na esfera do alto rendimento, a situação é bem diferente. Rúbio (2006) refere que, nesse contexto, o corpo é transformado em instrumento de trabalho e que, sendo assim, necessita produzir em alta quantidade (treinos e competições) e qualidade (resultados expressivos). O atleta do esporte de alto rendimento passa a ser visto, portanto, como um novo trabalhador, que faz o seu corpo funcionar de acordo com princípios tayloristas e fordistas.

Segundo Antunes (1995), o Taylorismo e o Fordismo se constituíram em formas de organização da produção industrial que, no século XX, revolucionaram o trabalho fabril, imprimindo um ritmo de trabalho muito elevado à referência que se tinha, ocasionado pela

divisão de tarefas entre os funcionários, e a sua realização em tempo rápido. O operário deveria desempenhar a sua função no menor tempo possível; desta forma, não era mais necessário pensar no seu trabalho, mas apenas reagir aos movimentos que o ritmo de trabalho impunha ao seu corpo. Tais modos de produção provocaram a especialização do trabalhador em apenas uma área, sem que este tivesse conhecimento de todo o processo para se chegar ao resultado final. Dessa forma, importava a produção em massa, por meio do controle do tempo de execução, que precisava ser sempre superado.

Assim como no mundo do trabalho, o esporte de alto rendimento exige de seus atletas um refinamento de treinamentos e habilidades para que ele se sagra vitorioso nas competições. O objetivo é sempre o mesmo: a alta produtividade e o consequente sucesso. Nesse processo, por vezes, percebemos que a subjetividade humana não é considerada, tendo em vista o alto nível de exigência implicado e os significados emocionais relacionados a tentativa constante de superação, a partir de seu próprio esforço.

Nesta contextualização, percebe-se uma condição de mal estar, de falsa saúde instaurada e proposta pelo esporte de alto rendimento, pois o ritmo frequente e intenso de treinamentos não é solicitado mediante a preocupação com a qualidade de vida, nem tampouco com os fins recreativos que a prática esportiva pode proporcionar. Ao atleta do alto rendimento é consagrado um ideal de beleza e saúde que não são condizentes com a prática, atingindo

[...] aspectos que desvirtuam as suas relações com a saúde através [sic] do exagero do esforço, a utilização do *doping*, a sujeição política, o valor econômico da transação pessoal como venda de mercadoria humana. Enjaulados num profissionalismo rentável, cria-se nos praticantes uma noção específica de *saúde* e o *bem estar* acaba por ser assumido como impossibilidade de admitir o mal estar (MORENO, 1991, p. 34).

Sobretudo porque o foco desse estudo é voltado aos atletas-adolescentes, preocupamo-nos acerca dos sentidos compartilhados pelos sujeitos sobre saúde, bem estar e beleza, tendo em vista a aproximação dos sujeitos com os ideais cultuados pela mídia acerca da imagem corporal, e pela pressão exercida sobre eles para que atinjam um corpo adulto idealizado. Afinal, como esses atletas-adolescentes se percebem e se sentem mediante tamanha pressão pela produção do rendimento também em função da estética, que é condizente com a prática esportiva? Pensamos que tal vivência do alto rendimento pode aprisionar os atletas-adolescentes tanto no que diz respeito ao rendimento e a competitividade, quanto no tocante do culto ao corpo, por vezes, idealizado também com a recorrência ao *doping*.

Moreira e Simões (2000) fazem alusão a um processo de metamorfose para falar das sociedades contemporâneas, dos meios de comunicação de massa e de outros avanços tecnológicos produzidos pela humanidade, que nos bombardeiam de informações a todo o momento, e nos solicitam uma resposta cada vez mais rápida e específica, adentrando a uma perspectiva voltada ao resultado, independente do processo e das condições vivenciadas para se atingir os objetivos estabelecidos. Tal necessidade ou desejo de mudança com rapidez provoca a construção de uma prática negativa ao corpo e ao desenvolvimento, como se verá no próximo item.

1.4 Corpo e *doping*

Um contraponto negativo a esta cultura emerge quando, na sociedade de consumo, a beleza impera e, em todos os segmentos a que esta se relaciona, há um ideal a ser seguido. Para Bento (2009), a “boa forma” é um ideal que certamente não será atingido por estar relacionado à necessidade constante de melhorias e esforço e, portanto, a um padrão de perfeição inatingível. Tal modelo idealizado faz alusão não apenas ao corpo, mas também a possibilidade de um resultado que chegue o mais próximo do limite físico. Para atingir a superação, muitas vezes, o uso de *doping* surge como uma possibilidade real. Com ele, pode-se perceber a deformação corporal posterior e o confronto com possíveis danos à saúde dos atletas, entretanto, por vezes, o resultado imediato a qualquer custo parece ser o aspecto mais valorizado.

Tal prática abusiva do esporte, ocasionada pela utilização de substâncias lesivas à saúde do atleta, não se distancia dos atletas-adolescentes que estão inseridos nesse contexto de competição. Para Bock (2004), os adolescentes são cobrados por uma cultura que valoriza apenas o adulto produtivo, e não dá o real sentido/valor à infância, adolescência e velhice, vistas por um viés de improdutividade para estes novos padrões.

Nesse sentido, uma aproximação às condições que proporcionem aos adolescentes determinadas vivências, o mais rápido possível, antes de chegar à vida adulta, parece ganhar importância quando os atletas-adolescentes se sentem prontos para atuar no esporte de alto rendimento. Tal prontidão pode ser caracterizada também por uma autorização informal ao uso de drogas ilícitas com fins competitivos e de alcance de resultados mais expressivos. Afinal, nesse contexto, aquele que consegue conquistar os maiores êxitos é o mais valorizado, o que o faz ser, de certo modo, estimulado ao uso, silencioso, dessas substâncias.

O antagonismo, portanto, é percebido quando refletimos sobre o uso de drogas realizado por adolescentes que não estão inseridos no esporte de alto rendimento, o que faz com que ele seja caracterizado como o adolescente toxicômano ou delinquente e, rapidamente levado à categoria de exclusão (CALLIGARIS, 2009). Parece que no meio esportivo, apesar do uso de drogas/*doping* ser visto a partir de um viés antidesportista e, quando confirmado, ser punido pelas instituições responsáveis por esse controle, há uma justificativa (implícita) para tal prática, como se esse fosse um caminho necessário para se atingir determinado patamar enquanto atleta.

Casos de *doping* já foram comprovados em atletas-adolescentes, concretizando uma inserção “[...] na sociedade como parceiros fortes, criativos, cheios de projetos de futuro” (BOCK, 2004, p. 39) que, embora estejam transgredindo regras e agredindo a si mesmos, em determinados momentos fazem esse uso com fins de produção de resultados e, de fato, começam a pensar na prática desportiva como forma de realização pessoal. Realização, aqui, de projetos de vida muitas vezes reforçados pelas RS de vitória/derrota e que, como tais, têm por função atuarem como orientadores de conduta.

Pensamos, portanto, que os sentidos destas representações podem estar relacionados à superação e, por vezes, à busca por alternativas, mesmo danosas, que possam facilitar esse caminho. Não podemos negar, aqui, o consentimento de outrem que lhe autoriza e se responsabiliza, pois o percebe como “pronto”, deixando de lado inclusive, aspectos imprescindíveis ao desenvolvimento humano que fazem jus à saúde física e psíquica dos indivíduos de forma geral. Dessa maneira, “A angústia da derrota ou a aceitação de *doping* situam-se na faixa do imperialismo para a vitória e desencadeiam a situação de um *bem estar* cuja existência só é admitida pela vertente da rampa imediata para a angústia” (MORENO, 1991, p.37).

Vale salientar que a recorrência ao *doping* tornou-se, para muitos atletas do alto rendimento, um caminho facilitador na obtenção de seus objetivos, pois, nos moldes que regem a sociedade atual e, mais especificamente, o esporte de alto rendimento, no qual os seus praticantes são avaliados a partir de seus resultados nas competições, o “chauvinismo da vitória”, isto é, a vitória a qualquer custo, ganha notoriedade, em detrimento do *fair play* (TUBINO, 2006). Como exemplo disso, antes dos Jogos de Sidney (2000), incluiu-se, no

juramento¹ do atleta uma menção à prática de um esporte sem *doping* e sem drogas, realidade já percebida e que, em consequência, provocou mudanças nos aportes teóricos do Movimento Olímpico, que fundamentam as práticas esportivas competitivas. Em particular, a cultura e a idealização corporal do esporte de alto rendimento têm marcas e repercussões na questão de gênero, considerando-se que feminino, na sociedade brasileira, apresenta tipificações valorizadas que, muitas vezes, se distanciam dos referenciais presentes no contexto esportivo.

1.5 Cultura corporal, esporte de alto rendimento e gênero

Uma investigação respaldada nas diferenciações de gênero parece pertinente, pois possibilita vivências também distintas de aprendizados e experiências de vida, segundo o contexto sócio-cultural do qual os sujeitos fazem parte.

Como sabemos, a socialização e as relações de gênero são processos absolutamente fundamentais para definir quem nós somos, para a construção da identidade, para a determinação do que podemos ou não pensar, do que podemos ou não fazer, do “como agimos” e do “por que agimos”. Desde as maneiras de vestir, de falar, passando pelos trejeitos corporais, as formas de andar, de comer, de se portar, chegando aos modos mais amplos de como amamos, estudamos e trabalhamos, tudo isso é fortemente marcado pelo fato de sermos homens ou mulheres. Tudo isso depende de como a masculinidade e a feminilidade são construídas socialmente e a apreensão singular dessas construções (TRINDADE; SOUZA, 2009, p. 238).

As relações de gênero implicam, portanto, na aceitação de que a masculinidade e feminilidade ultrapassam a questão da anatomia sexual, incorporando normas e valores que referenciam como um homem e uma mulher devem ser e agir, ou seja, o que a sociedade na qual estão inseridos os autoriza a fazer. Nesse sentido, configura-se a permanente interdependência entre o biológico e o psicossocial em cada cultura específica, o que torna as categorias de gênero (feminino e masculino) continuamente reconstruídas pelas pessoas em suas interações. Consequentemente, há uma ressignificação também dos valores, papéis, atribuições e normas de interação entre os sexos (PINHEIRO V., 2001; DINIZ, 1999; TRAVERSO-YÉPEZ; PINHEIRO V., 2005).

¹ Juramento é um compromisso, afirmação ou promessa solene, pronunciado em público. Desde os Jogos Olímpicos de Antuérpia, em 1920, um atleta faz o juramento olímpico em nome de todos os participantes, durante a cerimônia de abertura (COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO, 2010).

Segundo Rúbio (2001), as mulheres não participavam das Olimpíadas da Antiguidade, nem tampouco da Era Moderna, apesar deste último período ser caracterizado também pela luta feminina por seus direitos, o que corrobora com a ideia de Galinkin e Ismael (2011, p. 522), de que “[...] desde os primórdios, afirmou-se o status diferenciado para homens e mulheres [...]”. A competição, o culto ao corpo e a prática de atividades físicas eram consideradas como possibilidades do universo masculino, relacionadas ao exercício do poder, coragem, virilidade e força (RÚBIO; SIMÕES, 1999). O papel da mulher estava limitado à premiação dos vencedores, o que demonstra a visão machista e preconceituosa daquela época, isto é, o tradicional estereótipo masculino-dominante e feminino-subalterno:

Uma vez que gênero é apreendido, transmitido ao longo das gerações e incorporado pelas diversas instituições sociais, esse aprendizado resulta em estilos, orientações e experiências distintas do mundo para homens e mulheres. A existência dessas duas posições impacta todos os aspectos da vida, tanto no nível individual – o funcionamento psicológico, o desenvolvimento físico, emocional, moral e as relações interpessoais – como no nível social, influenciando atitudes em relação às diversas esferas da vida cotidiana, às demandas que delas se originam e, conseqüentemente, às ações político-sociais que são implementadas para responder a essas demandas (DINIZ, 1999, p. 183).

As determinações de gênero configuram, portanto, contextos de interação específicos, e tem repercussão nos processos de subjetivação, circunscrevendo possibilidades e limitações (TRAVERSO-YÉPEZ; PINHEIRO V., 2005). Vale salientar que a participação das mulheres nas Olimpíadas de 1896, de fato, não aconteceu, entretanto, em 1900, Paris se tornou palco da primeira competição esportiva feminina, embora elas obtivessem o direito de participar de apenas duas modalidades: golfe e tênis, consideradas práticas esportivas que denotavam beleza estética e impossibilidade de confronto físico entre seus participantes.

Gradualmente, as mulheres se inseriram em mais modalidades e, assim, foram aceitas nos eventos esportivos de forma plena, contribuindo também à realização destes espetáculos. Entretanto, mesmo com todos os avanços conquistados por elas no campo esportivo, bem como no mundo profissional, percebe-se a diferenciação de tratamento nos prêmios e privilégios oferecidos, normalmente maiores, aos atletas masculinos (RÚBIO, 2001).

Nota-se que as questões culturais circunscrevem as práticas sociais e vice versa. Deste modo, referencia-se a mulher como sexo frágil, bem como se atribui ao homem adjetivos de ser forte e viril, desde a origem dos Jogos Olímpicos à sua evolução para os dias de hoje.

Vale salientar, ainda, a existência de dois esportes olímpicos praticados apenas pelo feminino: o nado sincronizado e a ginástica rítmica. Tais modalidades parecem relacionar a

beleza, graciosidade e delicadeza dos movimentos harmônicos à aparência tipificada do corpo feminino, embora as atletas também necessitem de muita força física e resistência para realizá-los. Já os homens, considerados fortes por “natureza”, são impedidos de praticá-los devido ao conjunto de adjetivos que representam o mundo masculino e que, certamente, se difere do feminino. Nesta perspectiva,

Para participar de esportes meninos têm que ser tradicionalmente masculinos, ou seja, fortes, impetuosos e agressivos. A possibilidade da mulher fazer parte desse mundo esportivo é menor, afinal, esporte nunca teve como finalidade tornar a mulher mais feminina (RÚBIO; SIMÕES, 1999, p. 55).

Percebemos, aqui, uma contradição entre o que é culturalmente reforçado pelo senso comum sobre o corpo feminino e a realidade da maioria das atletas do esporte de alto rendimento. Para estas, certamente, é aceita a condição de possuir um corpo “masculinizado”, ou seja, constituído por músculos volumosos e definidos, em prol da modalidade que pratica, bem como reforçada pelo desejo de ascensão no esporte de alto rendimento. Nesta direção,

Ainda que pareça óbvio afirmar que o corpo feminino se constrói de maneira diferente do corpo masculino, essa construção se dá reproduzindo valores e padrões adquiridos na convivência social. Vale lembrar que há uma enorme variação desses padrões de sociedade para sociedade num mesmo momento histórico, ou num mesmo grupo social ao longo de um período de tempo (RÚBIO; SIMÕES, op. cit., p. 53).

Verificamos, portanto, que o ideal de corpo atlético sugere particularidades bem evidentes relacionadas ao gênero, tendo em vista que o excesso de treinamentos modela o corpo feminino de modo que, muitas vezes, opõe-se ao ideal de beleza consentido pela sociedade, enquanto que determinadas modalidades esportivas não permitem a inserção de homens devido ao seu corpo masculinizado e “grosseiro”. Entretanto, sentidos compartilhados pelos atletas de forma geral parecem justificar e valorizar o corpo, de fato “construído” por meio do esporte de alto rendimento, diferenciando-os também dos demais.

Tais variações recebem influência do cenário predominante no contexto sócio histórico e, em particular, focaremos o cenário na atualidade.

1.6 Cenário atual das práticas esportivas

Mandel, citado por Tubino (1992), afirma que o esporte surgiu em um momento histórico marcado por condições particulares e foi modelado conforme princípios de uma sociedade regida pelo sistema liberal. O cenário socioeconômico atual, sedento de investimentos que sejam geradores de riquezas e que estimulem o crescimento econômico, traz à tona a competitividade. Afinal, o capitalismo visa aumentar os lucros, que move os capitais, produtivos ou especulativos, na arena mercadológica. Diante disso, a participação não se constitui, hoje, como o valor supremo da competição esportiva; a vitória, sim, pois a ela estão associados: o reconhecimento social, os ganhos financeiros e o desejo de permanência, menosprezando, portanto, qualquer outro resultado.

Rúbio (2006) também traz referências a esta organização da sociedade que valoriza apenas o campeão, o mais rápido, o mais habilidoso, sendo este um modelo a ser seguido pelos outros e admirado pelos perdedores, o que contribui, assim, na perpetuação de um tipo de conduta. Rúbio (2001) e Lovisolo (2000) fazem alusão à figura simbólica de um herói: “Se para a sociedade como um todo o referencial mítico do herói tem servido como parâmetro para justificar atitudes competitivas, no esporte essa referência ganha força redobrada, uma vez que a máxima para o atleta é a vitória” (RÚBIO, 2001, p. 12).

Nesse sentido, as discussões que envolvem os preceitos da filosofia olímpica, como o de *fair play*, ganham ainda mais notoriedade, por estarem inseridos em contextos sociais, culturais, econômicos e políticos completamente diferentes daqueles que lhes deram origem, mostrando, portanto, incoerência entre suas definições e as práticas vivenciadas, desde a ampliação do conceito de esporte e o domínio dos interesses econômicos.

Nesse contexto de sociedade moderna, corroborando com a ideia de inadequação do Olimpismo ao contexto atual, temas polêmicos tornam-se frequentes no esporte de alto rendimento, como o *doping*, a violência nas disputas esportivas e o suborno às entidades dirigentes do esporte. Preocupa-nos, em particular, esse cenário atual das práticas esportivas, considerando-se que o atleta-adolescente está em processo de desenvolvimento e, como tais práticas, intenções, interesses e cenário podem, de certa forma, trazer repercussões negativas ao seu desenvolvimento.

Os anúncios presentes ao redor do campo, o fortalecimento das indústrias de materiais esportivos, os patrocinadores, os direitos de transmissão comprados por emissoras televisivas, arranjos políticos, cifras bilionárias, inovações técnicas, celebridades internacionais e exemplos de superação apresentam a relação construída entre esportes e negócios, e

configuram o processo de globalização do esporte, que exerce influências sobre a mudança de estilo de vida da sociedade moderna e se mostra essencial para a construção das práticas esportivas atuais, especialmente do esporte de alto rendimento.

Mediante a realidade apresentada, os organismos internacionais passaram a contestar tamanho exagero e excitação com as disputas esportivas, o que também serviu de alerta aos governos sobre as novas responsabilidades no campo dos exercícios físicos, agora compreendidos como sinônimos de saúde e qualidade de vida e, conseqüentemente, como temário pertinente às políticas públicas para que todos a estes tenham acesso na perspectiva dos direitos humanos e das sociedades democráticas.

1.7 Práticas esportivas e democratização

Em 1966, o conceito de Esporte para Todos foi estabelecido pelo Conselho da Europa, na tentativa de promover o esporte na perspectiva da educação e do desenvolvimento cultural. Assim, a prática esportiva foi pensada a partir da ideia de propor benefícios ao maior número de pessoas possível. Enquanto movimento, na Noruega, no ano de 1967, o Esporte para Todos passa a ser difundido por meio de campanha denominada Trimm.

O Movimento Esporte para Todos passou a ser, portanto, disseminado em diversos países, como Suécia, Bélgica e Alemanha, e contribuiu para a aceleração das transformações nas práticas esportivas. Aos poucos, o movimento foi ganhando mais força e expandiu-se para a Europa, Estados Unidos e Canadá. O foco de discussão dizia respeito à nova filosofia de prática esportiva e a possibilidade de implantação de programas que viessem a contribuir a esse contexto (CAVALCANTI, 1984).

Apenas a partir de 1973, passou a existir interesse em disseminar também no Brasil essas outras possibilidades de realização do desporto. Dois anos depois, outras campanhas passaram a fazer parte do cotidiano dos brasileiros, como forma de conscientização e incentivo à prática esportiva. A ideia de esporte como direito de todos foi, portanto, difundida, com o seu objetivo inicial atingido, pois, com o decorrer do tempo, o movimento passa a atingir um número cada vez maior de praticantes, sem a busca por grandes talentos, nem tampouco a intenção de que esta prática se torne competitiva (OLIVEIRA apud BALBINO, 2005; TUBINO, 2006).

A Lei nº 6.251, de 8 de Outubro de 1975, constitui-se de normas gerais sobre os desportos, e prevê a elaboração do Plano Nacional de Educação e Desportos por parte do

Ministério da Educação e Cultura, observadas as diretrizes da Política Nacional de Educação e Desportos. Percebe-se, portanto, o fortalecimento do Desporto de Massa no Brasil, e o consequente desenvolvimento de ações voltadas à melhoria da aptidão física da população. Além disso, o intuito de trazer mais facilidade às condições do uso do lazer também se fazia presente, independente da faixa etária e nível social, no momento em que o país vivia um período da ditadura militar, cujos interesses econômicos traziam engodos à população sob diferentes aspectos. Um exemplo é que:

A UNESCO, reconhecendo a capacidade integradora do esporte para a atual “sociedade em mudança”, passou então a difundir-lo dentro de sua política educacional, cuja perspectiva é a educação permanente. Tal posicionamento colocou explicitamente o homem como objeto da mudança social. Para o homem ‘viver melhor’ é necessário, portanto, que se adapte constantemente às mudanças da sociedade que se realizam segundo critérios estabelecidos pelo desenvolvimento econômico (CAVALCANTI, 1984, p. 36).

A implantação do Desporto de Massa passou a ser reconhecida também como Esporte para Todos, divulgada em todo o país em março de 1977 e finalizada após dois anos, mediante a verificação de encerramento da missão, com a criação de um movimento de base comunitária, com pretensões de propagação natural nos municípios.

Em 1978, foi publicada, na Conferência Geral da Organização, a Carta Internacional da Educação Física e do Esporte, com fins de desenvolvimento da educação física e do desporto em prol do progresso humano, estimulando os governos, organizações não-governamentais, educadores, famílias e os próprios praticantes de atividade física a repensar acerca dos benefícios das práticas esportivas.

Com a redemocratização do país, o Presidente José Sarney, em 1985, antes da temática do desporto ter sido inserida na Constituição Brasileira, trouxe o debate para a Comissão de Reformulação do Desporto Brasileiro. Nessa época, o Conselho Nacional de Desportos também se faz presente, em prol do desenvolvimento e democratização dos desportos como um direito de todos, instituindo o Estatuto dos Atletas, em 1986.

Segundo Tubino (1988), a responsabilidade pela política de desenvolvimento do esporte não deve ser apenas do Governo Federal, mas também de órgãos estaduais e municipais, e de entidades privadas. Verifica-se, assim, a concepção de uma “cultura construída”, das políticas esportivas, mediante a elaboração de políticas públicas efetivas para o fomento à prática da atividade física, competitiva e de lazer dos municípios no contexto nacional (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2010).

O esporte, portanto, recentemente, passa a ser considerado como atividade propriamente física, que enfatiza o caráter formativo-educacional, participativo e competitivo, seja obedecendo às regras pré-estabelecidas em condições formais ou respeitando normas em condições não-formais (TUBINO, 1988, 2006).

1.8 Estado atual dos esportes no Brasil

É notória a ampliação do conceito de esporte, que passa a ser compreendido por meio das três formas de exercício deste direito: o *esporte-educação*, o *esporte-participação*, e o *esporte de alto rendimento*. Tais manifestações representam as dimensões sociais do esporte. Nesse sentido, a inserção de grupos até então pouco atendidos no contexto das atividades físicas se faz presente, como é o caso das pessoas de terceira idade e pessoas com deficiências (BALBINO, 2005; TUBINO, 1992).

Por *esporte-educação*, entende-se a manifestação desportiva, de caráter formativo, que ocorre principalmente na educação escolar, com fins de desenvolvimento integral humano como ser autônomo, democrático e participante. Esta forma de exercício do esporte pode ser dividida em esporte educacional e esporte escolar.

No esporte educacional são percebidos aspectos de maior conteúdo socioeducativo, tendo em vista os princípios norteadores dessa prática, como participação, cooperação, coeducação, corresponsabilidade e inclusão. Já no esporte escolar, a formação para a cidadania não é desconsiderada, entretanto, o foco desta prática passa a relacionar-se aos princípios do desenvolvimento esportivo e do espírito esportivo, revelando uma aproximação com o esporte de alto rendimento ao permitir as competições entre escolares.

O *esporte-participação* ou *esporte-lazer* surge como possibilidade de proporcionar práticas esportivas às comunidades, sem compromisso com normas institucionais, e com objetivos de descontração, diversão, desenvolvimento pessoal e interação social, apoiando-se no princípio do lazer lúdico, no próprio lazer e na utilização construtiva do tempo livre e de liberdade. Trata-se da manifestação esportiva que apresenta maior aproximação ao jogo, além de sua relação com a saúde. Mesmo visto desta forma, o esporte deve ser entendido a partir de suas particularidades, sem admitir que toda e qualquer prática seja válida para a promoção de saúde, pois “Não é o desporto em si mesmo que é de fomentar, mas sim o desporto que permite sentido individual, que enriquece o estilo de vida de cada um” (BENTO, 1991, p. 24).

E, por fim, o *esporte de alto rendimento*, responsável por embasar o conceito de esporte durante muito tempo. Essa dimensão se firma a partir de atividades propriamente físicas com caráter competitivo e exercitadas segundo regras e códigos existentes, aprovados pelos organismos internacionais e nacionais de cada modalidade esportiva (BALBINO, 2005; TUBINO, 1988, 1992, 2006).

Destacaremos o esporte de alto rendimento por ser o foco do objeto de estudo desta pesquisa.

1.9 O esporte de alto rendimento

Desde a Grécia Antiga percebe-se a presença de grandes desafios nas disputas esportivas. Com a ampliação do conceito de esporte, as práticas esportivas, em suas dimensões sociais, apresentam em comum a ideia voltada ao rendimento de seus praticantes, seja este na prática de exercícios físicos por gosto, seja pela formação educacional, ou ainda, por lazer, competição ou cuidados com a saúde. A partir da perspectiva de rendimento, podemos pensar que tais atividades voltam-se à produtividade por meio da tarefa executada. Cabe aqui a ressalva e diferenciação peculiar ao esporte de alto rendimento, que, como dito anteriormente, traz, essencialmente, regras pré-estabelecidas, além de exigências e condições voltadas à competição entre os pares e que, por isso, tende a se tornar cada vez mais disputado mediante a dedicação de mais pessoas a determinado objetivo, no caso, a vitória.

O esporte de alto rendimento, para Tubino (2006), apresenta-se como a mais popular forma de lazer da sociedade industrial, tendo em vista também a influência dos instrumentos midiáticos de veiculação de comportamentos e valores.

Na programação dos meios de comunicação, a transmissão de espetáculos esportivos traz grande contribuição à audiência, constituída por um viés de lazer, divertimento, tempo livre e emoção. Nesse sentido, a indústria do lazer obtém ganhos significativos, promovendo poucos esportes, muito embora possua um número significativo de horas na programação das emissoras, ou até mesmo canais de televisão exclusivos à transmissão de competições, que se tornam grandes espetáculos. É interessante à mídia a promoção de esportes de maior impacto, ou seja, de interesse da população, afinal, a preocupação não está voltada à divulgação das práticas em si, mas à comercialização de produtos, bem como à propagação de ídolos e a relação direta com a aparição das empresas patrocinadoras (LOVISOLO, 2000; TUBINO, 2006).

Assim, ao longo do século XX, o lazer passa a fazer parte da vida das pessoas devido ao acompanhamento de eventos esportivos, afinal, o tempo livre não se constitui apenas num momento para diminuir a fadiga e o estresse, mas numa exacerbação do desejo de produção e lucro por parte de outrem, quando são transmitidas disputas entre equipes, atletas, marcas comerciais ou recordes. A este respeito,

Considerado em sua totalidade, o espetáculo é ao mesmo tempo o resultado e o projeto do modo de produção existente. Não é um suplemento do mundo real, uma decoração que lhe é acrescentada. É o âmago do irrealismo da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares – informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos –, o espetáculo constitui o modelo atual da vida dominante da sociedade. É a afirmação onipresente da escolha já feita na produção, e o consumo que decorre dessa escolha [...] (DEBORD, 1997, p. 14-15).

A lógica consumista, que permeia diversas questões envolvidas no esporte de alto rendimento, se faz muito presente na vida dos atletas, na medida em que estes parecem estar sempre insatisfeitos e em busca de mais vitórias, premiações e superação. E, além disso, o culto ao corpo esportivo, segundo Castro (2007), também configura a construção de um estilo de vida comum para eles. Ou seja: dentre tantas possibilidades de escolha existentes, os atletas-adolescentes compartilham hábitos, gostos e preferências culturais. De outro modo, o público que assiste aos espetáculos, sedento por disputas cada vez mais acirradas entre os competidores e times, também compartilha sentidos relacionados ao consumo das produções esportivas, tendo em vista suas expectativas relacionadas às disputas competitivas, vivenciadas com acentuada intensidade de emoções e sentimentos. Desta forma, o esporte de alto rendimento ganha notoriedade e passa a ser visto por um viés de investimento.

Os interesses mercantis inauguram, portanto, um novo processo esportivo, agora voltado para o negócio, deixando, aos poucos, tanto as influências ideológico-políticas quanto o ideário esportivo no sentido do Olimpismo. O cenário socioeconômico atual traz à tona a competitividade, na qual países e multinacionais têm se empenhado para atrair investimentos, que sejam geradores de riquezas e que estimulem o crescimento econômico. E é com esse enfoque que, hoje, o esporte de alto rendimento é concebido (TUBINO, 1992).

Para Bracht (2000), o rendimento é elevado à categoria central, ao elemento definidor e organizador das ações. O objetivo a ser atingido, portanto, não se refere àquele possível ou ótimo, considerando as possibilidades individuais e das equipes, mas traduz-se no rendimento máximo, ideia disseminada desde o período de iniciação esportiva. Como repercussão, notam-se maiores investimentos voltados ao desenvolvimento técnico, que, por sua vez, possibilitam

o máximo de rendimento e diferenciação perante os adversários. Nesse sentido, “O espetáculo domina os homens vivos quando a economia já os dominou totalmente. Ele nada mais é que a economia desenvolvendo-se por si mesma” (DEBORD, 1997, p. 17-18).

Cada vez mais, avanços tecnológicos vêm auxiliando os atletas na prática do esporte de alto rendimento. Assim, pensamos as contribuições que as Ciências do Esporte, como a Medicina, Fisiologia do Exercício, Nutrição, Fisioterapia e Psicologia, trazem aos seus desempenhos nos treinamentos e competições. Todo o processo de treinamento esportivo, inclusive, independente das técnicas e métodos utilizados, é avaliado, a partir do resultado final, ou seja, da vitória ou da derrota. Considera-se vencedor, apenas, aquele que atinge o primeiro lugar, e é premiado com medalhas e troféus. Evidencia-se que passa a existir

A profissionalização generalizada, o contínuo aperfeiçoamento nos métodos de treinamento, são exigências do espetáculo. Os ‘records’ e as vitórias, uma exigência do espectador e um compromisso dos ídolos-atores. Tudo implica na exacerbação dos custos e na necessidade da venda do espetáculo como forma para permitir o retorno do investimento, condição para que o esporte possa atrair capitais [...] (TUBINO, 1988, p. 69).

Numa alusão ao poder e a influência que os instrumentos midiáticos têm sobre o espetáculo esportivo, refere-se que aqueles atletas do esporte de alto rendimento que obtêm maior destaque passam a receber tratamento diferenciado, sendo reconhecidos como personalidades públicas, ídolos e heróis por grande parte da população. Devido a associação que esta faz com determinados valores cultuados pela sociedade atual, como o sucesso, a fama e uma vida vitoriosa, certamente, percebemos que, cada vez mais, tais valores vão sendo disseminados e valorizados em nosso cotidiano. Cabe-nos compreender como tais referenciais repercutem aos atletas-adolescentes, como discutiremos a seguir.

2 ADOLESCÊNCIA, NATUREZA, CULTURA E PRÁTICAS ESPORTIVAS

Mediante a gama de possibilidades passíveis de compreender o tema referente à adolescência e o esporte de alto rendimento, optamos pela perspectiva da Psicologia Sócio Histórica como referencial teórico desta pesquisa por ser uma das vias de compreensão do sujeito, a partir da ideia de construção social, na mediação com o *outro*.

Determinadas tensões existentes na Psicologia do Desenvolvimento Humano, como a relação entre natureza e cultura, propõem debates atuais que não nos permitem distanciamento e pouca apropriação acerca do tema, sobretudo, quando se discorre sobre uma das situações do desenvolvimento, como a adolescência. Vale salientar que a natureza “[...] é constituída por estruturas e processos necessários, que existem em si e por si mesmos, independentemente de nós [...]” (CHAUI, 2003, p. 307). Por sua vez, a cultura se origina da forma que os seres humanos interpretam a si mesmos e as suas relações com a natureza, introduzindo novos sentidos às ações e aos objetos sociais. Desse modo, não é possível compreendermos nossos comportamentos e ações a partir de determinações de ordem natural apenas.

Vale salientar, no entanto, que chegar a tal conclusão não foi um processo simples. Segundo Ades (2007), essa discussão se inicia com os pressupostos darwinianos sobre a ótica evolucionista, e se faz presente ainda hoje em diversas discussões que propõem a dicotomia existente entre natureza e cultura, o que acaba por nos dar a impressão de que o ser humano, nosso objeto de estudo, perde a sua unicidade e se fragmenta de acordo com as perspectivas e os recortes que lhe são impostos. No cerne desse conflito, configuram-se ideias que tentam sobrepor uma ou outra abordagem.

Na década de 70, por exemplo, prevalecia nas ciências sociais a ideia de que não havia uma base biológica para o comportamento humano, ou seja, a sua origem seria quase puramente sociocultural; em contrapartida, Edward Wilson defendia que a biologia desempenhava um papel maior do que a cultura, embora ambas estivessem sintonizadas. Posteriormente, a coevolução psicobiológica apresenta uma visão dos dois sistemas de transmissão de informação como interdependentes que configura a Psicologia Evolucionista como uma perspectiva autônoma para a análise do comportamento humano.

Ocorre que percebemos as informações que circulam no senso comum como uma tentativa de naturalização dos sentidos, valores, comportamentos e ações humanas, ou seja, uma anulação da dimensão cultural dos sujeitos. Cabe, aqui, uma reflexão acerca da competitividade verificada não apenas no cenário do esporte de alto rendimento, mas nos mais diversos contextos de sociedade. Afinal, seria esta uma característica inata ou adquirida

do ser humano? Isto é, o homem é naturalmente competitivo ou o meio influencia para que ele se torne assim? (SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, 2006).

Ao analisarmos a constituição histórica da adolescência, entendemos que suas raízes estão na relação natureza-cultura, na ação constante do homem de transformar a natureza para retirar dela a sua subsistência. Ninguém nasce andando, falando ou competindo, entretanto, nos adequamos às necessidades que o meio nos impõe, em conjunto com a constituição biológica que nos constitui. A história e a cultura, portanto, não se encontram desconectadas, elas estão sendo trazidas e presentificadas pelos nossos interagentes, ou seja, por nós mesmos e as pessoas com quem interagimos.

Wallon (1942-2008a) critica a psicologia individualista (ou psicologia da consciência de Piaget), que concebe o indivíduo como único, deixando de lado as influências que o meio está exercendo e refletindo sobre ele. Para Wallon, o indivíduo nasce no social, se constitui como um ser social, e sua ontogênese se dá na medida da individualização, processo este que só é possível através do *outro*, ou seja, Wallon parte do sujeito em simbiose (por exemplo, da criança ao nascer, com todo o seu entorno social), tendo em vista que é no “fazer” e no “se impor” que o sujeito vai se dando e, desta forma, se constituindo enquanto indivíduo, e se diferenciando. Percebemos, portanto, a sociabilidade como característica da nossa espécie (*homo sapiens sapiens*), no sentido de se regular pelo *outro* e regular o *outro*, o que é diferente de socialização, que significa aprender as regras de convivência social, os valores e as normas do grupo social.

Nesse ínterim, volta uma discussão antiga, embora pertinente ainda nos dias atuais, referente às concepções de homem que se denominam inatistas ou ambientalistas. A psicologia da situação (WALLON, 1942-2008b) parte de uma ideia de sujeito construído no ambiente, o que Wallon discorda indubitavelmente, afinal, para ele, o sujeito já é considerado como tal devido a uma condição imposta à sua espécie, como sendo biologicamente sócio cultural.

A Psicologia fundamenta uma relação entre a concepção orgânica/biológica e o funcionamento/comportamento dos sujeitos. Ou seja, o corpo em bom funcionamento revela um conjunto de comportamentos previsíveis sem se pensar no conteúdo. E, funcionando num ambiente sócio cultural adequado, o sujeito cria, forma, busca e influencia. Se, por acaso, o sujeito não habita no ambiente sócio cultural no qual se esperava que aquele cérebro vivesse, ele não se desenvolverá de forma esperada.

A linguagem, por exemplo, é compreendida como essencial à cultura, fruto dela, mas enraizada em propriedades biológicas ligadas à estrutura cerebral. É nesse sentido que se

entende a expressão biologicamente cultural, “a biologia e a cultura caminham juntas” (BUSSAB; RIBEIRO, 1998, p. 181). Assim, conceber o impacto da cultura na perspectiva evolucionista parece ser um desafio constante, pois a seleção natural começou a favorecer genes para o comportamento cultural. Nesta contextualização, “O homem se distingue dos demais seres vivos do planeta pelo seu modo de vida cultural altamente especializado, caracterizado pela transmissão de informações de geração a geração, via experiência, e pelo uso da linguagem e de outras representações simbólicas” (BUSSAB; RIBEIRO, 1998, p. 175).

O que, prioritariamente, diferencia os primatas humanos dos não humanos é a cultura, pois no segundo caso, a cultura não é passada de geração a geração. Os seres humanos são os únicos a construírem cultura, a qual não se resvala. Por meio do “efeito catraca”, a possibilidade de um bem cultural não se perder existe justamente porque construímos cultura, pensamos no outro como coespecífico, com as mesmas características que nós temos e, portanto, com intencionalidade, permitindo também um “aperfeiçoamento” cultural. Em outros animais, percebe-se a presença da protocultura, como o texto de Tomasello (2003) aponta para a lavagem das batatas pelos macacos, que mostra o quanto eles foram capazes de fazer e descobrir novas coisas, entretanto, isso não quer dizer que eles tenham guardado os procedimentos necessários à chegada ao produto. Nesse sentido, podemos fazer uma relação entre esse fenômeno e as características animais relacionadas à *performance* e superação, que aparecem implícitas na realização de determinadas ações e, portanto, não se mostram apenas como “construções culturais”.

Há de se compreender, entretanto, a inter-relação existente entre o caráter social, biológico e cultural, o que torna difícil a demarcação de determinadas características dos sujeitos que são inatas ou adquiridas, pois o meio é um constante mediador do comportamento humano que possibilita, reforça e articula as necessidades dos sujeitos às experiências com as quais ele se envolve, o que inclui o contexto no qual está inserido.

Pensamos, portanto, na adolescência como um temário a ser explorado, tendo em vista uma melhor compreensão sobre os processos de mudança existentes na passagem da condição infantil, tida como dependente e imatura, à condição adulta ou de autonomia. A esta transição é dado valor diferenciado e significados diversos, relacionados à construção e transformação de sentidos atribuídos aos objetos sociais, percebidos e representados a partir de olhares, experiências, que demarcam momentos históricos e culturais característicos de grupos sociais específicos (MENANDRO; TRINDADE; ALMEIDA, 2010).

2.1 Sobre a adolescência: o protagonismo nas situações esportivas competitivas

A relevância científica da pesquisa acerca das experiências de vitória/derrota vivenciadas pelos atletas-adolescentes no esporte de alto rendimento parece evidente quando nos aproximamos da visão vigente e hegemônica sobre o tema, que aborda um sujeito que não é aquele atuante do contexto esportivo, pois apresenta supostas características de inconsequência e transitoriedade, que não se adequam ao que se percebe nos atletas-adolescentes. Trata-se de uma concepção que atribui a adolescência à uma

[...] etapa marcada por conflitos e crises *naturais* da idade, por tormentos e conturbações vinculadas à emergência da sexualidade, enfim, uma etapa marcada por características negativas, sofridas, patologizadas, que ocorreria necessariamente em qualquer condição histórica e cultural, isto é, universalizada (OZELLA, 2003, p. 9).

Tal perspectiva, além de ser disseminada em determinados setores da Psicologia, também influencia a visão do senso comum e dos instrumentos midiáticos, propagando a ideia da adolescência como uma fase com características fixas naturalmente constituintes do desenvolvimento humano como se esta fosse uma concepção universal. A ideia de transitoriedade, ou seja, de haver um período demarcado para a vivência da adolescência traz determinados marcadores sociais relacionados a um tempo de duração pré-determinado (do final da infância à vida adulta), estanque e necessário, indispensável, a todos os sujeitos sem maiores distinções em seus aspectos fundamentais (MENANDRO; TRINDADE; ALMEIDA, 2010).

Ozella e Aguiar (2008) apresentam concepções diferenciadas a esse respeito, ao acreditarem nesta caracterização como uma forma de camuflar os reais motivos pelos quais os adolescentes se sentem em conflito, afinal, cada um é sujeito de sua própria história e, portanto, fará diferentes articulações com os eventos psicológicos produzidos, que também se distinguem de pessoa para pessoa, frente às realidades específicas.

Segundo Bock e Liebensky (2003), precisamos refletir sobre a situação destes adolescentes, que demonstram por meio de seus corpos, cognição e afetos, pleno desenvolvimento e autonomia, ou seja, requisitos necessários à sua inserção no mundo do trabalho, por exemplo. Entretanto, isso significa um lugar no mundo adulto, e esta possibilidade não parece plausível, pois eles carecem de um ritual que os inicie. Consequentemente, a contradição entre as condições que possuem e a inexistência de um consentimento para a atuação no “mundo real” acarreta uma série de características que

refletem, atualmente, as crises e condutas naturalizadas desta faixa etária, dentre as quais estão: rebeldia, conflito geracional, indefinição de identidade e onipotência.

Pede-se ao adolescente responsabilidade, maturidade, cautela nas decisões e atuações. Entretanto, mesmo que tais requisitos sejam atendidos, ele é impedido de realizar determinadas atividades sozinho, por ainda não estar “pronto” para isso, sendo necessária uma moratória, tempo de espera para que possa ser considerado independente, e daí parecem surgir características relacionadas a inadequação dessas condições impostas. Trata-se de uma fase de preparação para o ingresso à vida adulta, influenciado por aspectos relacionados à questão econômica e ao ingresso no mundo do trabalho.

Um questionamento que parece bem contundente à perspectiva desenvolvimentista refere-se ao fato de, como podemos pensar determinadas vivências de adolescentes que têm atribuições diferenciadas e um estilo de vida específico, como no caso daqueles que praticam o esporte de alto rendimento? Mead, citada por Coimbra, Bocco e Nascimento (2005), faz alusão à adolescência como um “fenômeno cultural” que se manifesta de maneiras distintas, nem sequer existindo em alguns lugares. Diversos autores também corroboram com essa visão, pois consideram que a adolescência “[...] constituiu-se na história a partir de necessidades sociais e todas as suas características foram desenvolvidas a partir das relações sociais com o mundo adulto e com as condições históricas em que se deu o desenvolvimento” (BOCK; LIBEBESNY, 2003, p. 208).

A Psicologia Sócio Histórica, portanto, compreende a adolescência de um ponto de vista

[...] não desenvolvimentista, pois cada sujeito o vivenciará de uma maneira, dependendo de suas interações sociais, do desenvolvimento de seus interesses, de suas necessidades e da significação que as mudanças biológicas têm ou tiveram (FONSECA; OZELLA, 2010).

Especificidades históricas e culturais de diferentes grupos sociais sinalizam a forma como esse período é percebido e representado, o que significa dizer que a ideia de adolescência é uma construção social (MENANDRO; TRINDADE; ALMEIDA, 2010). Ozella e Aguiar (2008) fazem alusão à adolescência como sendo um momento histórico, interpretado e construído pelos sujeitos nos quais mantêm com a sociedade uma relação de mediação constituída mutuamente, com suas identidades preservadas. O sujeito é visto, portanto, como um ser único, singular e histórico, e

[...] assim, a adolescência é compreendida como um momento de um processo e, como tal, em construção, que pode ser diferente do que está

sendo para o próprio adolescente e para uma sociedade. É entendido como não natural e universal, mas produto de sua história de vida, enquanto sujeito pertencente a um grupo social, a uma cultura, da qual recebe influência e sobre a qual age dialeticamente [...] (FONSECA; OZELLA, 2010, p.413).

A alteridade se faz presente nas experiências vividas por adolescentes que trazem aspectos próprios, singulares, não necessariamente vivenciados por outrem, mas que aponta também à diferenciação entre *grupos*. Nesse sentido, os adolescentes se identificam entre *grupos* restritos de pares, com quem podem se reconhecer mediante o compartilhamento de determinadas escolhas de estilos de vida e, assim, se veem também diante de uma lente pela qual leem o mundo.

Calligaris (2009) faz referência ao adolescente gregário como aquele que “[...] se afasta dos adultos e cria, inventa e integra microssociedades que vão desde o grupo de amigos até o grupo de estilo, até a gangue” (CALLIGARIS, op. cit., p. 36). Tais grupos acabam por funcionar como orientadores de comportamentos, valores e hábitos, afinal, há pré-requisitos a serem contemplados que parecem ter a necessidade de serem reafirmados a todo o momento nos modos de ser, seja pela composição de uma imagem corporal, por estilos *dark* ou *punk*, por exemplo, ou por outros marcadores que se mostrem evidentes para os demais.

Historicamente, e com o respaldo de aspectos psicológicos, determinados valores e características relacionados diretamente com os esportes, se tornam marcadores sociais de seus atletas. São eles: um estilo de vida mais saudável, no qual se preza o bem estar físico e o culto a um corpo adaptado àquela prática esportiva; treinamentos específicos e contínuos, nos quais são valorizados tanto o condicionamento físico quanto a perfeição dos movimentos; número de participações em competições elevado; vivência diferenciada e, em parte, impedida da vida social, mediante os horários atribulados com compromissos de treinos e competições, bem como o cumprimento de todas as atividades que envolvem o esporte de alto rendimento, marcado pela disciplina rigorosa e cumprimento de metas pré-definidas.

Nesta cultura de *ranking*, outras dimensões e modos de vida começam a ter visibilidade. Por exemplo, podemos pensar a relevância que as vestimentas utilizadas no meio esportivo assumem para os atletas-adolescentes, desde aquelas casuais, do cotidiano e do dia a dia de treinos, àquelas que são reservadas às competições. Segundo Teixeira (2003), a lógica da sociedade do consumo permeia o que o adolescente avalia como necessário para a manutenção de sua integridade e identidade social, e as reais possibilidades deles atingirem o padrão de consumo desejado. Neste sentido, cria-se um modo de vida que assume padrões hegemônicos relativos:

As roupas, os hábitos, as gírias, as grifes são agora “universais”. Os grupos de jovens nas comunidades locais recebem quase de imediato a informação sobre as referências americanas e européias. As culturas locais são desvalorizadas. Os modelos vão se “universalizando” ou seguindo um mesmo padrão dominante (no momento atual, o americano) (BOCK, LIEBESNY, 2003, p. 212).

Ainda em relação aos modos de vida, têm-se aspectos importantes que transitam no cotidiano desses atletas-adolescentes. Outro exemplo ocorre, cada vez mais, nos dias atuais em que outros tipos de preocupações emergem no contexto esportivo, àquelas voltadas ao psiquismo dos atletas. Dentre os compromissos ainda previstos na rotina dos atletas-adolescentes estão: a necessidade de um tempo satisfatório para descanso e encontros contínuos com especialistas das Ciências do Esporte, como nutricionistas, fisioterapeutas, médicos e psicólogos. A Psicologia do Esporte apresenta-se como um campo de conhecimento científico consolidado, que parece trazer ainda mais adeptos com o passar do tempo, tendo em vista que os fatores psicológicos, especialmente em situações de competição, parecem ter grande relevância e influência no desempenho dos atletas.

Segundo Samulski (2002), as funções do psicólogo do esporte, de forma geral, prezam sempre pelo bem estar do atleta, percebido, acima de tudo, como um ser humano diante de diferentes demandas. Contudo, no alto rendimento, o trabalho psicológico volta-se mais ao desenvolvimento e otimização das habilidades psicológicas envolvidas na prática esportiva, com vistas à melhoria dos resultados dos atletas. Afinal, com a competitividade cada vez mais aguçada, o diferencial nos resultados é muito pequeno, definido por detalhes. Nesse ínterim, o treinamento de habilidades psicológicas, como atenção, concentração, motivação e ansiedade é realizado.

Cabe aqui a ressalva de que não apenas a Psicologia do Esporte, mas também as outras áreas citadas anteriormente preveem condutas diferenciadas, quando no tratamento com atletas, o que corrobora com a importância dada às práticas esportivas na atualidade. Afinal, os atletas precisam estar “prontos” para desempenhar da melhor forma possível, no momento da competição, àquela modalidade treinada. Lutar contra o tempo é impossível, pois ele não espera por ninguém como em casos de recuperação de lesões musculares ou ósseas, por exemplo, frequentes nos atletas que utilizam como instrumento de trabalho os próprios corpos e, portanto, precisam ter ainda mais cuidados relacionados a ele.

É contraditório pensar a exigência de prontidão feita ao atleta-adolescente que cumpre com um trabalho árduo, quando a visão vigente da Psicologia do Desenvolvimento concebe a condição de transição como um de seus aspectos mais ressaltados. Afinal de contas, “se a

condição vai existir apenas durante um período para em seguida dar lugar a outra, mais longa e estável, não é preciso grande preocupação com ela” (MENANDRO; TRINDADE; ALMEIDA, 2010, p. 25). Nesse sentido, os projetos de vida vistos como provisórios dos adolescentes não seriam levados a sério, pois estes vivem um tempo de imaturidade e incertezas.

Neste caso, apenas o momento adulto é valorizado, e apenas os seus projetos seriam considerados. A preocupação da sociedade se restringe ao questionamento dos jovens sobre o que eles querem ser quando crescer. A adolescência e o seu momento atual são desvalorizados, como se estes não fossem constituintes do sujeito. Assim, a transitoriedade se consolida como cultura e a autorização a essa população é para curtir a vida, sem assumir responsabilidades (BOCK; LIEBESNY, 2003).

Julgamos importante trazer à tona um pensamento social compartilhado pela mídia, público e profissionais acerca dos atletas-adolescentes/jovens praticantes do esporte de alto rendimento, pois neles são projetados desejos e expectativas de que venham a se tornar grandes vencedores e ídolos nacionais. Se formos pensar a quem a sociedade atribui responsabilidades de grandes performances nos próximos eventos esportivos de maior renome, como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos, estamos nos referindo novamente aos atletas-adolescentes. Assim, o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) pensa estratégias para investir nos atletas-adolescentes que se destacam no meio esportivo, para que estes possam obter resultados cada vez mais expressivos.

Vale salientar que a preocupação do COB não está relacionada aos projetos de vida dos atletas-adolescentes, nem tampouco ao seu desenvolvimento global, mas a lógica dos resultados, com a qual lidamos durante todo o tempo, mediante o contexto de sociedade competitiva em que vivemos. Deste modo, a ideia de que os feitos dos atletas-adolescentes serão sem importância, passageiros, não parece existir. E, como, ainda, esperar de atletas-adolescentes, sujeitos que ainda não estão prontos ao ingresso na vida adulta, tantas conquistas dessa magnitude?

A partir daqui, podemos indagar a respeito da ambiguidade, quando relacionamos as exigências destinadas aos adolescentes e o cotidiano dos atletas do alto rendimento à condição da moratória na qual é teorizada a sua situação de desenvolvimento:

A noção de ambiguidade como condição que faz parte da adolescência tem relação tanto com situações que o adolescente vive, e nas quais constata a existência de critérios e limites muitas vezes incoerentes, como também com a informação que circula na sociedade sobre essa mesma adolescência, informação essa que atinge o próprio adolescente e que também apresenta

elementos contraditórios. Situações que servem de exemplo: há interdição em relação a algumas atividades infantis e há redução nas condições de assistência adulta disponível durante o desempenho de outras atividades. O próprio adolescente, frequentemente, não quer ser associado com atividades infantis, nem quer ser alvo de alguns tipos de cuidados adultos. Por outro lado, também há interdição em relação a algumas atividades adultas, enquanto que outras só podem ser realizadas com assistência de algum adulto (MENANDRO; TRINDADE; ALMEIDA, 2010, p. 23-24).

O comportamento sexual também é compreendido diante deste prisma, pois do ponto de vista biológico, o pleno desenvolvimento sexual já é evidente na adolescência, todavia, este é tratado de modo distinto do ponto de vista social, quando aos adolescentes não são dadas permissões para que iniciem a sua prática sexual (MENANDRO; TRINDADE; ALMEIDA, op. cit.). Quando o fazem, há transgressão das regras e normas sociais.

Nos dias de hoje, tal conduta é muito frequente, o que vem a diferenciar novamente o modo de vida dos atletas-adolescentes, que optam por não se envolver emocionalmente com outra pessoa para evitar que eventuais problemas venham a se tornar obstáculos às suas performances esportivas. Sem envolvimento afetivo, as relações sexuais para eles ficam mais distantes. Além disso, por vezes, percebe-se uma prática de evitar relações sexuais nos períodos pré-competitivos e nos campeonatos também, levando em consideração que há um desgaste físico e energético implicado. A busca do prazer imediato, portanto, difere da vida que os atletas-adolescentes do alto rendimento levam: uma vida disciplinada em que para se conquistar algo, será necessária muita dedicação, investimento (físico, psíquico e financeiro), muito suor e renúncia a alguns dos prazeres considerados vitais a todos os humanos.

Diante das especificidades relatadas e do comprometimento que entornam o cotidiano dos atletas-adolescentes, percebe-se uma gama de possibilidades, impedimentos e jeitos de ser bem peculiares. Observa-se, deste modo, outra forma de adolescência, compartilhada pelo seu grupo de pares, que difere bastante daquela dita como “normal”, inicialmente, de que todos os adolescentes em qualquer lugar ou tempo, vivenciam um conjunto similar de experiências, reações e processos. Nesse sentido, constata-se a valorização da experiência particular, constituindo o sentido de ser adolescente e praticar um esporte competitivo como uma unidade integradora de experiências, emoções e atividades.

Percebemos, portanto, que a todo o momento, o esporte de alto rendimento circunscreve o desenvolvimento de seus praticantes, pois traz ora ampliação das atitudes e comportamentos, e ora restrição. Vale salientar que embora haja limitações, elas são compreendidas como condições de trabalho e, em certo momento, recompensadas, como por exemplo, em uma situação de vitória, quando os atletas fazem referências a um resgate do

passado e de toda a dedicação e abdição, necessárias para a conquista daquele feito. Diante de situações de derrota, aparece como principal marcador o aprendizado produzido com tais vivências (AMBLARD; DOLIF, 2006).

Fazendo um paralelo às modalidades de vivência da infância e adolescência no Brasil, fundamentadas por Sampaio (2000), consideramos que a adolescência atrelada ao cotidiano do esporte de alto rendimento constitui-se na “infância e adolescência públicas”, a qual propõe o início de uma vida pública precoce, pois o atleta-adolescente assume relações de trabalho, não sinalizadas necessariamente pelo rendimento financeiro possível, mas por responsabilidades e condições de trabalho vivenciadas. O trabalho exercido parece tornar-se primordial em sua vida, levando a uma adequação e secundarização de outras atividades rotineiras e de lazer para que haja um bom desempenho do primeiro.

O esporte, portanto, perde o seu sentido como atividade lúdica e, à medida que se volta ao profissionalismo, a exigência é que seja encarado de modo também profissional, embora os seus praticantes sejam adolescentes. O termo “esporte-espetáculo” traz coerência quando as competições podem realmente ser consideradas espetáculos diante da estrutura formada para atender às necessidades do meio; dos recursos tecnológicos disponibilizados; dos protagonistas\atletas, que em suas disputas buscam o melhor desempenho possível para se sobressaírem diante dos demais e, assim, atrair aplausos, mídia, e novos patrocinadores para eventos futuros; e, por fim, de todo um público presente, na expectativa de assistir a grandes performances que massageiam o ego não só dos atletas, mas de superação do inacabamento humano.

Desta forma, observa-se “[...] uma adolescência glamourosa, cercada de aplausos, fama e dinheiro, mas também, de muita competição, disputa, trabalho, compromissos, desgaste físico e emocional” (SAMPAIO, 2000, p. 162). Dessa maneira, o desdobramento da lógica competitiva faz com que, cada vez mais, sejam exigidas performances brilhantes dos atletas-adolescentes. A dedicação aos treinos mostra-se como um meio para se chegar à competição e atingir os resultados esperados; desta forma, o comprometimento no processo torna-se um requisito importante e exigido desde cedo.

Portanto, os atletas-adolescentes pensam a responsabilidade como a necessidade mais presente nos seus valores e comportamentos, afinal, a disciplina na rotina diária, atrelada ao esforço pessoal, é percebida como condição fundamental aos resultados esperados nas situações competitivas. Tal pensamento não se restringe apenas ao cumprimento de obrigações relacionadas ao desporto, amplia-se, ainda, às outras experiências vivenciadas nos mais variados segmentos de sua vida.

Desta forma, os atletas-adolescentes contrapõem-se ao que Calligaris (2009) justifica na rebeldia e transgressão do adolescente, como uma reação à moratória que lhe é imposta, pois no contexto de vida esportiva, o atleta-adolescente é essencialmente disciplinado e metucioso.

Fica evidente, portanto, que a prática esportiva oferece diversas possibilidades aos atletas-adolescentes, tendo em vista a constituição do esporte como um marcador fundamental na dinâmica e construção da adolescência. Entretanto, cabe a ressalva de que determinações de gênero, classe, cultura e idade, estão associadas aos significados produzidos pelos atletas, conferindo, assim, às suas vivências um caráter diferenciador nas suas formas de pensar, sentir e agir.

2.2 Adolescência e práticas esportivas

O foco de preocupação com resultados se aplica na busca incessante pelo sucesso, seja este garantido na escola, como o melhor aluno da turma; no vestibular, com a conquista por uma concorrida vaga nesta seleção; ou no trabalho, como o funcionário com o salário mais alto (KORSAKAS, 2002).

Desse modo, a prática educativa dos esportes sofre severas influências desse modelo social construído, no qual o homem se constitui como uma máquina de rendimentos, a partir do processo de industrialização, que acelerou o ritmo de trabalho da população. Com o passar do tempo, o culto à produtividade tornou-se mais evidente, mediante as necessidades que as empresas tinham de suprir com a demanda de um mercado bastante exigente, preocupação esta que se expandiu à visão que se tem da infância e adolescência também, fazendo com que eles realizem diversas atividades, que incluem a frequência nas aulas da escola, nos cursos de línguas, nos esportes, etc.

As crianças e os adolescentes passam, assim, a serem também muito exigidos em diversos contextos que prezam pelo resultado em si, sem, muitas vezes, haver uma maior preocupação com o desenvolvimento global dos envolvidos. De certo, tais possibilidades de atuação podem ser vistas a partir de um viés educacional ou recreativo, entretanto, isso variará de acordo com a condução que os profissionais envolvidos nessas atividades darão a elas, e especialmente aos objetivos dos familiares nessa participação (KORSAKAS, op. cit.). Afinal, as ações adultas acabam por permear todas as práticas esportivas oferecidas, sejam elas realizadas por pais, professores, dirigentes, técnicos e árbitros, tendo em vista a interferência

que essas pessoas, pensadas como *grupos* de referência, exercem na vida das crianças e adolescentes, não apenas no momento da competição, mas no que se refere aos princípios e valores que regem o ensino e prática dos esportes.

A função social da família é transmitir os valores constituintes de sua cultura, as ideias dominantes de determinado momento histórico, ou seja, educar as novas gerações de acordo com os padrões dominantes e hegemônicos de valores e condutas. Além disso, as funções materna e paterna representam proteção e cuidado, essenciais ao desenvolvimento da criança e do adolescente. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2001).

Segundo Cosaro (2011), a família exerce influências sobre a vida e o desenvolvimento da criança e do adolescente. Assim, a estrutura e o cotidiano familiar podem contaminar, contagiar e afetar negativamente a vida desse sujeito adolescente. Pretendemos, portanto, compreender o impacto das famílias na produção de sentidos sobre a vitória/derrota para os atletas-adolescentes, afinal, num contexto de sociedade seletiva, classificatória, o fator protetivo dos pais é que o filho tenha sucesso e, no esporte de alto rendimento, a forma de se adquirir o sucesso é com vitórias.

Sendo assim, os pais, que apresentam a função social de segurança, apoio e cuidado para o atleta-adolescente, como um suporte estruturante ao seu desenvolvimento, numa sociedade competitiva, buscam assegurar os lugares de sucesso para os filhos.

Nos dias de hoje, as funções de cuidado são compartilhadas também com agências socializadoras, ou seja, as instituições educacionais, como as escolas e os meios de comunicação, dada a grande influência que estas exercem nos modos de vida das crianças e adolescentes (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2001). Nesse sentido, pensamos que também as instituições e práticas esportivas merecem destaque nesse processo, embora o esporte de alto rendimento aponte também outros objetivos relacionados à produtividade, ao rendimento.

Segundo Weinberg e Gould (2008), pesquisas apontam como principal motivo que leva as crianças e adolescentes a praticarem esporte o fato de ser este um meio que possibilita a diversão. Entretanto, outras razões que mobilizam a iniciação nas atividades esportivas também são referendadas nos estudos, como a prática de exercícios e melhoria da forma física, o desenvolvimento e otimização de habilidades, o estabelecimento de novas amizades e a manutenção desses vínculos, bem como o pertencimento a uma equipe, e ainda a participação em competições, que surgem como desafios a serem superados.

Por sua vez, Korsakas e De Rose Jr (2002) relatam ser cada vez mais frequente a reprodução do modelo de treinamento esportivo destinado ao esporte profissional nos programas que envolvem crianças e adolescentes, o que parece ser bastante preocupante ao

seu desenvolvimento global, tendo em vista as consequências de níveis físicos, psicológicos, motrizes e esportivos que a especialização esportiva precoce possibilita.

Os riscos físicos envolvem lesões ósseas, articulares, musculares e cardíacas; os psicológicos, altos níveis de ansiedade, estresse, frustração, sofrimento psíquico devido a derrotas e desilusões, relatos negativos de infância/adolescência não vivida, e formação escolar deficiente. A prática intensa de uma modalidade específica ainda pode causar limitação de determinados movimentos e exercícios, bem como o *burnout*, que seria o possível abandono do esporte como uma reação ao estresse e às situações vivenciadas cujas recompensas são inferiores aos gastos físicos e psicológicos dos participantes (SAMULSKI, 2002).

Entretanto, quando realizada de modo adequado, a prática esportiva apresenta contribuição efetiva na formação de seus atletas, afinal, relações interpessoais são possíveis mediante a sua realização, assim como o aprendizado e aperfeiçoamento de habilidades motoras. Além disso, podem ocorrer ganhos cognitivos quando o adolescente assimila informações evocadas por meio de uma orientação, desenvolvendo, assim, a sua capacidade de abstração e ampliando o seu vocabulário. No aspecto psicológico, considera-se de suma importância as vivências, por parte dos atletas-adolescentes, das condições inerentes ao esporte, relacionadas às vitórias/derrotas, bem como a oportunidade de lidar com experiências que envolvam autoconfiança, autoestima, autoimagem e controle emocional, como uma espécie de “preparação” para outras situações da vida cotidiana que certamente eles enfrentarão ao longo da vida pessoal e profissional futura. Portanto,

a competição esportiva é um aspecto bastante discutido, quando se fala em esporte infanto-juvenil, pois ao mesmo tempo que pode ser um fator de estímulo para uma prática saudável e um eficiente recurso para que a criança aprenda a lidar com experiências competitivas (sucesso x fracasso), por outro lado pode ser um fator que exclui a criança do esporte, por selecionar os melhores e ainda por exigir excessivamente das capacidades físicas e psicológicas dos jovens (EPIPHANIO, 2002, p. 17).

Os sentimentos e emoções vivenciados no esporte parecem estar intimamente vinculados à condução dessas práticas, tanto por parte dos treinadores e familiares envolvidos, quanto por parte da organização e dinâmica do esporte de alto rendimento. Quando o nível de exigência é muito alto, há redução do caráter lúdico da atividade.

Torna-se evidente a realização de um treinamento adequado às crianças e adolescentes, tendo em vista suas condições físicas e psicológicas, para que as exigências naturais das atividades desempenhadas sejam favoráveis ao seu desenvolvimento. Não

estamos afirmando aqui, portanto, que não é saudável a participação de crianças e adolescentes em competições, afinal de contas, são sujeitos que fazem parte de uma sociedade extremamente competitiva. A nossa reflexão reforça a ideia de uma prática direcionada a este público alvo, tendo em vista o seu nível de amadurecimento físico e psíquico, bem como se ressalta a conscientização acerca dos efeitos positivos e negativos que a prática competitiva oferece.

A este respeito, resultados de pesquisas comprovam que “[...] dos atletas que foram campeões nas categorias infanto-juvenis apenas cerca de 4,5% apresentaram bons resultados na categoria adulta e, ainda, uma grande parcela abandona o esporte antes desta fase, devido às consequências das altas exigências precoces” (EPIPHANIO, 2002, p. 17). Weinberg e Gould (2008) aludem em seus estudos que a participação de crianças e adolescentes nos esportes atinge o auge entre as idades de 10 e 13 anos, com declínio consistente até os 18 anos, quando se percebe uma redução considerável na quantidade de praticantes de esportes organizados com essa faixa etária. Quando investigaram as causas de tais desistências, estavam relacionadas, especialmente, às mudanças de interesses e a realização de outras atividades por parte dos adolescentes. Além disso, dentre outras questões que os impulsionam ao abandono do esporte, estavam: o fato desta prática não ser suficientemente divertida, as experiências de fracasso, a relação desfavorável com o técnico, a pressão excessiva sentida nos treinamentos e competições, bem como a ênfase na necessidade de vencer.

Tais aspectos podem ser indicativos de possíveis tensões existentes no meio esportivo do alto rendimento, no qual a prática do esporte passa a ser prioridade na vida dos atletas. Nessas problemáticas parece haver necessidade de optar por novas escolhas, o que pode sugerir uma ressignificação dos sentidos atribuídos aos objetos sociais, tendo em vista as suas experiências.

Como dito anteriormente, e refletindo acerca dos efeitos negativos do esporte de alto rendimento, podemos pensar no fenômeno de *burnout*, ou seja, na situação de abandono da prática esportiva devido a um esgotamento físico e psicológico; devido às cobranças excessivas exercidas por pais e treinadores envolvidos nesse processo, ou até mesmo na falta de estímulo destes nas modalidades desempenhadas pelos filhos. Pode ocorrer, ainda, a ausência de prazer dos atletas no cumprimento das atividades de treinamentos e competições por apresentarem um nível mais profissional e menos lúdico; a impossibilidade de uma vida social semelhante a de outros adolescentes; a necessidade de seguir uma dieta alimentar e, ainda, o adiamento dos novos sonhos e objetivos, relacionados aos projetos de vida que são

sinalizados mediante o avançar da faixa etária (18 anos de idade) ou devido a instabilidade que a profissão de atleta oferece (EPIPHANIO, 2002).

O mesmo autor relaciona, ainda, como um dos motivos de abandono dos esportes pelos atletas, a realidade excludente do esporte de alto rendimento, que não dá espaço àqueles que não obtêm sucesso. Os atletas-adolescentes, a partir daí, passam a almejar profissões mais seguras, mostrando-se interessados em uma formação superior ou pelo ingresso no mercado de trabalho, o que favoreceria a conquista da independência financeira. De forma geral, os jovens apresentam-se de modo conservador, no sentido de que estes

[...] almejam a família como a dos pais; almejam o trabalho que dá realização pessoal e permite retribuição financeira; esta, por sua vez, é condição básica para a aquisição dos bens que a sociedade oferece: querem carro, casa, viagens, enfim, uma vida confortável. Os estudos aparecem como sonho para alguns, como obrigação para outros. A profissão é motivo de preocupação para muitos. [...] (BOCK, LIEBESNY, 2003, p. 206-207).

Segundo Amazonas (2010), os jovens compartilham a ideia de que o caminho para a inserção no mundo do trabalho é por meio dos estudos, o que é corroborado também por Trindade e Souza (2009), quando afirmam que desde muito cedo, a criança aprende que o caminho para um bom futuro, uma boa profissão, está na escola. Ou seja: os seus projetos de vida são construídos desde os sentidos que compartilham sobre os estudos, na medida em que visam a realização profissional. Entretanto, Amazonas (2010) traz um dado importante referente a estruturação da família destes jovens, que está diretamente relacionada ao trabalho, sinalizando que a este também é dado valor diferenciado devido a possibilidade dos sujeitos constituírem suas próprias famílias a partir das garantias financeiras conquistadas, bem como dos lugares sociais ocupados.

Esta preocupação referente à realização de uma atividade que lhe proporcione independência financeira se mostra presente na vida dos atletas-adolescentes do esporte de alto rendimento, entretanto, muitas vezes, eles optam por postergar tal condição de trabalhador, bem como de estudante, pois muitos abrem mão de seus estudos para viver de forma intensa a vida atlética, se colocando em uma posição desfavorável e tardia no mercado de trabalho, em busca de realizações no contexto esportivo.

Tal discussão pareceu-nos fundante e nos levou por um lado a questionar: que sentidos subjacentes estão relacionados às experiências competitivas, de vitória/derrota, que se opõem aos projetos de vida dos adolescentes de forma geral e a realização pessoal que poderiam buscar no mundo do trabalho? Segundo Bock e Liebesny (2003), os jovens não buscam o

trabalho apenas como fonte de renda, mas como uma atividade que lhes traga realização e que lhes permita um vínculo com a sociedade. Por outro lado, esta ideia pode também se relacionar ao prolongamento da vida esportiva dos atletas, que, no alto rendimento, constitui-se como uma relação de trabalho. Situamos que o diferencial dessa relação se refere, na maioria das vezes, à ausência de garantia financeira para a prática esportiva, entretanto, parece haver para os atletas-adolescentes outros ganhos relacionados aos sentidos subjetivos de suas experiências.

A prática profissional e exclusiva do esporte não aparece, portanto, para todos como uma possibilidade para conquistar a independência financeira, pois a realidade brasileira demonstra claras dificuldades de planejamento e investimento na carreira esportiva, o que provoca também nos atletas a necessidade de busca por outras possibilidades que visem o seu desenvolvimento laboral e que, certamente, não incluem o exercício profissional dos esportes. Salvo as exceções de atletas que optam pela prática profissional do esporte e fazem deste o seu único sustento de vida, pareceu-nos existir uma inversão de sentido, quando se verifica que, na realidade, são os esportes que escolhem os atletas, dependendo de suas habilidades técnicas para este fim, pois apenas deste modo lhe serão garantidas condições favoráveis aos treinamentos.

Cabe aqui uma reflexão, proposta por Korsakas (2002), acerca da prática de esportes, com fins educativos, mostrar-se excludente, ou seja, pautada na seleção e especialização de poucos. Pensamos, então, no desenvolvimento daqueles atletas-adolescentes que, por não fazer parte de um seleto grupo de vencedores, abandonam o esporte. Neste caso, o abandono não ocorre por falta de interesse pela prática competitiva, mas devido à falta de oportunidades concretas para que este continue a exercer esta atividade. Ou ainda, naqueles que possuem habilidades técnicas de nível compatível com o exigido, mas que não conseguem lidar com todas as dificuldades que permeiam o esporte de alto rendimento. Estes questionamentos fortalecem a pertinência da nossa pesquisa e, na investigação dos sentidos atribuídos à vitória/derrota, afinal de contas, o que faz com que os participantes continuem a se dedicar à participação esportiva em formatos tão rigorosos?

A Psicologia apresenta como uma das explicações para compreender tais questões o conceito de resiliência que, de modo geral, se constitui na capacidade do sujeito de enfrentar adversidades, ser transformado por elas, mas conseguir superá-las (PINHEIRO, D., 2004).

Segundo Yunes, Garcia e Albuquerque (2007), a resiliência é um conceito originário da Física que faz alusão à capacidade de uma substância sofrer impacto ou absorver energia

sem ser deformada. Junqueira e Deslandes (2003) se utilizam da metáfora do elástico para se reportar a tal situação: após ele sofrer uma tensão inicial, volta ao mesmo estado.

Na Psicologia, o estudo desse fenômeno ocorre há cerca de 30 anos, todavia, quando a referência volta-se aos seres humanos, não podemos pensar que, após determinados acontecimentos negativos importantes, os sujeitos não sejam atingidos em nenhum sentido. A resiliência, portanto, não se refere ao retorno a um estado anterior, mas a superação ou adaptação diante de uma dificuldade considerada como um risco, e a possibilidade de construção de novos caminhos de vida e de um processo de subjetivação a partir do enfrentamento de situações difíceis ou conflitantes (JUNQUEIRA; DESLANDES, op. cit.).

Inicialmente, a resiliência era vista como uma característica inata, herdada por alguns sujeitos “privilegiados”, todavia, estudos mais recentes demonstram a necessidade de considerá-la como um processo comum e presente no desenvolvimento dos seres humanos, construído mediante a interação social, no qual interatuam: mecanismos de risco e proteção, respostas individuais, contribuições relativas aos vínculos familiares e redes de apoio social (CASTELAR-PERIM, 2011; RUTTER, 2006). Nesta perspectiva, Polleto e Koller (2008) referem que a resiliência varia de acordo com os sujeitos e as circunstâncias onde ela vai ocorrer, ou seja, a partir da interação dinâmica existente entre as características individuais e a complexidade do contexto no qual o sujeito está inserido.

Estudos demonstram como a resiliência faz parte do dia a dia desses atletas, e explica a sua permanência no esporte de alto rendimento, associada à persistência e ao enfrentamento de diversos obstáculos em suas histórias, dentre os quais estão lesões, derrotas e duras críticas. De modo muito corajoso, tais sujeitos parecem vencer as adversidades que surgem em seus caminhos, mostrando que esse contexto esportivo é um espaço de produção de comportamentos resilientes (GALLI; VEALEY, 2008).

Isso, para reforçar a tese do senso comum de que não há uma existência humana plenamente feliz e completamente protegida das incertezas da vida. Não obstante, a observação do comportamento humano nos remete a algumas interrogações: como algumas pessoas conseguem enfrentar situações adversas ao desenvolvimento humano? Por que alguns são mais vulneráveis que outros diante de situações de risco? Por que outros indivíduos apresentam invulnerabilidade e competência para manejar situações estressantes? Como alguns seres humanos podem se recuperar de grandes perdas materiais e/ou [sic] emocionais? Quais seriam as variáveis que possibilitam a alguns superar seus infortúnios de forma a estes não interferirem no desenvolvimento emocional posterior? (PINHEIRO, D., 2004, p. 68).

Os sujeitos costumam dar diferentes respostas perante uma mesma situação, assim, seus comportamentos estão relacionados aos mecanismos de risco e proteção que, ao serem introjetados, dão sentido às suas ações. Os mecanismos de risco estão associados a eventos negativos, não favoráveis ao desenvolvimento humano. Por sua vez, os mecanismos protetivos agem como mediadores entre a pessoa e o risco a ser combatido e, portanto, não podem ser relacionados como uma oposição aos mecanismos de risco, mas como mecanismos dinâmicos que oferecem aos sujeitos as condições necessárias ao enfrentamento de situações adversas (RUTTER, 2006; CASTELAR-PERIM, 2011).

Nos atletas-adolescentes do esporte de alto rendimento, há formas diferenciadas para lidar com as situações decorrentes do meio, como os treinamentos, a rotina esportiva diária e os resultados que obtêm nas competições. A vitória/derrota, certamente, refere-se a uma consequência desses fatores dentre os quais estão: a capacidade dos atletas lidarem com as dificuldades e obstáculos que encontram em suas trajetórias, superando-os e obtendo um resultado significativamente positivo após tais situações, ou seja, a resiliência.

O que parece distinguir um atleta de sucesso não é o fato de vivenciarem estes percalços, mas sim a maneira como os enfrentaram. O fato de não sucumbirem a estes percalços e conseguirem sair deles renovados e vitoriosos poderá eventualmente decorrer de suas capacidades/competências de resiliência (FONSECA, 2011 apud CASTELAR-PERIM 2011, p. 58).

Nesse sentido, pensamos que não apenas os vencedores apresentam comportamentos resilientes por conseguirem lidar com as situações decorrentes do alto rendimento e, mesmo assim, sagrarem-se vitoriosos. Os derrotados também apresentam condutas admiráveis, na medida em que após as derrotas, conseguem extrair experiências e aprendizados, atrelados a determinados sentimentos, que fazem com que eles atribuam sentidos à continuidade da prática esportiva nesses moldes. Para Junqueira e Deslandes (2003), as adversidades são enfrentadas, e não apenas eliminadas, na tentativa de buscar modos de combatê-las, que incluem novas soluções e ressignificações. É interessante pensar a resiliência como um fator protetivo sem ser, necessariamente, uma experiência agradável.

Rutter (2006) alude à fluidez dos conceitos de mecanismos de risco e proteção, pois um acontecimento considerado de risco pode, em dada situação, assumir o papel de proteção e vice versa. Assim, conforme explicitado neste estudo, o esporte de alto rendimento apresenta peculiaridades que vão de encontro às práticas esportivas relacionadas ao *esporte-educação* e *esporte-participação*, por exigirem muito de seus participantes em suas rotinas diárias.

Nesse sentido, pensamos na necessidade de desnaturalizar a ideia de que praticar esportes é sinônimo de estilo de vida saudável, tendo em vista os mecanismos de risco que tal prática envolve. Entretanto, segundo Luthar, Cicchetti e Becker (2000), há de se considerar também a possibilidade de estabelecimento de relações afetivas saudáveis, que assumem um papel importante de referência/segurança, e podem ajudar no enfrentamento de situações negativas, bem como na prevenção de futuras condições de risco.

No ambiente esportivo vislumbra-se ainda, por parte de seus participantes, diversos elementos correspondentes aqueles apresentados na literatura como próprios à aquisição e desenvolvimento de comportamentos resilientes, dentre os quais estão: o desenvolvimento de habilidades para lidar com mudanças em situações competitivas; a aquisição de competências cognitivas e sociais; o planejamento de atividades; a identificação e convivência com modelos positivos (técnicos e atletas); os aprendizados referentes a vitórias/derrotas; a adaptação a situações diversas; o desenvolvimento de metas (CASTELAR-PERIM, 2011; SANCHES, 2007; ZOCATELI, 2010). Desta forma, espera-se “[...] que a prática desportiva se estabeleça como um fator facilitador ou emancipador de características pessoais imprescindíveis para o processo de resiliência” (ZOCATELI, 2010, p. 49).

3 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

O referencial teórico-metodológico da TRS permite uma compreensão e explicação aprofundada dos fenômenos sociais, por isso é bastante pertinente nesse estudo que problematiza questões concernentes ao esporte de alto rendimento, praticado por atletas-adolescentes. No processo de identificação das RS, elas não se mostram da mesma forma para todos os membros da sociedade, uma vez que os sujeitos estão inseridos em diversos contextos socioculturais, o que tem relação com suas crenças, experiências individuais e coletivas, interações sociais, informações e sentimentos compartilhados.

Estes aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais têm relevância na dimensão e repercussão que as práticas esportivas tomaram e continuam a tomar na vida dos atletas-adolescentes, agindo como circunscritores de seu desenvolvimento. Em especial, o foco do nosso estudo remete às experiências de vitória/derrota vivenciadas por estes sujeitos nesta prática esportiva que corrobora com o sentido meritocrático difundido em nossa sociedade.

3.1 Breve histórico sobre a Teoria das Representações Sociais

No ano de 1961, na França, foi publicado o primeiro estudo realizado por Moscovici sobre o conceito das RS, denominado *La Psicanalyse: son image et son public*. Quinze anos depois, em 1976, esse texto foi reformulado e, desde então, se constitui em uma edição de referência para pesquisadores interessados em se aprofundar nesse campo teórico (MOSCOVICI, 2009).

Segundo Jesuíno (2011), as edições evidenciam congruência nas suas linhas fundamentais, embora também apresentem diferenciações que, por ventura, podem representar uma evolução nas ideias do autor, bem como eventuais repercussões na teoria, interpretadas como considerações plausíveis e relevantes, tendo em vista a necessidade de se enriquecer e consolidar as diversas linhas já fundamentadas, a partir das discussões suscitadas e dos enigmas com que se vê confrontada.

Em *La Psicanalyse: son image et son public*, Moscovici apresenta, por intermédio da análise de questionários, entrevistas e artigos de jornais, os resultados de uma pesquisa realizada na França sobre as RS que circulavam naquela sociedade da década de 50. Vale salientar que ele não tinha nenhum interesse em validar conhecimentos da teoria psicanalítica,

mas investigar como um conhecimento científico é difundido, por meio dos processos comunicativos, e se transforma em um conhecimento produzido pelo senso comum, isto é, compartilhado por um grupo específico de sujeitos (DOISE, 2011; MOSCOVICI, 2009).

Assim, percebeu que não havia apenas uma psicanálise, e sim várias representações dela, que se mostravam de modo bastante distinto da maneira como essa própria teoria se vê e se define. Para Cruz (2006, p. 115): “Nas RS acontece um movimento próprio em que o sujeito processa, novamente, as informações que lhe chegam metabolizando o que recebe e devolvendo ao social, em um processo dinâmico e continuado”.

O conhecimento, portanto, não era absorvido de forma passiva pelos sujeitos, pois estes introduziam novos conteúdos (familiares), adaptando aqueles elaborados no universo reificado à sua realidade social, com o objetivo de se relacionar com as novas informações e interagir socialmente. Assim, a apropriação de um saber novo pela esfera pública, ocasionada pelo conflito de ideias e grupos, produz o nascimento de uma nova representação, ou seja, uma teoria leiga sobre determinados objetos sociais (MOSCOVICI, 2009).

Segundo Santos (2005), tal teoria do senso comum, a TRS, é, portanto, um modelo teórico que possui a finalidade de compreender e explicar a construção desses conhecimentos leigos, isto é, o fenômeno das RS. Entretanto, há de se considerar que nem todos os conhecimentos do senso comum são denominados RS. Para que eles sejam caracterizados como tais, devem se apresentar como um objeto de relevância cultural para o grupo, que seja também polissêmico, polimorfo, o que lhe confere distintos sentidos nos diversos contextos socioculturais no qual está inserido e é construído. Assim, as RS se constituem em um “[...] meio pelo qual os seres humanos representam objetos de seu mundo” (LALHOU, 2011, p. 66).

Desta forma, a TRS contribuiu à necessidade dos pesquisadores em romper com a ausência de demarcação histórica predominante nos estudos em Psicologia Social da época, tendo em vista a proposta de Moscovici de desnaturalização dos objetos sociais, haja vista a sua ênfase à dimensão de construção humana, histórica e cultural (ALMEIDA; SANTOS; TRINDADE, 2011).

Alba (2011) faz alusão a alguns aspectos relevantes que fizeram com que a TRS obtivesse grande impacto nas últimas décadas, quais sejam: a abordagem dos fenômenos psicossociais em seu contexto social e histórico; o embasamento teórico-metodológico proposto por Moscovici, que dá conta da complexidade do fenômeno estudado; o sujeito como ator social, que constrói ativamente a sua realidade a partir do contexto sociocultural no

qual se encontra inserido; e o dinamismo das RS, o qual permite uma análise circunstanciada dos processos psicossociais.

No caso da Psicologia Social, a TRS, desde o seu surgimento, causou polêmica devido aos conceitos por ela propostos, bem como aos procedimentos metodológicos adotados pelos pesquisadores para a apreensão do senso comum. Destacamos, aqui, a relação sujeito-objeto e a identidade polissêmica dos objetos sociais diante dos diferentes *grupos*, bem como a interface desta teoria com outras ciências, tanto na área de humanas, quanto nos campos da saúde, educação e serviço social (SANTOS, 2005).

Moscovici propõe, em seu estudo *La Psicanalyse: son image et son public*, uma releitura da obra de Durkheim, estabelecendo um novo paradigma para a Psicologia Social, bem como para as ciências humanas e sociais de forma geral. O conceito de representações coletivas (RC) é revisto, na medida em que Moscovici estabelece que não apenas o sujeito pensa e constrói a sua realidade, mas também a sociedade o faz, em conjunto, na medida em que suas produções são realizadas de maneira coletiva.

As RC, consideradas por Durkheim, se apresentam aos sujeitos sociais como fenômenos sociais exteriores, independentes dos indivíduos e anteriores a eles, como a ciência, o mito e a religião, por exemplo. Moscovici, por sua vez, utilizou-se do termo RS para fazer alusão às RC, mediante a necessidade que sentia em dar ênfase à qualidade dinâmica das representações, todavia, opõe-se ao caráter fixo ou estático verificado na teoria durkheimiana (ALBA, 2011; MOSCOVICI, 2009).

Tal denominação pareceu, a Moscovici, mais apropriada ao contexto das sociedades modernas, caracterizadas por seu pluralismo e pela velocidade com que as mudanças econômicas, políticas e culturais ocorrem. Assim, ele confere dinamismo ao fenômeno das RS, na medida em que tanto os sujeitos ressignificam as influências de contextos diferentes, quanto as RS não são homogêneas para todos os membros da sociedade, nem dentro de um grupo em particular.

Cruz (2006) se refere à TRS como reveladora da dinâmica do real, na medida em que esta faz alusão à necessidade de refletir a respeito dos objetos sociais estarem diretamente relacionados à interação e vida social dos sujeitos. Não há, portanto, como conceber os objetos sociais sem que tal interação seja levada em conta. Ou seja: os objetos sociais apresentam um sentido muito mais amplo do que simples imagens desprovidas de função e representadas por uma dinâmica reprodutivista e passiva da realidade. Assim,

O fenômeno das representações está, por isso, ligado aos processos sociais implicados com diferenças na sociedade. E é para dar uma explicação dessa ligação que Moscovici sugeriu que as representações sociais são a forma de criação coletiva, em condições de modernidade, uma formulação implicando que, sob outras condições de vida social, a forma de criação coletiva pode também ser diferente (MOSCOVICI, 2009, p. 16).

As RS referem-se a um conjunto de crenças, pensamentos, opiniões e ideais, denominado senso comum, que nos permite fazer referências a dado objeto. Elas se constituem, portanto, em pontos de encontro do psicológico com o social, pois é a partir das experiências, dos conhecimentos, das informações e dos modelos de pensamentos transmitidos no dia a dia, por meio da tradição, educação e comunicação social, que elas se organizam.

A mídia também tem grande relevância nesse sentido, tendo em vista o poder que exerce sobre as atitudes e as formas de pensar das pessoas em geral. No mundo ocidental, diante do sistema de comunicação que mais atinge a população, a televisão, com imagens e apelos, repassa suas “verdades”, muitas vezes contaminadas por interesses de grupos, na tentativa de difundir e homogeneizar certas ideias. Para Moscovici (op. cit., p. 41):

[...] pessoas e grupos criam representações no decurso da comunicação e da cooperação. Representações, obviamente, não são criadas por um indivíduo isoladamente. Uma vez criadas, contudo, elas adquirem vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem.

A comunicação é um aspecto muito importante na TRS, pois é por meio dela que os grupos interagem, oportunizando as trocas entre os indivíduos e, o consequente compartilhamento de conhecimentos acerca dos objetos sociais. As RS são, portanto, geradas nos processos comunicativos, e expressas pela linguagem, o que torna evidente a visão das RS como resultantes da interação social, que envolvem um processo de adesão e participação na dinâmica social.

Os fenômenos na sociedade são, assim, processados nos grupos em particular, e nas influências desses, na medida em que “[...] o homem se expressa na comunicação e na conduta, e as respostas que encontra a essa expressão vão transformando sutilmente a sua própria representação” (MADEIRA, 1991, p. 140).

Nesse sentido, a TRS busca compreender como determinado grupo constrói um conjunto de saberes que são hierarquizados e influenciam suas condutas e práticas sociais, afinal, faz-se necessário não somente conhecer o conteúdo de uma representação, mas tentar

explicar como as pessoas pensam; o porquê deste pensamento; e ainda a forma que ele se organiza e estrutura (ALMEIDA, 2005). No item seguinte, abordaremos como ocorrem os processos de construção das RS.

3.2 Os processos de construção das Representações Sociais: *objetivação e ancoragem*

Os processos de construção das RS, denominados *objetivação e ancoragem*, se baseiam na memória social, isto é, na construção realizada a partir das experiências passadas do sujeito, em função da realidade presente e com o apoio de recursos proporcionados pela sociedade e pela cultura (SÁ, 2007). A função básica de ambos é tornar familiares objetos desconhecidos (novos), protegendo-os dos conflitos das mudanças e reforçando o sentimento de continuidade do contexto no qual o sujeito está inserido, bem como de suas experiências individuais e coletivas.

Podemos relacionar esses constructos teóricos às percepções de Moscovici acerca da difusão da Psicanálise na França, considerando a transformação de diversos aspectos da teoria psicanalítica em fatores comuns à realidade dos sujeitos, tendo a clareza de que se constrói um conhecimento novo, na medida em que se atribui a ele significados diferentes, compartilhados pelo senso comum. Assim,

[...] as representações sociais que nós fabricamos – de uma teoria científica, de uma nação, de um objeto, etc. – são sempre o resultado de um esforço constante de tornar comum e real algo que é incomum (não familiar), ou que nos dá um sentimento de não familiaridade. E através [sic] delas nós superamos o problema e o integramos em nosso mundo mental e físico, que é, com isso, enriquecido e transformado. Depois de uma série de ajustamentos, o que estava longe, parece ao alcance de nossa mão; o que parecia abstrato, torna-se concreto e quase normal (MOSCOVICI, 2009, p. 58).

Com efeito, é imprescindível lembrar que a imagem e o sentido da representação revelam o produto e o processo de uma elaboração psicológica e social do real, mediadas por categorias históricas e subjetivamente constituídas, ou mesmo como sendo uma forma de pensamento social instituída, que passa a ser vista como forma de conhecimento.

Segue-se aí, a construção de novos conceitos, e, mesmo que estes tenham sido socialmente construídos, são interpretados como sendo intrínsecos ao objeto. Assim, a familiarização aparece como um processo construtivo de *objetivação e ancoragem*, no qual o não familiar torna-se familiar.

Na *objetivação*, segundo Moscovici (2009), os sujeitos compõem imagens reais, concretas e compreensíveis, retiradas de noções abstratas de seu cotidiano, transferindo o que está na mente em algo que exista no mundo físico, para conceituar os novos esquemas que se apresentam e com os quais têm de lidar. Sua função social é agir como um facilitador da comunicação, atribuindo, por exemplo, a um conceito científico um significado do senso comum.

Nesse sentido,

Um enorme estoque de palavras, que se referem a objetos específicos, está em circulação em toda sociedade e nós estamos sob constante pressão para provê-los com sentidos concretos equivalentes. Desde que suponhamos que as palavras não falam sobre “nada”, somos obrigados a ligá-las a algo, a encontrar equivalentes não-verbais para elas (MOSCOVICI, 2009, p. 72).

Na *ancoragem*, segundo Moscovici (2009), os sujeitos atribuem sentidos às representações, assimilando as imagens criadas pela *objetivação*, investigando os valores sociais e sua atribuição de coerência, e fazendo uma junção das novas imagens com as anteriores, na tentativa de explicar o porquê da forma de pensamento social. “É um processo que transforma algo desconhecido e perturbador em algo conhecido, através [sic] da comparação com categorias já conhecidas” (SANTOS, 2005, p. 32-33). Ou seja, as informações desconhecidas são ancoradas em um sistema de valores próprio dos sujeitos, os quais as denominam e classificam mediante os laços que o objeto mantém com sua inserção social.

3.3. As funções das Representações Sociais

Segundo Menandro, Trindade e Almeida (2010), as funções das RS apresentam um papel fundamental na dinâmica das relações sociais e nas práticas cotidianas, dentre as quais estão: a *função do saber* e a *função de orientação*, sugeridas por Moscovici (2009), e a *função identitária* e a *função justificadora*, fundamentadas por Abric, em 1994.

Na *função do saber*, os indivíduos, por meio dos processos comunicativos, integram os novos conhecimentos aos seus sistemas de valores, atribuindo sentido aos objetos e acontecimentos sociais.

Na *função de orientação*, as representações orientam condutas e práticas sociais, podendo intervir na prescrição de modos desejáveis de comportamento que variam de acordo

com o contexto no qual o indivíduo está inserido; na definição da finalidade da situação; e na antecipação de comportamentos, que permitem adequação à realidade.

Na *função identitária*, as representações exercem papel fundamental nos processos de socialização, definindo a identidade dos indivíduos e dos grupos, e protegendo suas características.

Na *função justificadora*, os sujeitos, a partir de suas representações, são capazes de avaliar, explicar e justificar suas ações.

Em todas as funções, percebemos o papel comum de manutenção do equilíbrio sócio cognitivo, pois as representações atuam na mobilização de defesas quando os sujeitos se deparam com situações desconhecidas.

3.4 As abordagens da Teoria das Representações Sociais

A TRS apresenta significativas contribuições teórico-metodológicas de outros pesquisadores, que a partir de Moscovici, mantêm contato com a referida teoria desde a década de 60, no então recém-criado Laboratório de Psicologia Social, cujo fundador era o próprio criador da TRS (ALMEIDA, 2005). São eles: Denise Jodelet, Willem Doise e Jean-Claude Abric, entre outros.

Assim, tais autores se dedicaram às correntes teóricas distintas, que complementam a TRS, auxiliando em seu desenvolvimento, na medida em que se constituem em formas diferenciadas de investigar as RS.

A abordagem culturalista, de Denise Jodelet, prima pela ênfase da articulação entre as dimensões sociais e culturais que, por sua vez, conduzem as construções mentais e coletivas. Destacamos que as RS “[...] nos guiam no modo de nomear e definir conjuntamente os diferentes aspectos da realidade diária, no modo de interpretar esses aspectos, tomar decisões e, eventualmente, posicionar-se frente a eles de forma defensiva” (JODELET, 2001, P. 17). Assim, segundo Jodelet (2006), as aplicações possíveis de serem feitas mediante o paradigma das RS, nos diversos níveis que constituem a vida coletiva, social e individual, tornam a busca de um suporte em uma perspectiva cultural extremamente necessária.

Almeida (2005) confere à Jodelet o mérito de manter atual a proposição original de Moscovici, bem como a sistematização e divulgação da TRS. Em sua orientação teórico-metodológica, Jodelet faz alusão à necessidade do estudo das RS assegurarem quatro questões que dizem respeito a: apreensão dos discursos que sustentam a representação de dado objeto;

compreensão dos comportamentos e práticas sociais relacionados às representações; análise de documentos e registros que institucionalizam discursos, comportamentos e práticas sociais; e a análise também dos discursos difundidos pela mídia que exercem influência tanto na manutenção de RS quanto na sua transformação.

A abordagem societal, fundamentada por Willem Doise, propõe a integração dos modos de funcionamento da sociedade e dos indivíduos, por considerar que os processos disponíveis aos sujeitos para funcionar em sociedade são orientados por dinâmicas sociais, em particular, aquelas que dizem respeito às dimensões interacionais, posicionais ou de valores e crenças em geral (DOISE, 2002).

Tal perspectiva recorre a quatro níveis de análise utilizados na Psicologia Social que, de modo geral, teorizam a forma com que os sujeitos organizam suas experiências com o meio ambiente. O primeiro nível de análise se remete ao estudo dos processos intraindividuais, que abordam a maneira pela qual os sujeitos organizam suas experiências com o ambiente em que está inserido; o segundo considera os processos interindividuais e situacionais, ou seja, os sistemas interacionais; o terceiro faz referências às distintas posições dos sujeitos em suas interações (grupos de *status* diferentes); e o quarto nível, alude aos sistemas de crenças, representações, avaliações e normas sociais.

No item seguinte abordaremos a abordagem estrutural de Abric, a qual será explicitada com maiores detalhes, por se tratar do aporte teórico-metodológico adotado na pesquisa.

3.4.1 A abordagem estrutural

Em 1976, Abric, sob supervisão de Moscovici, propôs a Teoria do Núcleo Central como uma hipótese explicativa da organização interna das RS, a qual tem por objetivo investigar os conteúdos sócio cognitivos que se organizam e se estruturam em torno do sistema central (ou núcleo central) e periférico. Tal teoria, entretanto, veio a ser consolidada apenas dez anos depois (ABRIC, 2003).

Segundo Abric (1998), para todas as RS existe um núcleo central por estas se constituírem em uma manifestação do pensamento social, o que se subentende que apresenta crenças historicamente determinadas e fundamentais à cultura e aos modos de vida dos sujeitos, isto é, valores associados ao objeto em questão.

O núcleo central é composto por um número limitado de elementos, que assegura três funções dinâmicas e essenciais a ele: a *função geradora*, que dá significado à representação; a

função organizadora, alusiva à organização interna das RS, responsável por explicar como determinados elementos assumem mais relevância e outros menos, permanecendo na periferia; e a *função estabilizadora*, referente ao momento de fixação das RS, que dá ao grupo um sentimento de pertencimento.

Tais funções, portanto, que asseguram a significação, a consistência e a permanência da representação, fazem com que o núcleo central seja resistente à mudança, pois qualquer modificação deste núcleo acarreta uma transformação completa da representação. Vale salientar, no entanto, que apenas a apreensão do núcleo central não é suficiente para definir uma representação, o que a define é a sua organização. Ou seja: duas RS podem ter o mesmo núcleo e serem distintas, devido a sua organização de conteúdo, que se diferencia.

O sistema periférico se relaciona diretamente com o núcleo, por se apresentar como uma parte flexível, adaptativa da representação, composta por características mais maleáveis, que podem ser facilmente acessadas. Suas funções se referem a: *concretização*, que demonstra como a representação está ancorada na realidade; *regulação*, que permite a adaptação da representação quando diante de um elemento novo; *prescrição de comportamento*, que funciona como guia de conduta às ações dos sujeitos; *proteção do núcleo central*, que considera elementos novos e contraditórios com o núcleo, sem, no entanto, questionar a validação de uma representação; e *modulações personalizadas*, que diferenciam o conteúdo da representação de acordo com as características individuais dos sujeitos nos grupos (ABRIC, 1998).

Abric (2003) contribui ao campo da TRS também com propostas de procedimentos metodológicos a serem utilizadas em pesquisas. Uma das formas de coleta de dados é o método da *associação livre*, o qual possibilita o acesso às RS por meio da enunciação livre de ideias e palavras. A ordem de evocação, nesse método, não se faz importante, devido ao fato dos conteúdos relevantes aparecerem após ser estabelecida uma relação de confiança, com a redução dos mecanismos de defesa. Assim, Abric julgou por bem considerar a ordem de importância, na qual o próprio sujeito estabelece a hierarquia das palavras.

Aos questionários de associação livre, são apresentadas duas etapas: na primeira, o pesquisador pede que os sujeitos produzam as primeiras palavras que lhes veem à mente a partir de uma expressão indutora; e, em seguida, solicita-se uma hierarquização das palavras evocadas, em função de sua importância na relação com o objeto de estudo.

Na análise dos dados da presente pesquisa, as RS apreendidas nos questionários de associação livre são evidenciadas por meio de um quadro que diferencia em seus quadrantes:

o núcleo central; a primeira periferia; os elementos contrastantes; e a segunda periferia, bem como as palavras às quais estes se referem, sua frequência e ordem de evocação.

No núcleo central, apresentam-se basicamente os sinônimos associados ao objeto, os elementos que caracterizam melhor o objeto de estudo. A primeira periferia alude aos elementos periféricos mais importantes, enquanto que a segunda periferia faz referências aos elementos pouco presentes e pouco importantes no campo da representação. Já os elementos contrastantes dizem respeito àqueles temas enunciados por poucos sujeitos, mas que os consideram de grande importância. Ressaltamos, aqui, que esta última configuração pode ser reveladora da existência de um grupo menor, portador de representações diferentes, cujo núcleo central seria formado pelos elementos presentes neste quadrante (dos elementos contrastantes), em conjunto com os outros elementos que formam o núcleo central. Em contrapartida, pode-se encontrar, também neste quadrante, um complemento da primeira periferia (ABRIC, 2003).

4 MÉTODO

4.1 Natureza da pesquisa

Mediante o objetivo de identificar as RS da vitória/derrota para os atletas-adolescentes do esporte de alto rendimento, realizamos uma pesquisa qualitativa. Segundo Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1998), tal perspectiva busca descrever, compreender e explicar as intenções e os significados atribuídos pelos sujeitos às suas ações. Desse modo, não faz parte dessa proposta unicamente a descrição de comportamentos, mas a interpretação do mundo vivido e explicitado pelos participantes da pesquisa.

Neste estudo, a aproximação do sujeito e do objeto de pesquisa se fez, portanto, estritamente necessária, uma vez que ambos são da mesma natureza. Entendemos que, sem prever regras precisas, a flexibilidade inerente às pesquisas qualitativas possibilita a remodelagem da pesquisa no seu campo de investigação, na medida em que nos aproximamos do objeto de estudo, pois, ao adentrarmos no campo, por vezes, nos deparamos com situações inesperadas com as quais tivemos de lidar. Determinadas condições, por sua vez, exigiram uma reorganização do planejamento elaborado anteriormente, sem que isso ocasionasse prejuízos à sua contribuição científica.

Para o desenvolvimento da pesquisa, a pesquisadora ficou imersa no campo, e sua tarefa não se restringiu a deixá-lo munido de materiais empíricos já prestes a serem redigidos, afinal de contas, as interpretações qualitativas são construídas. As observações no campo foram de extrema importância, entretanto, o trabalho de análise e interpretação se constituiu de modo mais amplo e rigoroso. Posteriormente, foram formuladas notas e interpretações elaboradas a partir daquele primeiro texto, como apontado por Minayo e Sanches (1993).

Vale salientar que, em tese, as observações e interpretações do pesquisador são marcadas pelo gênero, cultura, linguagem, classe social, raça e etnia e, por isso, as observações devem estar sempre situadas nos mundos do observador e do observado, e entre esses mundos. Assim, fomos compreendendo que a íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado propõe limitações situacionais que interferem na investigação (DENZIN; LINCOLN, 2006). A este respeito, “Há muito tempo, existe uma tendência a se enxergar o eu do observador de ciência social como um contaminador potencial, algo para ser separado, neutralizado, minimizado, padronizado e controlado” (WEIS; WESEEN; WONG, 2006, p. 116-117). Pensamos, primeiramente, que tal neutralidade não é possível e, diante de tal fato, julgamos evidente essa percepção, tendo em vista a necessidade de demarcarmos o “lugar” de

onde o pesquisador fala. A limitação, abordada anteriormente, também favorece a pesquisa realizada em diversos sentidos, tendo em vista que a experiência e o olhar do pesquisador sobre determinados fenômenos já vivenciados ou estudados anteriormente, favorecem a um olhar diferenciado e atento às demandas que são evidenciadas no campo.

Tornou-se importante também reconhecer que os participantes, na maioria das vezes, não fornecem explicações completas sobre suas ações ou intenções. Estes oferecem relatos e histórias sobre o que fizeram, além de justificativas que respaldam tais comportamentos. O pesquisador, por sua vez, é que precisa estar preparado metodologicamente para dar conta da demanda apresentada, pois a utilização de apenas um método não parece capaz de entender as diversas variações da experiência humana. Nesse sentido, “[...] os pesquisadores qualitativos empregam efetivamente uma ampla variedade de métodos interpretativos interligados, sempre em busca de melhores formas de tornar mais compreensíveis os mundos da experiência que estudam” (DENZIN, LINCOLN, 2006, p. 33).

No presente estudo, a complexidade da temática proposta foi pensada mediante a adoção da perspectiva plurimetodológica, procedimento peculiar utilizado na TRS, que permite escolher diferentes recursos de coleta e análise de dados. Assim, “Efetivamente, não temos, até o momento, uma única técnica que permita elucidar, ao mesmo tempo, todas as informações que envolvem o objeto de uma representação” (ALMEIDA, 2005, p. 135). No entanto, a adoção de outros instrumentos de pesquisa possibilita diminuir as dificuldades vivenciadas pelos sujeitos, durante a evocação de suas respostas, configurando maior espontaneidade e, portanto, menos racionalizações (CRUZ, 2006).

4.2 A pesquisa piloto

Inicialmente, foi realizada uma pesquisa piloto, constituída pela aplicação de questionários de associação livre (Apêndice A) em atletas participantes de um evento esportivo, com fins de testar o instrumento a ser utilizado na pesquisa que, por ventura, poderia sofrer ajustes para melhor atender aos objetivos do presente estudo.

Participaram dessa pesquisa 38 atletas, entre 18 e 25 anos, das modalidades de handball, futsal, atletismo, judô, basquete, futebol, *taekwondo*, natação, vôlei e *rugby*.

A aplicação de tal instrumento de forma isolada, sem nenhuma intervenção no que diz respeito às respostas evidenciadas pelos participantes, não se constituiria em um modo dos

sujeitos acessarem determinados conteúdos que pudessem vir a lhes mobilizar emocionalmente, lhes trazendo prejuízos.

Esta possibilidade, embora remota, foi prevista na utilização deste questionário como parte do processo de coleta e análise dos dados, com a clareza de que esta seria uma introdução que seria justaposta a outro instrumento de pesquisa, no caso, a entrevista, com o objetivo de aprofundar determinadas questões relevantes. Caso se fizesse necessário, a Clínica de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) foi previamente contactada e estava à disposição para a realização de atendimentos que se fizessem necessários. Os resultados da pesquisa piloto também estão resguardados, sem terem sido divulgados por qualquer veículo de comunicação.

Vale salientar que a Carta de Anuência (Anexo), permitindo a realização da pesquisa piloto foi assinada pelo responsável do departamento da instituição, e o questionário foi aplicado em uma população maior de 18 anos para que esta pudesse se responsabilizar pela sua participação, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – Apêndice B) pela sua participação no estudo, tendo em vista a maior facilidade de execução da atividade, e a otimização do tempo da pesquisadora, sem que houvesse a espera pela autorização dos pais/responsáveis, procedimento que foi efetivamente adotado na coleta de dados da pesquisa.

A realização deste estudo piloto foi de suma importância, pois nos fez verificar a validação das expressões indutoras do questionário.

4.3 Os procedimentos de construção dos dados na pesquisa

Antes de dar início à pesquisa de campo, realizamos um aprofundamento acerca das modalidades esportivas, no que diz respeito ao número de participantes, inscritos nas respectivas federações, ou seja, o levantamento das entidades regulamentadoras dos esportes que mantém uma prática competitiva (TUBINO, 1992), bem como do quantitativo de inscritos na faixa etária de 12 a 18 anos. A partir desse quantitativo, havíamos pensado que seria possível escolher as modalidades, uma individual e outra coletiva, que tivessem o maior número de atletas-adolescentes com inscrições vigentes para o ano de 2011, período de realização da coleta de dados. Vale salientar que decidimos não incluir o futebol nessa investigação, tendo em vista ser esta uma modalidade a ser estudada a parte, por suas

demandas diferenciadas e o seu caráter profissional que sobremaneira recebe distinto tratamento nos meios comunicativos de circulação social.

A escolha das modalidades a serem investigados foi pensada, posteriormente, diante da necessidade de se ter um esporte individual e outro coletivo. Dentre a gama de práticas esportivas existentes e registradas por uma entidade regulamentadora (as federações), optamos pela natação e pelo vôlei, como sendo dois esportes de ascensão na camada social, com visibilidade perante a mídia e o público, e que possuem em seus percursos históricos algumas semelhanças, como: títulos mundiais e olímpicos, atletas reconhecidos como ídolos e a disparidade de resultados entre o sexo feminino e masculino. Afinal, em se falando de Jogos Olímpicos, os dois esportes trazem, em suas histórias, a consagração de vitória (primeiro lugar) como uma experiência vivenciada apenas por homens; as mulheres, em nenhum momento, realizaram tal feito, muito embora as condições de treinamento e os investimentos demonstrem, aparentemente, compatibilidade entre ambos.

A fase empírica da pesquisa foi dividida em duas etapas a fim de realizar o aprofundamento dos dados apreendidos na primeira fase, e o conseqüente refinamento progressivo das informações fornecidas pelos participantes na etapa subsequente (CRUZ, 2006).

Na primeira etapa do desenvolvimento da pesquisa, participaram 101 atletas, dentre as modalidades esportivas natação e vôlei, os sexos feminino e masculino, e a faixa etária entre 12 e 18 anos de idade, conforme previsto pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA – BRASIL, 2005) para a denominação da adolescência.

Nesta fase, o recurso de construção dos dados foi o questionário de associação livre, o qual é empregado eficazmente no acesso às RS, tendo em vista que à medida que os sujeitos escrevem as suas associações nos momentos em que leem cada expressão indutora, os mesmos o fazem “[...] com a espontaneidade das respostas, sem maiores explicações e/ou [sic] censuras [...]” (CRUZ, 2006, p. 145), o que nos possibilita a definição do campo semântico das RS.

O referido questionário apresentava seis expressões indutoras: *vitória*; *vitória nas competições*; *vitória para os pais*; *derrota*; *derrota nas competições*; *derrota para os pais*.

Logo após a entrega dos materiais aos participantes, as instruções foram dadas “coletivamente e individualmente para que cada participante escrevesse nas lacunas do questionário as primeiras cinco palavras que lhe viessem à mente, imediatamente, quando lesse cada expressão-indutora” (CRUZ, op. cit., p. 145). Passada a execução desta primeira etapa, a pesquisadora solicitou aos participantes, ainda nesta fase, que eles hierarquizassem as

cinco palavras ou expressões que escreveram por ordem de importância, enumerando-as de 1 a 5.

Ocorreu que alguns atletas-adolescentes não chegaram a preencher os cinco espaços e, nesses casos, a recomendação foi de que classificassem as palavras registradas e que foram evocadas no primeiro momento.

É importante informar que julgamos por bem a organização do questionário de modo que constasse apenas uma expressão indutora em cada folha, evitando-se assim a contaminação de uma expressão no conteúdo da outra expressão a seguir.

Além disso, com vistas no acesso a determinados aspectos constitutivos da vida dos participantes, o referido instrumento constou de alguns dados de identificação, sendo resguardadas as identidades dos sujeitos. Tais dados diziam respeito ao: ano de nascimento, idade, sexo, modalidade esportiva que pratica e tempo de prática, informações estas que certamente forneceram uma aproximação maior da realidade abordada, e têm relação com os objetivos específicos deste trabalho. Vale salientar ainda que essas informações foram solicitadas em uma folha anexa ao questionário, e preenchidas no momento em que os participantes já haviam dado suas respostas às expressões indutoras apresentadas, na tentativa de diminuir racionalizações e resistências mediante o preenchimento de dados que retratem, de alguma forma, a identidade dos participantes.

Os dados dos questionários de associação livre foram analisados, em primeira instância, com fins de apreensão de conteúdos e significados emergentes. Para isso, as palavras foram contabilizadas e classificadas em categorias temáticas, de acordo com a sua similitude semântica. Construimos, então, quadros compostos por estas palavras, atribuindo ao termo que acumulava o maior número de evocações dentre as que continham sentidos semelhantes, a titulação de cada categoria. Além disso, como recurso para análise dos dados dos questionários, utilizamos o *software Ensemble de Programmes Permettant l'Analyse des Évocations* (EVOC).

Tal análise, desenvolvida por Vergès, propõe a definição da relevância de cada palavra ou expressão associada, mediante o cruzamento das palavras mais frequentes com aquelas mais prontamente evocadas. O seu objetivo é compreender a estrutura das RS, através [sic] da identificação de seus elementos e sua hierarquia (ALMEIDA; GÓES; PAIXÃO, 2009).

Ao final da análise dos dados que emergiram dos questionários de associação livre, selecionamos as palavras representantes das categorias temáticas de cada expressão indutora, para que estas auxiliassem na construção do segundo recurso de coleta de dados utilizado na pesquisa: as entrevistas individuais. Tal organização plurimetodológica permitiu um trabalho

de construção realizado em coautoria com os sujeitos, no qual os dados são devolvidos a eles, para que façam uma reelaboração dos sentidos suscitados.

Na segunda etapa da pesquisa, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, com a finalidade de identificar os sentidos emergentes das representações. Segundo Flick (2004), tal modalidade de entrevista facilita a expressão dos pontos de vista do sujeito, por não ter uma forma padronizada. Deste modo, apresentamos os dados analisados na primeira etapa, referente ao conjunto de palavras com os sentidos mais recorrentes, organizados de modo que cada palavra foi exposta aos participantes em uma cartela. A partir desse estímulo, solicitamos aos sujeitos que produzissem suas falas explicando o porquê das pessoas terem relacionado aquelas palavras às expressões indutoras apresentadas. Além disso, pedimos as suas autorizações para fazer uso de um gravador de voz (mp3), com fins de obter maior aproveitamento dos conteúdos suscitados nas entrevistas, a serem ouvidas e transcritas em momentos posteriores.

Esta última fase da pesquisa de campo foi concretizada com a participação de cinco atletas-adolescentes, selecionados mediante a realização de um sorteio de números que identificavam os participantes por seus nomes em uma lista separada. Nesse momento, dividimos os participantes por modalidade esportiva e sexo, para que, ao final da seleção, fosse possível obter um representante de cada modalidade e sexo. Após tomarmos conhecimento dos nomes a serem contactados, nos remetemos aos questionários desses sujeitos, que continham os seus telefones, solicitados neste instrumento justamente com essa finalidade. Houve a necessidade de realização de mais uma entrevista, então, sorteamos aleatoriamente outro participante.

Ainda compondo a análise dos dados da pesquisa, e mais especificamente das entrevistas, utilizamos as técnicas de análise temática de conteúdo de Bardin, que se constitui em

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição dos conteúdos das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2004, p. 37).

Tais técnicas devem ser empregadas quando se quer ir além dos significados, da leitura simples do real, possibilitando a interpretação de mensagens obscuras e com duplo sentido, tendo em vista que, embutido no discurso aparente, geralmente simbólico e polissêmico, há um sentido que convém desvelar.

A análise de conteúdo é, portanto, composta por três etapas, referentes a: observação, codificação e categorização. A primeira fase, de pré-análise, constitui o *corpus* da pesquisa, na qual podem ser utilizados diversos tipos de procedimentos, como leitura flutuante, hipóteses, objetivos e elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação. Na segunda fase, de exploração do material, os dados são codificados a partir das unidades de registro. E, na terceira e última fase, de tratamento dos dados e interpretação, é realizada a categorização, ou seja, a classificação dos elementos segundo suas semelhanças e diferenciações, com posterior reagrupamento, em função de suas características comuns (BARDIN, 2004).

4.4 Os cuidados éticos

Primeiramente, elaboramos uma Carta de Anuência, endereçada ao responsável legal pela direção dos esportes amadores das instituições esportivas, para que este autorizasse a realização da pesquisa nas instalações do local em que as modalidades esportivas aconteciam. Após obter tais autorizações, o projeto de pesquisa desta dissertação foi submetido à aprovação pelo Comitê de Ética da UFPE, pelo fato do desenvolvimento desta pesquisa incluir a participação de seres humanos.

Posteriormente a aprovação pelo Comitê de Ética, a pesquisadora realizou novas visitas às instituições esportivas, desta vez para conceder explicações, em linguagem clara e acessível, acerca do estudo, à comissão técnica responsável pelo treinamento dos atletas/participantes da pesquisa.

Numa etapa seguinte ao acordo entre as partes, as informações foram apresentadas aos atletas-adolescentes, inclusive com a leitura do TCLE em voz alta, de modo que as condições para a realização e desenvolvimento da pesquisa fossem bem compreendidas. Para tanto, as dúvidas e esclarecimentos que surgiram foram devidamente esclarecidos. Aos atletas que, voluntariamente, se propuseram a participar do estudo, foi pedido que estes comprovassem tal participação mediante a assinatura do TCLE em uma via, e a assinatura de seus pais/responsáveis legais em outra. Tal documento,

Tem como objetivo principal obter a anuência do sujeito de pesquisa e/ou [sic] de seu representante legal pela sua participação voluntária na pesquisa após ter recebido por parte dos pesquisadores os esclarecimentos sobre os aspectos da pesquisa: objetivos, riscos, procedimentos a serem realizados, respeitando os princípios da confidencialidade e do sigilo. (CAMPINAS; BARROS, 2006, p. 471)

Vale salientar que as informações obtidas durante toda a pesquisa foram utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos. Além disso, os dados que possibilitariam a identificação dos sujeitos da pesquisa não foram revelados, pois, em todos os momentos, o anonimato e a confidencialidade das informações e dos participantes estão garantidos.

5 ANÁLISE DOS DADOS

5.1 Seleção do campo da pesquisa

Para a escolha do campo, a pesquisadora buscou na internet alguns dados referentes às federações, existentes em Pernambuco, como e-mail, telefone, site e endereço. Em seguida, tentou adquirir as informações necessárias por e-mail, enviando mensagens explicativas a todas as federações que ofereciam esse contato, dentre as quais estão: karatê, atletismo, judô, *taekwondo*, remo, natação, basquete e tênis de mesa. Tais mensagens, entretanto, não foram respondidas, e a pesquisadora julgou por bem se encaminhar ao endereço da sede das federações.

Nos locais referendados, o acesso às salas tornou-se muito difícil, pois estas estavam trancadas, não havia atendentes, com exceção dos órgãos que respondiam pelo futebol, que sugeriam uma organização diferenciada. O acesso a estas federações foi possível, pois os dias e horários de funcionamento pareciam ser respeitados com rigor, entretanto, como já citado, tal modalidade não fazia parte de nosso estudo.

Mediante novas tentativas, os dados referentes à Federação Pernambucana de Vôlei (FEVEPE) foram obtidos. Vale salientar que tais informações não eram organizadas no computador, restando à pesquisadora uma vistoria, com a permissão da atendente, no caderno que continha as inscrições de todos (as) os/as atletas, inscritos (as) nesta federação, desde 2009. A busca foi realizada separando manualmente as inscrições de acordo com o gênero, os anos de nascimento dos (as) atletas (entre 1993 e 1999), e levando em consideração o ano de 2011 como período vigente para atuação em eventos do esporte de alto rendimento. Foram verificadas também as instituições que os/as atletas representam, para, assim, tornar possível o contato com eles(as). Percebeu-se a organização arcaica dos dados, mediante o aparato tecnológico possível de ser utilizado.

O contato com uma das pessoas responsáveis pela Federação Pernambucana de Basketball (FPB) foi bastante prolongado, pois, inicialmente, a mesma parecia resolver um problema por telefone, concernente à realização dos jogos de basquete do Campeonato Pernambucano. A pesquisadora pôde perceber que tal problema envolvia a questão das inscrições dos atletas naquela federação, além da desorganização da federação de modo geral, pois, já no ano de 2010, não houve um controle efetivo de quantos e quais atletas poderiam participar das competições de forma legal, o que acabou por ocasionar a participação de vários atletas nos campeonatos, sem estarem devidamente inscritos.

As inscrições e, portanto, o quantitativo de atletas aptos a participar dos eventos promovidos por esta federação não havia sido definido na data do encontro. O Campeonato Pernambucano de Basquete, inclusive, já havia sido prorrogado devido a tal indefinição. Entretanto, nos contatos posteriores, que duraram cerca de um mês, a informação recebida foi a mesma: desconhecimento do número de atletas inscritos na FPB. Em outros momentos, o contato não foi efetuado, pois a referida federação estava com sua sala fechada, sem ninguém para realizar o atendimento.

Na Federação Aquática Pernambucana (FAP), não houve maiores problemas na obtenção dos dados necessários, exceto pelo fato da pesquisadora não ter recebido nenhuma resposta em sua primeira tentativa, por e-mail, e também mediante o fechamento da sala em determinados horários, que eram dados por regulares.

Acreditamos que nesta modalidade o contato pessoal foi facilitado devido à trajetória da pesquisadora como nadadora, e o consequente conhecimento de alguns responsáveis por este órgão, pois, no momento da explanação acerca da pesquisa e solicitação dos dados, foram realizados contatos com as pessoas responsáveis pelo arquivamento dessas informações, sendo utilizado, inclusive, o nome (já conhecido) da solicitante. Ficou acordado com a pesquisadora e um dos responsáveis pela federação, o envio de um e-mail com o atendimento de todas as solicitações. Tal e-mail foi enviado ao final desse mesmo dia, contendo, em anexo, uma lista de todos os atletas inscritos em 2011, acrescida da data da inscrição, número de registro, clube, data de nascimento e sexo, o que facilitou a quantificação dos possíveis participantes da pesquisa, desconsiderando dados de identificação, como nome e número de registro.

O contato com a Federação Pernambucana de Atletismo (FEPA) foi muito difícil, pois esta permaneceu fechada durante um mês inteiro. A pesquisadora não sabia desse fato e por isso deslocou-se várias vezes ao local na expectativa de que tivesse alguém para realizar o atendimento, mas não obteve sucesso. Apenas no dia em que a entidade retornou às atividades foi possível realizar algum tipo de contato, pois as informações que haviam sido colhidas na internet diziam respeito apenas ao número de telefone e endereço. Os dados necessários à pesquisa foram solicitados, porém a responsável pela federação afirmou não ter conhecimento destes, nem tampouco documentação que respondesse aos questionamentos.

Solicitou-se, então, à pesquisadora, o envio de um e-mail que contivesse as informações necessárias, para que este fosse encaminhado pela própria federação, à Confederação Brasileira de Atletismo (CBAt), detentora destes dados. Contudo, nos diversos telefonemas requisitando os dados pertinentes à pesquisa, pediu-se tempo para que a resposta

ao e-mail fosse enviada, pois não dependia apenas daquele órgão (FEPA), mas de outro maior (CBAAt), que também precisava permitir a divulgação desse dados, apenas quantitativos. Ciente de que não obteria êxito na requisição, ao menos em tempo hábil para a conclusão de todas as etapas anteriores à coleta de dados, foi realizado um contato com a referida federação apenas para que a pesquisadora tomasse conhecimento de algumas instituições de Recife que são inscritas naquela federação, pois era necessário dar seguimento à pesquisa.

O contato com as demais federações não contempladas nessa trajetória inicial não foi realizado, pois mediante tamanha dificuldade na obtenção de dados quantitativos referentes ao número de atletas inscritos em suas respectivas federações, optamos por dar continuidade à pesquisa por um caminho um pouco diferente daquele que havia sido planejado inicialmente, no que concerne às justificativas que respaldam a opção pelas modalidades investigadas.

Vale salientar que, desde a descrição dos objetivos específicos, a caracterização do campo metodológico já havia sido traçada. A investigação quanto aos projetos de vida de atletas-adolescentes, e a comparação dos sentidos que estes atribuem às suas experiências de vitória/derrota mediante as modalidades esportivas (individual e coletiva) praticadas, e o gênero (masculino e feminino), justificam as nossas escolhas, quando optamos por trabalhar com adolescentes de faixa etária entre 12 e 18 anos, e de ambos os sexos.

Na FEVEPE, havia um total de 106 atletas inscritos, dos quais 88 nasceram entre os anos de 1993 e 1999, o que é correspondente às faixas etárias de 12 a 18 anos de idade, conforme se verifica no quadro abaixo. Observa-se, portanto, que 83% do quantitativo de atletas desta modalidade são adolescentes (Tabela 01).

Tabela 01: Atletas inscritos na FEVEPE, nascidos entre 1993 e 1999.

Modalidade Esportiva: Vôlei			
Ano de Nascimento	Feminino	Masculino	Total
1993	06	11	17
1994	09	18	27
1995	15	12	27
1996	06	07	13
1997	02	02	04
1998	--	--	--
1999	--	--	--
1993 – 1999	38	50	88

Na FAP, nota-se que o total de atletas-adolescentes inscritos (204) equivale a 60% das inscrições presentes (341) na entidade, como por ser verificado na Tabela 02.

Tabela 02: Atletas inscritos na FAP, nascidos entre 1993 e 1999.

Modalidade Esportiva: Natação			
Ano de Nascimento	Feminino	Masculino	Total
1993	04	14	18
1994	05	12	17
1995	05	15	20
1996	15	13	28
1997	19	30	49
1998	14	20	34
1999	16	22	38
1993 – 1999	78	126	204

Percebemos, desse modo, a relevância ainda maior do grupo escolhido de adolescentes para realização da pesquisa, tendo em vista que este compreende um percentual maior do que 50% do total dos atletas praticantes de ambas as modalidades, e inscritos em suas federações.

A FAP e a FEVEPE ainda informaram à pesquisadora as instituições as quais estes atletas-adolescentes representam, para que fosse possível o acesso aos mesmos, na etapa de coleta dos dados.

5.2 O campo da pesquisa: primeiras impressões

Ciente das instituições e atletas que poderiam contribuir com a pesquisa, a pesquisadora, munida da Carta de Anuência da Instituição foi em busca das assinaturas dos responsáveis pelas mesmas. Tal etapa não foi tão fácil quanto se esperava, pois o contato com essas pessoas era dificultado pelo fato da maioria delas não estar presente nas instituições todos os dias. Após diversas tentativas, foi possível a autorização da maioria. Em dois desses lugares, foram solicitados: uma carta de apresentação da UFPE, para a confirmação do vínculo da pesquisadora com a instituição, bem como um resumo do projeto de pesquisa a ser realizado, para que se tomasse conhecimento da temática abordada e dos procedimentos utilizados.

Para realizar a coleta de dados, as cinco instituições que constavam como ativas na FEVEPE foram visitadas, aprovaram a realização da pesquisa, e tiveram seus atletas-adolescentes como participantes, após a assinatura dos mesmos e de seus responsáveis ao TCLE, totalizando um quantitativo de 57 sujeitos, dentre os sexos masculino e feminino, conforme pode ser verificado na Tabela 03.

Tabela 03: Participantes da pesquisa – vôlei

Modalidade Esportiva: Vôlei			
Idade	Feminino	Masculino	Total
12 anos	04	--	04
13 anos	05	--	05
14 anos	05	02	07
15 anos	06	03	09
16 anos	07	10	17
17 anos	02	10	12
18 anos	01	02	03
12 – 18 anos	30	27	57

Já na natação, dentre dez instituições existentes, quatro contribuíram ao desenvolvimento deste estudo. Para selecioná-las, a pesquisadora optou, inicialmente, por aquelas que apresentavam o maior número de atletas-adolescentes filiados, pois tal feito simplificaria esse processo, tornando-o mais rápido, tendo em vista a possibilidade da aplicação coletiva dos questionários.

Segundo dados obtidos na FAP, a instituição que possui mais atletas-nadadores(as), não concedeu liberação para que a pesquisadora cumprisse com essa etapa, necessária para a construção da dissertação, o que dificultou ainda mais esse processo. Os motivos que justificavam a não autorização, diziam respeito a experiências passadas de pesquisas que não tiveram procedimentos de coleta de dados satisfatórios. Além disso, foram levantados argumentos também que pareciam incompatíveis com a realidade apresentada pela instituição. Foi alegado que a instituição não tinha fins competitivos, quando a mesma tem inscrição na FAP, bem como há a participação em campeonatos de níveis estaduais, regionais e nacionais, por atletas já com faixa etária de 7 anos de idade. A pesquisadora, inclusive, tomou ciência que os treinos dos atletas nascidos entre os anos de 1993 e 1999 eram realizados em 9 sessões, de segunda-feira a sábado, o que dava concretude à conotação de alto rendimento ao esporte praticado.

Na modalidade de natação, participaram da pesquisa 44 atletas, dentre os sexos masculino e feminino, conforme explicitado pela Tabela 04.

O número total de atletas participantes da pesquisa foi, portanto, de 101, conforme explicitado na Tabela 05, quantitativo este inferior ao que havia sido planejado no início do estudo. Havíamos pensado em realizar a pesquisa com uma amostra representativa de 156 participantes, esgotando, desse modo, quantitativo correspondente ao total de praticantes de vôlei feminino inscritos na FEVEPE, por esta modalidade e sexo apresentar um número menor de participantes, quando comparadas as outras. Pensamos, assim, nesse mesmo

quantitativo nas demais investigações. Tal objetivo não foi possível devido aos percalços encontrados no campo, entretanto, julgamos que a quantidade apresentada foi bastante expressiva no que concerne aos resultados obtidos.

Tabela 04: Participantes da pesquisa – natação

Modalidade Esportiva: Natação			
Idade	Feminino	Masculino	Total
12 anos	04	--	04
13 anos	10	04	14
14 anos	07	03	10
15 anos	03	06	09
16 anos	01	01	02
17 anos	--	03	03
18 anos	02	--	02
12 – 18 anos	27	17	44

Tabela 05: Participantes da pesquisa – vôlei e natação

Modalidades Esportivas: Vôlei e Natação			
Idade	Feminino	Masculino	Total
12 anos	08	--	08
13 anos	15	04	19
14 anos	12	05	17
15 anos	09	09	18
16 anos	08	11	19
17 anos	02	13	15
18 anos	03	02	05
12 – 18 anos	57	44	101

5.3 Os contatos com os atletas-adolescentes

Os contatos com os atletas-adolescentes foram facilitados pelos técnicos das respectivas instituições e modalidades que, em sua totalidade, se mostraram muito atenciosos e disponíveis, desde o primeiro momento, quando na explanação acerca do estudo, o que inclui: objetivos, metodologia e devolução dos resultados. Eles ajudaram na indicação de outros treinadores que poderiam contribuir ao desenvolvimento da pesquisa, e ressaltaram, inclusive, a importância do objeto de estudo vitória/derrota, bem como explicitaram a necessidade do seu grupo na realização de um trabalho de intervenção psicológica, voltado ao esporte, e inexistente até então.

Durante os contatos estabelecidos, a percepção dos treinadores acerca do aspecto emocional dos atletas veio à tona, o que julgavam ser, por vezes, a causa da vitória/derrota deles, na medida em que, fisicamente, estavam bem treinados, com condições para obter um rendimento mais expressivo do que aquele apresentado. A preocupação parecia ser sempre nesse sentido emocional e, mais especificamente, voltada aos fatores negativos que a influência dos aspectos psicológicos pode trazer ao desempenho de um atleta do esporte de alto rendimento.

Outra dificuldade relatada referiu-se à baixa quantidade de equipes e atletas de Pernambucano, que torna o nível de competitividade menor, pois há menos campeonatos e, tal fato, também não contribui tanto quanto poderia para a excelência esportiva, possibilitada por confrontos mais acirrados entre os competidores. Assim, a diferença técnica em campeonatos nacionais foi justificada pelo fato de as equipes do Sul e Sudeste se constituírem em verdadeiros “celeiros de campeões”, tendo em vista o investimento direcionado às categorias de base e formação de atletas profissionais. Além disso, em face das estruturas física e financeira dessas instituições, com maiores recursos para investir nos esportes, disseram que há a migração de atletas do vôlei e da natação, por exemplo, para outros estados, em busca de maior investimento em sua carreira.

Em suma, os contatos com os treinadores foram muito proveitosos, de modo que foi possível conhecer um pouco mais do contexto que envolve as modalidades estudadas e os seus atletas-adolescentes. Percebemos ainda especificidades e formas de interação social diferenciadas entre a modalidade individual e a coletiva, relacionadas também ao estilo de liderança exercido pelo treinador.

De forma geral, os técnicos “autorizaram” os atletas a participarem da pesquisa, mediante o reforço que deram a isso. Um exemplo é um treinador que afirmou, após seus atletas terem respondido aos questionários, ser um pré-requisito para a participação no treino do dia seguinte trazer o TCLE respondido. Vale salientar que, desta equipe, todos os atletas participaram da pesquisa, o que nos mostra como o comportamento do treinador circunscreve a prática do atleta-adolescente.

Os treinadores pareceram-nos exercer funções de cuidadores, por vezes, bem semelhantes aos papéis desempenhados pelos pais. Assim, eles praticam, de forma positiva ou negativa, influências sobre como os atletas-adolescentes irão interagir, não apenas no contexto esportivo, mas na sua vida de modo geral. Afinal, muitas vezes, relataram preocupações e cuidados relacionados à: saúde, alimentação, vida pessoal, social e escolar dos atletas-adolescentes.

No vôlei, verificamos que o treinador compartilhava a sua liderança com outro membro do grupo. Tal procedimento é previsto também nas regras da modalidade, na qual os times devem ter em um atleta, o capitão para a equipe. Este atleta, por sua vez, passa a exercer papel semelhante ao do treinador, influenciando os demais componentes da equipe que, via de regra, atua em como um *grupo* coeso que pensa e age como tal.

Observamos durante a espera para a aplicação dos questionários que determinadas responsabilidades, como o auxílio ao técnico durante o treinamento, a ajuda e incentivo dado a outros atletas em treinamentos ou campeonatos, e até mesmo para dar início às respostas aos questionários, o aquecimento da equipe realizado em duplas, a montagem do cenário esportivo para a realização dos treinos como o posicionamento da rede, bolas, etc., são divididas entre os atletas-adolescentes, assim como pode acontecer com outras experiências vivenciadas entre eles, como as situações de vitória/derrota.

Entre os participantes de uma das equipes percebeu-se ainda um cuidado peculiar quanto ao cumprimento das atividades propostas na pesquisa, bem como a verificação das informações que foram fornecidas por seus pares, tanto no TCLE, quanto nos dados pessoais dos questionários. Tal cuidado sinaliza-nos um jeito de ser em *grupo*, no qual uns agem como orientadores de condutas dos outros.

Na natação, a pesquisadora observou condutas mais individualistas. Os nadadores mostraram-se de modo mais solitários em suas atividades, no sentido da preparação para o treinamento, no cumprimento das atividades extratreinos, mediante a não existência de um líder na equipe, e ainda a ausência de estímulos para a realização de várias atividades. Os técnicos pareceram-nos demonstrar posturas diferenciadas, também, quando realizam as cobranças individualmente, mesmo que os atletas-adolescentes realizem atividades nas quais se encontrem aglomerados e se constituam, de fato, como um *grupo*.

Os comportamentos observados na natação parecem corroborar a ideia da prática de uma modalidade individual que, por mais que o sujeito esteja inserido em um *grupo*, com o qual interage, treina junto e compete entre si, o seu rendimento depende apenas de si mesmo, dadas as condições ideais de treinamento e, por isso, a sua independência diante de seus pares na realização das ações do cotidiano esportivo se mostre tão evidente.

5.4 Os atletas-adolescentes em suas rotinas

No desenvolvimento da coleta de dados, a pesquisadora pôde acompanhar a rotina esportiva dos atletas-adolescentes, tendo em vista que, a partir do primeiro contato efetuado com eles, no qual foram repassadas todas as informações necessárias acerca da pesquisa, houve a realização de vários outros encontros, dada a dificuldade dos participantes de se lembrarem de entregar o TCLE assinado e, posteriormente, para a realização dos questionários e entrevistas. Nesse ínterim, percebemos que o estímulo dado pelos treinadores para a participação da pesquisa tinha muita influência no tempo que os atletas-adolescentes levavam para devolver o TCLE, bem como para prontificar-se a responder os questionários.

A experiência de ir várias vezes aos locais de treinamento atrasou um pouco o cumprimento do cronograma de atividades anteriormente elaborado, entretanto também tornou possível à pesquisadora uma observação de campo bem apurada, no sentido de conhecer mais os atletas-participantes, suas características pessoais e grupais, e ainda suas necessidades, inquietações e conflitos. Por vezes, também foi necessária a presença da pesquisadora em campeonatos de natação e vôlei, para a aplicação de mais questionários, pois nesses momentos foi possível o acesso à equipe completa, e, assim, a consequente evolução da pesquisa. Este foi outro aspecto bastante interessante, tendo em vista as oportunidades de observar as condutas dos atletas-adolescentes nas competições.

Os jogos de vôlei foram marcados pelo apoio contínuo dos atletas-adolescentes entre si, após cada jogada, seja esta finalizada com um acerto ou erro. Os técnicos que acompanhavam suas equipes, posicionados ao lado da quadra, também mantinham contato frequente, geralmente permeado por gritos, sejam para fazer correções, dar incentivo ao grupo, ou até mesmo para orientar sobre dada atuação particular ou grupal.

Na natação, de acordo com as normas instituídas, o contato entre qualquer outra pessoa e o atleta só é possível antes ou depois da realização de sua prova, afinal, este último fica o tempo inteiro dentro da piscina, salvo nos casos de revezamento. Entretanto, mesmo com a impossibilidade de contato tão próximo, percebeu-se a tentativa dos treinadores em chamar a atenção de seus nadadores, com apitos, gritos e gestos que, na maioria das vezes, servem para motivar os atletas ou para orientar sobre seu desempenho momentâneo.

Nos campeonatos, inúmeros atletas-adolescentes de ambos os esportes tinham seus familiares presentes nas arquibancadas, constituindo-se como torcida. Verificamos, inclusive, em um jogo que antecedia a viagem de um grupo de atletas de vôlei a um campeonato nacional, a presença de diversos pais. Além de assistir ao jogo, estes esperavam o momento

(pós-jogo) em que aconteceria uma reunião organizada pelo treinador, com o objetivo de falar sobre a importância da competição para aqueles atletas-adolescentes, bem como sobre a relevância que tinha o apoio dos pais aos filhos, durante toda a viagem. Vale salientar que, nesta ocasião, apenas os familiares de um atleta-adolescente não estavam presentes.

Ainda no que concerne ao acompanhamento dos pais à rotina esportiva diária de seus filhos, percebemos tal assistência bem presente apenas na natação, formando aí outro *grupo*, na maioria das vezes, composto por pais preocupados com o treinamento e rendimento de seus filhos. Os contatos dos pais com os treinadores são frequentes, e também estão relacionados às preocupações que dizem respeito: ao modo como o filho está treinando, o tratamento de lesões, a alimentação ideal antes e depois do treinamento, o transporte a ser utilizado nos deslocamentos escola-treino-casa, bem como a preparação das bebidas (água, suco, repositores energéticos, etc.) que os filhos devem ingerir durante os treinos. No vôlei, em todas as oportunidades em que a pesquisadora esteve presente em quadra, apenas uma mãe acompanhava o filho à instituição de treinamento, e assistia aos treinos.

No dia a dia dos atletas-adolescentes, observamos a chegada da maioria deles antes do horário de treino para aproveitarem momentos conversando entre si, tornando possível, inclusive, as conversas informais com a pesquisadora, que para eles poderia assumir um papel de psicóloga. Os assuntos abordados diziam respeito a: conflitos familiares, doenças de entes queridos, dificuldades na escola e no esporte (com técnicos ou em treinos e competições), namoros, e sobre outras questões que envolviam problemáticas em suas vidas. Percebemos, assim, a necessidade que estes atletas-adolescentes tinham em ser ouvidos, bem como a satisfação por ter a atenção de uma profissional da Psicologia, mesmo que declarasse a sua condição de pesquisadora e, naqueles momentos, apenas conversasse, sem nenhuma interação profissional.

Por vezes, a pesquisadora foi questionada pelos atletas-adolescentes se seria feito um acompanhamento psicológico com eles, após o término do estudo, inclusive indagando sobre a possibilidade de realização deste em consultório particular. Alguns atletas optaram por não participar da pesquisa, enquanto outros o fizeram sem problemas, e, em alguns casos, existiram pedidos para participação.

Durante a aplicação dos questionários, a pesquisadora percebeu mais facilidade e rapidez por parte dos meninos, ao darem suas respostas. As meninas costumavam conversar mais entre elas, inclusive para falar sobre as dificuldades encontradas para dar tais respostas, por considerarem esta uma temática muito difícil. Por vezes, suas respostas foram dadas em voz alta, entretanto, a maioria dos atletas-adolescentes, de ambos os sexos, demonstravam

uma preocupação em proteger suas respostas dos olhares alheios. Algumas pessoas tentaram ler as respostas de outrem, enquanto estes preenchiam os questionários, o que nos faz pensar novamente acerca das vivências relacionadas à vitória/derrota serem experiências particulares.

Para a realização das entrevistas, foi combinado, juntamente com os atletas sorteados, um encontro em seus locais de treinamento. O horário variou de acordo com a disponibilidade e preferência dos atletas-adolescentes, pois alguns preferiam antes do treino, e outros, depois. Dois dos atletas sorteados referiram não estar treinando devido às atividades escolares. Um deles, de 17 anos, cursa a 3ª série do Ensino Médio e, no momento, se dedicava mais às aulas (escola e cursos) e estudos para o vestibular, entretanto, precisava competir mais uma vez no ano de 2011 e, por isso, a entrevista foi realizada antes desse campeonato.

O outro atleta também se dedicava aos estudos, pois estava em época de provas da 8ª série do Ensino Fundamental. Vale salientar que este último se disponibilizou a ir ao encontro da pesquisadora, mesmo sem estar treinando e justificou a necessidade de ter que se dedicar apenas às provas no momento por ter uma rotina muito cansativa devido aos treinos. Segundo ele, seus dias se resumem a aula-treino-casa (manhã, tarde e noite, respectivamente) e, assim, quando retorna à sua residência, sente-se muito cansado, deixando, por vezes, tarefas a fazer e matérias a estudar.

Percebemos que os estudos são uma preocupação frequente dos atletas-adolescentes, que permeia o ambiente esportivo, nos períodos que antecedem os treinamentos, ou até mesmo durante os intervalos destes. Por vezes, a pesquisadora identificou atletas estudando ou realizando atividades escolares, bem como pôde observar em seus discursos a necessidade de ter que dar conta dessas tarefas no tempo que lhe sobrava, em meio ao dia a dia atribulado que lhes é peculiar. Segundo os atletas-adolescentes, esta também é uma preocupação da instituição de ensino ou esportiva, pois o rendimento na escola lhe garante a permanência de uma bolsa de estudos ou patrocínio, possibilitados por seus resultados nos esportes e pela participação em competições escolares, nas quais representam tais entidades. Em dada instituição esportiva, havia um projeto para organizar uma sala de estudos, na qual os atletas-adolescentes poderiam se dedicar a essas atividades em um ambiente adequado.

5.5 Resultados e discussão

Na tentativa de compreender as RS da vitória/derrota construídas por atletas-adolescentes do esporte de alto rendimento, apresentaremos, nesta análise, simultaneamente,

os achados correspondentes às duas fases da pesquisa, quais sejam: a realização dos questionários de associação livre, e das entrevistas. Para que os dados fossem apresentados de maneira mais clara, julgamos por bem separá-los por expressão indutora.

Destacamos que cada etapa recebeu um tratamento particular na construção dos dados. Os questionários de associação livre, compostos pelas expressões indutoras *vitória*, *vitória nas competições*, *vitória para os pais*, *derrota*, *derrota nas competições* e *derrota para os pais*, foram analisados mediante a análise temática de conteúdo de Bardin (2004), o que nos permitiu a construção dos universos semânticos e a consequente aproximação da apreensão das RS de vitória/derrota.

As palavras associadas revelaram três tipos de dimensão, organizadas de acordo com as categorias temáticas emergentes da análise e expostas por uma tabela, e posterior discussão: a **dimensão pessoal e motivacional**, constituída por sentidos subjetivos atribuídos às experiências de vitória/derrota; a **dimensão afetivo-emocional**, composta por sentimentos e emoções relacionadas às vivências dos atletas-adolescentes; e a **dimensão técnica**, formada por aspectos técnicos relacionados às modalidades esportivas e suas práticas.

Tais dimensões foram explicitadas de acordo com a recorrência quantitativa, ou seja, a frequência com que as categorias apareceram, considerando a anterior junção de palavras que demonstraram similitude semântica. Assim, percebemos a reestruturação das mesmas mediante os sentidos apresentados a cada termo, e até mesmo a ausência de uma delas em duas expressões, o que corrobora a ideia de que os sujeitos apresentam sentimentos e experiências diferenciadas que variam com a situação com a qual estão envolvidos.

Ainda no que concerne aos questionários de associação livre, em um segundo momento, realizamos a análise dos mesmos a partir do software EVOC, o qual apresenta a estrutura e organização interna das RS, em função da frequência e ordem de evocação. Tais dados foram anunciados por uma tabela que expõe os elementos que compõem as RS, dentre os quais estão: o núcleo central, a primeira periferia, os elementos contrastantes e a segunda periferia.

Em seguida, tem-se também uma discussão sobre os resultados apresentados, bem como uma explanação acerca da influência das variáveis de gênero (feminino e masculino) e modalidade (individual e coletiva) nessas representações. A realização do comparativo entre tais aspectos cumpre com os objetivos específicos da presente pesquisa de: cotejar os sentidos compartilhados pelos atletas-adolescentes, praticantes de modalidade individual e coletiva; e relacionar as RS da vitória/derrota e a questão de gênero. Vale salientar, no entanto, que a análise entre as diferentes modalidades esportivas, por meio do software EVOC, não

apresentou resultados significativos que possibilitassem tal comparação, o que nos aponta que os sentidos de vitória/derrota são compartilhados por atletas-adolescentes, tanto da modalidade individual (natação), quanto da coletiva (vôlei).

Por fim, apresentamos a análise das entrevistas com os atletas-adolescentes com fins de aprofundamento dos sentidos relacionados na etapa anterior, tornando possível, assim, uma compreensão mais apurada das RS de vitória/derrota, no sentido de conjugar dados quantitativos dos questionários de associação livre e qualitativos das entrevistas. A análise qualitativa das falas dos participantes foi efetuada diante da perspectiva da análise temática de conteúdo de Bardin (2004).

5.5.1 Expressão indutora: *vitória*

As palavras associadas à expressão indutora *vitória* revelaram três dimensões: a **dimensão pessoal e motivacional**, a **dimensão afetivo-emocional** e a **dimensão técnica**, conforme evidenciado na Tabela 06.

A **dimensão pessoal e motivacional** apresentou o maior número de palavras evocadas, o que nos revela sentidos subjetivos dos sujeitos em relação à vitória, por ser esta uma condição particular, embora constituída por sentidos compartilhados entre aqueles que a experimentam. O merecimento pessoal parece vir imbricado nessa experiência, expressando a trajetória caminhada até chegar àquele fim. Para os atletas-adolescentes, o sentido é de processo construído, pois apenas com muita *garra* e *esforço* o acesso à vitória é possível. Assim, a *garra* objetiva o sentido de vitória, que aparece diluído também em outras palavras como *determinação*, *raça*, *persistência* e *força de vontade*, dando concretude e materialidade para tal experiência, vivenciada pelos atletas-adolescentes.

A *conquista* surge, então, com o sentido de *dever/trabalho cumprido*, indicando que a vitória não é uma consequência casual, mas a realização de um feito muito planejado, durante determinado tempo ou no decorrer de toda a vida esportiva dos atletas-adolescentes. Uma condição para existir enquanto atleta no meio esportivo é ser disciplinado e saber lidar com duas situações opostas: vitória/derrota.

O sentido de mérito obtido nas disputas revela o sentimento de conclusão de um ciclo com sucesso; e, posteriormente, a estruturação de um novo plano, com novos objetivos e apenas uma ideia: o desejo de vitória. Tal aspiração, quando conquistada, traz a ideia de *recompensa* e, para os atletas-adolescentes, parece que tanto *comprometimento*, *dedicação* e

esforço valem a pena no final de todo o processo. Percebe-se, aqui, um sentido de completude, finalização, em que só é possível celebrar após sua concretização por meio dos resultados, da consagração de ser *campeão*, ou da *melhora dos tempos* no caso da natação.

Tabela 06: Campo Semântico das palavras associadas a expressão indutora vitória.

Categorias Temáticas	Palavras Associadas	Frequência	
Dimensão Pessoal e Motivacional	Garra	Garra, esforço, determinação, dedicação, força, raça, força de vontade, vontade, desejo, perseverança, persistência, comprometimento, disciplina, suportar até o fim.	101
	Conquista	Conquista, ganhar, vencer, campeão, recompensa, conseguir os objetivos, objetivo, dever cumprido, trabalho cumprido, sucesso, missão cumprida, vitorioso, mérito, objetivo alcançado, <i>winning</i> , consagração, vencedores.	74
	Orgulho	Orgulho, vencer na vida, vencer em tudo, ganhar em tudo, aprendizagem, aprender, crescimento, vida, independência, concluir um curso superior.	26
Dimensão Afetivo-emocional	Alegria	Alegria, felicidade, satisfação, emoção, muito bom, bom, vibração, prazeroso, bem estar, euforia, empolgação, comemoração, gritaria, sorriso, diversão.	105
Dimensão Técnica	Superação	Superação, luta, melhorar o tempo, fruto do sacrifício, superação de dificuldades, superação de obstáculos, superação pessoal, superação de dores, lembrança do sofrimento vivido.	33
	Medalha	Medalha, pódio, glória, títulos, fama, primeiro lugar, ganhar algo, premiação, prêmio, benefício, gratificação, superioridade.	22
	Treino	Treino, treinar, treinamento, fazer tiros, piscina, técnica.	14
	União	União, grupo, time, time integrado, trabalho em equipe, espírito de equipe.	14
	Competição	Competição, competir, competitividade, jogo, campeonatos, derrubar o adversário.	11

É interessante perceber que as experiências provenientes do meio esportivo parecem ser aproveitadas em outros certames, circunscrevendo modos de vida que relacionam os projetos de vida dos atletas-adolescentes às aprendizagens originadas nesse meio. Tais aprendizados servem como orientadores de condutas enquanto eles estão ali inseridos e, num sentido mais amplo, desenvolvem as pessoas em sua integralidade, numa espécie de preparação para a vida. Os projetos e as vitórias pensadas pelos atletas-adolescentes não

fazem alusão apenas ao contexto esportivo, mas ao âmbito escolar e profissional, no sentido de tais vivências serem também motivos de *orgulho*, *crescimento* e busca de *independência*.

Na **dimensão afetivo-emocional**, a vitória traz o sentido de celebração, *comemoração*, em meio à expressão de sentimentos de *alegria*, *felicidade*, *satisfação* e *emoção*, sinalizados por jeitos de ser compartilhados na vivência dessas experiências, evidenciadas por meio de *sorrisos*, *gritaria* e muita *vibração*, que dão concretude à alegria a partir das diferentes formas de sua expressão.

A **dimensão técnica** é constituída por *medalhas*, *prêmios* e *gratificações*, que possuem significados importantes no contexto esportivo, corroborando com a visibilidade da cultura esportiva que, por sua vez, preza pela classificação de *primeiros lugares*, bem como pela prática de subir ao *pódio* como demonstração de *superioridade* daqueles que ali habitam.

A estrutura do *pódio* demonstra a exaltação dos competidores vencedores, e possui uma limitação que faz referência à quantidade de pessoas que podem usufruir desses lugares. As alturas diferenciadas dos blocos selecionados ao primeiro, segundo e terceiro lugar também fazem sentido na contextualização de que o melhor ganha mais notoriedade naquele momento, quando exposto a um lugar de maior evidência. A partir disso, relacionamos o sentimento de *superioridade* que foi relatado pelos atletas-adolescentes perante uma vitória, afinal, a encenação da premiação por si só já é reveladora: apenas os vencedores são reverenciados. No esporte de alto rendimento, tal constatação fica muito explícita a partir dessas configurações de *premiação*, principalmente, embora seja senso comum a valorização dos campeões, nos mais diversos setores.

A *superação* aparece como uma **dimensão técnica**, embora se mostre também como uma condição individual essencial para a continuidade na vida esportiva, quando relacionada à necessidade que os atletas-adolescentes têm de *superar dores e obstáculos* para continuar em suas lutas cotidianas. Fazemos referências aqui aos comportamentos resilientes dos atletas-adolescentes que, mesmo com tantas *dificuldades* e diante de derrotas e objetivos não alcançados, continuam a lutar por seus ideais, fortalecidos por aprendizados oriundos de suas experiências. Nesse sentido, a *competição* é necessária para que haja vitórias/derrotas, no enfrentamento de atletas e equipes em *jogos* e *campeonatos* que trazem consigo a exacerbação da *competitividade*, proposta pelo esporte de alto rendimento e o ideal reforçado por ele de *derrubar o adversário* para que, assim, um campeão seja consagrado.

O aprimoramento técnico em *treinos* inclui ganhos em resistência, força e condicionamento físico, revelando sentidos compartilhados que aludem aos requisitos básicos à participação vitoriosa no alto rendimento. Parece que apenas deste modo, numa junção de

várias responsabilidades, deveres e comportamentos resilientes, os atletas-adolescentes serão capazes de competir em alto nível, disputar títulos e obter superação pessoal.

Além disso, interpretamos que as atividades realizadas por um *time bem integrado* parecem ter relevância na conquista da vitória, concretizando a *união da equipe* e o *espírito de equipe* existente entre eles. Nesse sentido, classificamos tais elementos na **dimensão técnica**, por serem estes aprendizados técnicos com implicações pessoais na vida dos atletas-adolescentes. Suas formas de ser e agir colocam o *outro* num lugar de referência na medida em que os reconhecem como integrantes de um mesmo *grupo*. Desse modo, para que um sujeito se reconheça enquanto identidade, ele precisa da existência de outrem, em contraste ou oposição. Ou seja:

É através [sic] das relações sociais que tais identificações são possíveis, sendo a identidade, tanto a individual, que faz com que um indivíduo se perceba como único e diferente dos demais dentro de seu próprio grupo, quanto a social, que dá ao sujeito a consciência de pertencer a grupos ou a categorias sociais, necessariamente, relacional (GALINKIN, 2001, p. 18).

Vale salientar ainda que a identidade, constituída nas interações sociais, só faz sentido em contextos relacionais específicos, operando como um código de categorias que “comunica” os modos de vida, os lugares sociais dos sujeitos nas relações estabelecidas e os valores atribuídos às pessoas e aos grupos envolvidos (GALLINKIN; ZAULI, 2011).

Na análise estrutural das RS de *vitória*, em função da frequência e ordem de evocação, conforme apresentada na Tabela 07, os resultados diante de 482 evocações, dentre as quais 124 são palavras diferentes, mostram que os atletas-adolescentes vivenciam as vitórias com muita positividade: *alegria*, *felicidade*, *satisfação* e *orgulho*. Tais sentimentos sinalizam a *determinação* e o *esforço* necessário para *vencer*, referenciando modos de ser do atleta-adolescente do alto rendimento, e trazendo o sentido de vitória às suas experiências. Pensamos que, na maioria das vezes, seria opcional a participação no esporte de alto rendimento, entretanto as condições para continuar nesse meio parecem estar implícitas nos modos de interação dos sujeitos com as modalidades esportivas e todo o entorno sócio-econômico-político-cultural que os envolve.

Compreendemos que tal prática esportiva é seletiva, pois preza apenas por aqueles que se dedicam e se comprometem com suas atividades diárias, bem como pelas restrições que esse modo de vida os proporciona, afinal, parece que só estes atletas-adolescentes serão dignos de vitórias. Vale salientar que o número de participantes do esporte de alto rendimento nos faz pensar na incompatibilidade existente entre esses sujeitos e aqueles referendados pela

maioria dos estudos em Psicologia, compreendidos a partir de uma ideia de fase do desenvolvimento.

Tabela 07: Representações Sociais de vitória, em função da frequência e ordem de importância.

RS de Vitória	Palavras	Frequência	Ordem de Importância
Núcleo Central	Alegria	30	2,67
	Felicidade	28	2,43
	Vencer	20	2,55
	Satisfação	18	2,56
	Determinação	16	2,25
	Orgulho	15	2,40
	Esforço	15	2,60
Primeira Periferia	Conquista	17	3,29
	Garra	15	3,07
	Superação	14	2,93
	Força	11	3,36
Elementos Contrastantes	Treinos	10	2,60
	Emoção	9	2,67
	Dever cumprido	8	2,75
	União	8	2,75
	Coragem	7	2,71
	Medalha	7	2,86
	Vontade	6	1,67
	Alcançar objetivos	5	2,20
	Merecimento	5	2,20
	Trabalho em equipe	5	2,20
	Raça	5	2,80
	Objetivo	4	1,75
	Melhorar tempos	4	2,25
	Segunda Periferia	Dedicação	10
Luta		9	3,56
Competição		9	3,89
Força de vontade		7	3,86
Perseverança		6	3,33
Realização		5	3,20
Confiança		5	3,40
Campeão		4	3,00
Vencedor		4	3,00
Concentração		4	3,50
Pódio		4	4,25
Recompensa		4	4,50

- Número total de evocações: 482
- Número total de palavras diferentes: 124

No caso dos atletas-adolescentes, eles se mostram como participantes do esporte de alto rendimento extremamente comprometidos e disciplinados com suas atividades e que, ao invés de estarem vivendo crises existenciais, voltam a atenção às suas vitórias, possibilitadas a partir das próprias ações, que trazem consigo diversos sentimentos positivados.

Ao analisarmos a primeira periferia da representação, percebemos que a vitória é considerada uma conquista, e está associada à dimensão individual dos sujeitos, constituída por mecanismos que eles adotam para suportar as mais diversas situações que envolvem o ambiente esportivo competitivo, dentre os quais estão: a *garra*, a *força* e a *superação*.

O fato de não se ter observado elementos contrastantes na primeira e segunda periferia revela compatibilidade com o núcleo central, mediante o sentido de *emoção*, *vontade*, *dedicação*, *raça* e *força de vontade* exposto. O sentido de *campeão* também se torna evidente na medida em que a vitória aparece como um objetivo, sinônimo de *medalha* e *pódio*, e também a ela é atrelada à *competição*. Vale salientar que tais elementos não haviam sido referenciados como elementos principais das RS, entretanto, o núcleo positivado não se fragiliza, pois o sentido de ganhar, ser *vencedor*, *alcançar objetivos*, é corroborado diante da positividade que tal prática apresenta.

Dentre as palavras evocadas a partir do termo indutor *vitória* (482), o quantitativo de evocações realizadas por atletas-adolescentes do sexo feminino foi de 213, e pelo sexo masculino, 269 palavras, e 50 palavras comuns a ambos os sexos.

Um aspecto muito interessante relacionado à questão de gênero emergiu nos achados, na medida em que as meninas associaram palavras relacionadas a um lugar social que estas buscam conquistar no mundo, ou seja, a vitória significa, para elas: *primeiro lugar*, *ganhar algo*, *exemplo para os outros*, *pódio*, *mostrar a todos*. Assim, interpretamos que essas mulheres, também no esporte, parecem buscar um lugar social que lhes foi sonhado pela vida inteira. Rúbio (2001) se posiciona sobre esta questão de gênero, fazendo alusão a um avanço significativo das mulheres no contexto sócio histórico, entretanto, considera ainda diferenciações existentes nessa relação.

Ou seja, da mesma maneira que no mundo profissional a mulher avançou e conquistou seu espaço nas mais variadas funções, mas ainda não venceu barreiras do preconceito, no mundo esportivo isso também se deu. A imposição da diferença está dada na determinação de prêmios e privilégios que permanecem maiores para os atletas do sexo masculino. E mais uma vez o esporte imita a vida (RÚBIO, op. cit., p. 138).

Quanto às associações realizadas pelos meninos, tem-se: *consagração*, *mérito*, *superioridade*, *títulos*, o que denota uma diferença significativa dos sentidos que são compartilhados acerca da vitória, pelas meninas. Para os homens, a vitória parece ser mais uma comprovação de sua superioridade, já evidenciada em outros contextos e que, no esporte de alto rendimento, também se torna evidente. Afinal, à masculinidade é associada à ideia de

poder, a qual ainda é corroborada por uma sociedade que reserva às mulheres os piores salários e posições profissionais de menor prestígio social e poder (CARVALHO, 2001; BRITTO, 2006).

Nas entrevistas realizadas com os atletas-adolescentes, a vitória denota claramente o sentido de *esforço*, ou seja, está relacionada ao empenho com que eles se dedicam em suas rotinas diárias para conquistá-la, como evidenciado por um atleta-adolescente: “Eu acho que assim... o esforço sempre tem que ter, entende? Esforço... nossa, você nunca vai conseguir ser vitorioso, ser campeão, se não tiver esforço” (SNM 2). Vale salientar ainda que o sentido de *esforço* se relaciona diretamente ao de superação pessoal, e do que o atleta pode conseguir por meio de seu próprio comprometimento e disciplina em sua rotina esportiva, como versou um dos atletas-adolescentes: “Porque é do treino que vem a vitória... do seu esforço do treino, do seu desempenho... do treino que você consegue o ritmo para ganhar” (SNM 1).

É interessante perceber este sentido ao pensarmos na organização estrutural do esporte de alto rendimento, que coloca como condição à conquista da vitória, a necessidade de superação do *outro*, ou do desempenho do *outro* evidenciado a partir de sua *performance*. No caso da natação, por exemplo, verificamos que nessa modalidade os tempos que os atletas fazem estabelece o *ranking* entre eles, existindo a possibilidade de empate entre os competidores, caso eles tenham marcado o mesmo tempo. Assim, na natação, as marcas são o cerne da questão, pois simbolizam a consequência dos rendimentos dos competidores.

Nesse sentido, uma preocupação maior ainda dos atletas-adolescentes é focar os seus objetivos, cuja referência é a luta consigo mesmo, ou seja, a *superação* de suas melhores marcas individuais. O referencial parece ser, na competição, a superação pessoal, ou seja, do seu cansaço, de seus próprios tempos, seus desafios, suas dores e situações de derrota, conforme verificamos nas falas dos sujeitos:

Pra conseguir a vitória, você tem que se superar. Pra conseguir a vitória, você tem que dar tudo o que você tem, mais do que 100% seu, aí acho que é muito disso... superação... superar os desafios (SVM).

É tipo assim: todas as competições têm seus pontos baixos e seus pontos altos, entende? Tem seus altos e baixos e, assim, como sempre, a gente vai ter os pontos baixos também, nós temos que superar, entende? É difícil, às vezes, superar dores, tempos... a gente não conseguir tempos, etc. Mas a gente tem que olhar assim e dar a volta por cima. A gente tem que superar (SNM 2).

Em ambas as modalidades, o sentido de *superação* esteve associado à dimensão pessoal, dependente do próprio sujeito agente daquela ação. Há o comparativo entre o seu desempenho e o do *outro*, embora não fique clara a necessidade de superação do *outro*, mesmo que a competição seja normatizada nesses moldes.

No vôlei, as regras explicitam a ideia de que, para sagrar-se campeão, um time precisa ganhar do outro, não existindo a possibilidade de empate. Nesse esporte coletivo, portanto, aparece evidente também a necessidade de superação do *outro* por parte de um atleta, na medida em que ele diz: “Você vai ter que competir com o seu adversário, você vai ter que jogar nos pontos fracos do seu adversário, você vai tentar ser melhor do que o seu adversário. No final, o que for melhor vai conseguir vencer” (SVM).

Além disso, a referência ao *outro* não atrela apenas a condição de vitória, mas consolida uma estrutura identitária, no sentido de que o *outro* é um referencial que permite uma comparação entre os sujeitos. Isto é, o atleta-adolescente se percebe de tal modo a partir de como o *outro* o vê e, conseqüentemente, do que “dizem” que ele é, como apareceu na seguinte frase: “Sempre é bom a pessoa tá competindo pra ver não só o nível da gente, como o das outras pessoas” (SVF). A tentativa de compreender a identidade, caracterizada pela diferenciação entre *eu e o outro* é possível, a partir da análise do coletivo, da construção identitária, e de como essas representações orientam tais construções. O sentido identitário, ou seja, o refinamento dessa condição do sujeito se dá a partir das pertenças grupais, bem como do modo com que os grupos interatuam, internamente, e também no contexto mais amplo de sociedade.

A necessidade do *outro*, quando na prática coletiva, apareceu não somente para que haja a competição, mas para que cada sujeito possa desempenhar uma função. Os atletas só podem participar no vôlei a partir da existência de uma equipe. Os resultados, por sua vez, serão responsabilidades de outras pessoas, também praticantes da modalidade. Desta forma, o modo como a modalidade se organiza e os atletas convivem nesse cotidiano esportivo relacionam-se com o sentido que eles atribuem às vitórias. A *união*, no esporte coletivo, parece ser essencial entre os atletas-adolescentes para que exista a vitória, de acordo com os próprios praticantes. Os atletas-adolescentes afirmam:

Acho que pra pessoa ganhar precisa ter primeiro união para depois pensar em si próprio, porque sem união do time você nunca ganha porque ninguém vai jogar individualmente, cada pessoa. A pessoa ganha um ajudando o outro (SVF).

Você tem que tá entrosado com a sua equipe, tem que tá sempre junto, tipo... principalmente no volleyball, assim... um esporte que necessita e um... um esporte coletivo (SVM).

Já na natação, a *união* parece bem distante para alguns atletas-adolescentes, quando, a exemplo, um deles não consegue expressar nada, de início, sobre esta palavra: “Essa daí eu não sei não... essa daí eu não sei não...” (SNM 1). Em uma fala posterior, quando a pesquisadora faz alusão à equipe e relaciona *união*, ele diz: “É bom porque os seus companheiros lhe apoiam, não sei se acontece na natação... depende do seu entrosamento com o povo, essas coisas” (SNM 1). Assim, podemos entender a *união* como uma dimensão técnica que não é própria da modalidade da natação, ou seja, depende dos jeitos de ser e dos vínculos construídos entre os atletas-adolescentes.

Outra atleta-adolescente também demonstra certa dificuldade para falar sobre a *união* e, ao responder, faz alusão a esta de modo genérico, sem mencionar também a condição de ser atleta: “É... ai, união... ai, per aí... que unidos eles podem conseguir várias coisas, principalmente como a vitória, né? Unidos com os amigos, com o professor... a união é algo que faz bem” (SNF). A ideia de que a prática esportiva individual circunscreve a forma com que os atletas-adolescentes interagem entre si se mostra com clareza, nos dizeres de um nadador: “Amigos, amigos... negócios à parte... mas a união tem sim, e tem que ter” (SNM 2).

Cabe, aqui, uma ressalva relacionada à ambiguidade experimentada na vivência esportiva. De uma parte, o atleta-adolescente precisa superar o *outro* nas competições e, de outra parte, ele precisa do *outro* no sentido do coletivo. Trata-se, portanto, de um aprendizado bem importante para eles, por aprenderem a ter o *outro* como adversário, e também a fazer alianças com os seus pares, como parceiros, que vão lhe dar suporte e apoio social, quando necessário, e com quem se identificam por viverem experiências semelhantes, conforme verificamos nesta fala:

União eu tenho pelo grupo, entende? Eu entendo pelo grupo. Nossa, em competições a gente fica torcendo. Uma competição mesmo que foi muito boa, que o grupo teve muita união foi lá em João Pessoa, foi um Norte Nordeste. Nossa, era muito legal, tipo... uma pessoa ia nadar e a gente: vai fulano, vai, vai fulano! Super perfeito, entende? E isso realmente motiva a gente na hora que a gente tá no bloco. Uau, tão gritando meu nome, tão gritando por mim, e agora eu vou com tudo, entende? E é justamente isso que ajuda a pessoa a ser campeã. É uma motivação para a conquista (SNM 2).

Nesse caso, o atleta-adolescente diz que aprende a diferenciar o adversário nas competições e o colega em relação ao geral, pois quando não está em confronto direto, este se

torna um parceiro, alguém que recebe seu investimento afetivo, inclusive para a vitória esportiva.

A partir daí, refletimos também sobre como a interação entre os pares no esporte tem um repercussão na vida do atleta-adolescente, afinal, de que forma a união, na natação, se constrói fora das raias e das regras do esporte? Pareceu-nos que estão previstas amizades, inclusive, com adversários. A questão da competitividade e da necessidade de superação do *outro* aparece concretamente na natureza dessa prática esportiva, entretanto, questionamos como tal condição não tem peso diante das vivências dos atletas-adolescentes em suas relações interpessoais e intergrupais.

Segundo Allfinito e Corradi (2011), o envolvimento afetivo entre os integrantes do *grupo* é uma característica peculiar deste tipo de interação. Entretanto, os mesmos autores fazem alusão à tendência em obter conflitos com membros de diferentes *grupos*, isto é, adversários, o que, segundo os atletas-adolescentes, não ocorre em suas experiências. Pensamos que tal condição, em um esporte individual, pode ocorrer devido a uma adaptação anterior frente à possibilidade concreta de se competir contra um amigo ou colega de equipe. Além disso, os atletas-adolescentes considerariam o contato intergrupar tendo como referência a questão identitária de *ser atleta*.

Segundo Tajfel (1982), tal condição os faz assumir a posição de um *grupo*, a partir da categorização social, representada por um sistema de orientação que auxilia os sujeitos na criação e definição de seus lugares na sociedade. “Nesse aspecto, nenhum grupo vive só, mas em meio a outros, e é nas relações ou nas comparações entre grupos que os aspectos positivos da identidade social e o engajamento na ação social ganham sentido” (GALINKIN; ZAULI, 2011).

Assim, cada indivíduo categoriza-se como pertencente a um grupo (ser atleta do alto rendimento) e não pertencente a outro, ou seja, ao exogrupo, composto pelo grupo daqueles que não exercem tal prática esportiva (ALLFINITO; CORRADI, 2011).

No caso da natação, a responsabilidade pela vitória/derrota é colocada no sujeito em particular e, mais especificamente, em sua condição para realizar o tempo conforme a expectativa, e não outro que o colocasse em uma posição melhor no *ranking* ou pódio.

A vitória, por vezes, é sinônimo da melhora nas marcas pessoais, sem levar em consideração a existência de outra pessoa que compete contra, isto é, um adversário. O cronômetro e a própria condição do atleta-adolescente parecem ser os maiores adversários. Desse modo, torna-se possível haver uma situação concreta de derrota que não representa o primeiro lugar, mas tem um sentido de vitória, devido a sua superação pessoal. E é a

competição quem possibilita este embate consigo mesmo e, segundo uma das atletas-adolescentes, representa “um teste pra eles conseguirem se superar, onde também que... nele você vai mostrar o que você aprendeu nos treinos, e vai mostrar seu esforço” (SNF).

Certas vezes, o momento da *competição* de fato é vivido com muita ansiedade, entretanto, esta não aparece relacionada à presença do outro que intimida, mas a da história de vida do atleta-adolescente no esporte, sua dedicação e comprometimento que precisam ser reforçados na competição, com a vitória. Podemos interpretar este sentido de busca por resultados neste relato:

Assim, como é que eu posso falar sobre a competição? Uau, eu gosto da natação sabe? Da natação competitiva, só que eu fico muuuuito nervoso. É um nervosismo muuuuito grande. Eu me sinto na responsabilidade, sabe? Uai, treinei esse tempo todinho, não faltei nenhum dia, eu tenho que dar algum resultado né? Se não é impossível... eu tenho que dar algum resultado, aí eu fico naquela expectativa (SNM 2).

A vitória, por sua vez, é uma recompensa de tanto *esforço* e dedicação, vivida com muita felicidade e *orgulho* pela *conquista* de tamanho feito. Ela é consequência, o resultado concreto e, quando acontece, faz com que todo o percurso trilhado até ali tenha valido a pena. Entretanto, a vitória “existe” previamente nos objetivos de um esportista já quando ele inicia sua temporada. Tal sentido mostra-se nessa passagem de uma entrevista, em que um participante fala:

Vitória é tudo o que um atleta almeja né? Assim... a gente treina, treina, treina, assim... a gente quer um, um retorno de tudo o que a gente faz, entende? Justamente seria a vitória, entende? Além do mais, a alegria, o orgulho que a gente tem quando a gente ganha, quando a gente vence. Pronto, isso explicaria a vitória (SNM 2).

A concretude da vitória parece vir com a *medalha*, como se esta representasse uma prova de que, de fato, o resultado ocorreu e que apenas desta maneira simbólica é possível resgatar o processo de treinamentos e sacrifícios, e sua valorização. Um entrevistado afirma: “A medalha é uma consequência da vitória, uma consequência boa, muito boa por sinal, porque nenhum atleta quer treinar, treinar, treinar, e não ter uma medalha. Porque ele fala... nossa, eu fui vitorioso nisso. Sim, e cadê a tua medalha?” (SNM 2). Outra atleta corrobora com esta ideia de concretude que o simbólico traz, na medida em que refere: “Medalha é a melhor coisa que tem depois que uma pessoa tem uma vitória, depois de um jogo. É a melhor coisa que tem, que é o orgulho da pessoa de ter ganhado aquilo, de ter lutado e se esforçado por aquilo” (SVF).

A necessidade de provar para o *outro* com um objeto as suas conquistas parece sinalizar simbolicamente, ainda mais, a importância que é dada a este *outro*, no sentido de atestar uma vitória e, de certo modo, pela *medalha*, autorizar a sua comemoração.

Nós ficamos muito alegres, principalmente quando o cara lá fala: não sei o quê, não sei o quê, bateu recorde, não sei o quê. Noooooossa! É uma alegria muito grande, a gente festeja e tal. Assim, a alegria tem a ver com isso, com a vitória, entende? Quando nós somos declarados campeões, vitoriosos, a alegria bate e fica (SNM 2).

5.5.2 Expressão indutora: *vitória nas competições*

As palavras associadas à expressão indutora *vitória nas competições* revelaram três dimensões: a **dimensão técnica**, a **dimensão pessoal e motivacional**, e a **dimensão técnica**, conforme explicitado na Tabela 08.

A **dimensão técnica** se mostrou como a categoria temática mais presente nas palavras evocadas pelos sujeitos, o que nos permite analisar a *superação* como uma capacidade individual do sujeito em superar-se e ultrapassar situações difíceis ou conflitantes relacionadas ao contexto do esporte de alto rendimento.

A *superação* pessoal pareceu-nos ser o traço mais forte no significado atribuído à vitória nas competições. O contexto esportivo extremamente competitivo oferece grande influência para isso, juntamente a presença do *outro*, sentida na *batalha* e *rivalidade*, bem como no ato de *desafiar e derrubar o adversário*. Tais vivências lhes servem como *experiência*, possibilitando aos atletas-adolescentes o *crescimento*, a oportunidade de *errar, consertar, saber perder e aprender*. Apresenta-se, assim, um sentido de ambiguidade, na medida em que os sujeitos competem entre si, e também aprendem uns com os outros e na própria situação de ganhos e perdas.

Tal categoria temática, portanto, envolve ainda: realização de *recordes pessoais, dever cumprido, desafio, superação de dificuldades, e nunca desistir*. O sentido de superação aqui evidenciado não oportuniza a presença de outra pessoa, mesmo quando nos referimos à *vitória nas competições*. Embora possamos pensar nessa situação como uma consequência da competição com o *outro*, este sentido não aparece com muita clareza, a não ser quando passamos à análise de outra categoria temática referente à *medalha*, que denota sentidos de *ser o melhor e superioridade*, possibilitados a partir da excelente *performance* esportiva do atleta-adolescente, e da superação de seus adversários. Entretanto, esta é uma conquista

oportunizada por uma junção de diversos fatores, como a presença em *treinos*, os contatos com o *técnico*, e as habilidades específicas de *concentração* e *motivação*, que também auxiliam no desempenho esportivo.

Tabela 08: Campo Semântico das palavras associadas à expressão indutora *vitória nas competições*.

Categorias Temáticas		Palavras Associadas	Frequência
Dimensão Técnica	Superação	Superação, conquista, melhorar o tempo, dever cumprido, vencer, realização, ser o melhor, objetivo, objetivo cumprido, sucesso, recordes pessoais, valer a pena os treinos, ir além do esperado, ganhar sempre, desafio, missão cumprida, repetir a vitória, melhorar, bom resultado, bom jogo, vitória, conseguir, ganhar, dever, trabalho duro, superação de dificuldades, trabalho cumprido, melhor classificação, resultado, nunca desistir, perder o medo.	68
	União	União, trabalho em equipe, equipe, grupo, time, torcer com o time, conjunto, ajudar.	26
	Medalha	Medalha, pódio, campeão, índices, prêmio, títulos, glória, superioridade, ser o melhor.	25
	Batalha	Batalha, luta, competir, adversários, rivalidade, desafiar o adversário, derrubar o adversário, jogar.	19
	Concentração	Concentração, motivação, foco, ânimo, tranquilidade.	19
Dimensão Pessoal e Motivacional	Garra	Garra, determinação, esforço, dedicação, vontade, força de vontade, persistência, força, raça, disciplina, empenho, comprometimento, compromisso, confiança, autoestima, ambição, dar o máximo, ir além do que pode, suor, perseverança.	99
	Experiência	Experiência, aprender, aprendizagem, crescimento, errar, consertar, saber perder, possibilidades, participar.	11
	Alívio	Alívio, viagem, férias, mente relaxada, descanso.	10
Dimensão Afetivo-emocional	Alegria Felicidade Orgulho	Alegria, orgulho, felicidade, satisfação, emoção, comemoração, bem estar, muito bom/ótimo, gritar, vibração em grupo, empolgação, euforia, festejar, felicidade em grupo, agitação, revigorante, sensacional, prazer.	117

Desse modo, a *união* do *grupo* torna possível uma experiência de sucesso, evidenciando que, individualmente, tal feito seria inviável devido à necessidade do *trabalho*

em equipe, que possibilita aos atletas *torcer com o time e ajudar* no que for preciso, em momentos de dificuldades ou adversidades. Tais aspectos circunscrevem a **dimensão técnica**, construída pelos atletas-adolescentes a partir das especificidades das modalidades e de suas próprias experiências nos contatos com os *outros*, que lhes possibilitam obter referências positivas e o apoio oferecido por esse ambiente esportivo-social, por meio do relacionamento com atletas, amigos, treinadores e outras pessoas significativas com quem tenham algum tipo de relação interpessoal.

A **dimensão pessoal e motivacional** revela determinados aspectos como atributos da prática esportiva em moldes bastante rigorosos, como é o caso do esporte de alto rendimento, tendo em vista o formato das disputas competitivas, bem como a difícil rotina com a qual os seus praticantes se comprometem. Nesse sentido, para que seja possível vivenciar de forma plena as condições impostas por esse certame, torna-se indispensável o acúmulo de características como: *garra, determinação, esforço, persistência, força de vontade, disciplina e compromisso*. Os resultados dos atletas-adolescentes, portanto, parecem depender, em grande parte, desses fatores, relacionados aos aspectos que dizem respeito ao modo de enfrentamento destes às condições de vida que o alto rendimento impõe.

Ainda na **dimensão pessoal e motivacional**, interpretamos que há ambivalência quando à *vitória nas competições* são atribuídos os sentidos de *garra* e *alívio*, ao mesmo tempo. O alívio, posterior a vitória, permite ao atleta-adolescente o gozo, descanso e férias. Tal sentimento pareceu-nos expressivo tendo em vista o alto nível de expectativa e tensão experimentadas nesta faixa etária de desenvolvimento, pois a necessidade de *garra* permanente exige o máximo das possibilidades desse sujeito. Assim, os atletas-adolescentes referem que só após um campeonato ou uma temporada, é possível ter a *mente relaxada* e realizar outras atividades que, no cotidiano atlético, ficaram restritas ou inexistentes.

A **dimensão afetivo-emocional** revela, em suma, o mesmo sentido evidenciado no questionário de associação livre, no termo indutor *vitória*, o qual traz o significado de *comemoração*, associado aos sentimentos de *alegria, felicidade, orgulho, satisfação, bem estar e emoção*. Além disso, o sentido de equipe presente nas expressões: *vibração em grupo* e *felicidade em grupo* sugere que a experiência de *vitória nas competições* é vivenciada, por vezes, em conjunto, com outras pessoas, que, certamente, contribuíram muito à conquista.

A partir da análise estrutural das RS de *vitória nas competições*, apresentada na Tabela 09, encontramos um quantitativo de 465 evocações, dentre as quais 137 se constituem em palavras diferentes.

Tabela 09: Representações Sociais de vitória nas competições, em função da frequência e ordem de importância.

RS de Vitória nas Competições	Palavras	Frequência	Ordem de Importância
Núcleo Central	Alegria	26	2,64
	Felicidade	24	2,50
	Orgulho	23	2,78
	Garra	16	2,75
	Treino	14	2,36
Primeira Periferia	Superação	18	3,17
Elementos Contrastantes	Determinação	12	2,67
	Dedicação	11	2,73
	Satisfação	11	2,73
	Dever cumprido	9	2,33
	Vontade	8	2,37
	Força de vontade	8	2,78
	Melhorar tempos	7	2,50
	Bom resultado	6	2,00
	Motivação	5	1,80
	Trabalho em equipe	5	2,20
	Raça	4	2,00
	Foco	4	2,50
	Melhor	4	2,75
	Equipe	3	1,33
	Reconhecimento	3	2,00
	Gritaria	3	2,67
	Vibração em grupo	3	2,67
Segunda Periferia	Esforço	11	2,91
	União	11	3,00
	Concentração	9	2,89
	Emoção	8	3,12
	Medalha	8	3,50
	Força	6	3,17
	Conquista	6	3,33
	Persistência	6	3,33
	Batalha	6	3,50
	Vencer	6	3,67
	Luta	5	3,00
	Recompensa	5	3,60
	Disciplina	4	3,00
	Empenho	4	3,25
	Pódio	4	3,50
	Alívio	4	3,75
	Coragem	4	3,75
	Comemoração	3	3,00
	Trabalho	3	3,00
	Realização	3	3,33
	Campeão	3	3,67
	Capacidade	3	3,67
	Competir	3	3,67
Experiência	3	3,67	

- Número total de evocações: 465
- Número total de palavras diferentes: 137

Os resultados apresentados conferem a esta experiência um sentido muito positivo, tendo em vista a presença, no núcleo central, de sentimentos de alegria, felicidade e orgulho, que representam como tal experiência é construída pelos atletas-adolescentes. A condição para que a *vitória nas competições* exista está relacionada a *garra* com que os atletas-adolescentes se dedicam às modalidades esportivas, especialmente no cumprimento dos *treinos* diários com afinco.

É importante salientar que os atletas-adolescentes do alto rendimento apresentam desempenhos esportivos diferenciados, possibilitados pelo refinamento de *treinos* e desenvolvimento de habilidades para que, assim, consigam, cada vez mais, performances que sejam sucesso nas competições. A cobrança não apenas nos campeonatos, mas também nos treinamentos é constante, ou seja, do atleta-adolescente espera-se sempre excelente condição física e psíquica para suportar tamanha exaustão e pressão, alimentadas pela idealização de que ele sempre pode estar melhor, render mais e obter ainda mais vitórias.

Ao examinarmos a primeira periferia, compreendemos que esses atletas-adolescentes, comprometidos com o esporte de alto rendimento, buscam nas vitórias a *superação*, não apenas de suas marcas, objetivos e adversários, mas principalmente dos obstáculos que tiveram que enfrentar para conquistar essa posição de vitorioso. Desse modo, a *superação* não se constitui apenas no momento da competição, em que o sujeito vence, mas traz um resgate histórico das duras situações que viveu e, certamente, continuará vivendo se optar por prosseguir nessa trajetória, das quais podemos destacar: superação de dores, dificuldades e situações inesperadas.

Cabe, aqui, a ressalva de que, atualmente, existe uma pressão na sociedade competitiva para que os adolescentes sejam inseridos socialmente, mediante alguns rituais de passagem. Podemos citar, por exemplo, o concurso vestibular como uma exigência integrada aos projetos de vida, passaporte para uma experiência universitária e, assim, a “garantia” de um lugar no mundo do trabalho. Por vezes, a preocupação das famílias se concentra no rendimento do adolescente com vistas no vestibular, entretanto, o aluno se prepara, em tese, durante anos, para esse momento tão esperado e, ainda assim, o vive com muitas cobranças. No esporte de alto rendimento, por sua vez, os atletas-adolescentes cumprem com um calendário muito atribulado de competições, no qual, no mínimo, com intervalo de três meses, participam de grandes eventos esportivos. Nesse sentido, a pressão exercida sobre eles parece ser ainda maior, pois os campeonatos ocorrem em intervalos muito curtos e, portanto, o resultado deve ser imediato, isto é, eles precisam se superar continuamente.

Os elementos contrastantes e a segunda periferia sugerem coerência com o núcleo central, mediante o sentido de *luta* evidenciado pela presença das palavras: *determinação, dedicação, raça, empenho, persistência e disciplina*. A competitividade surge como uma especificidade desse cenário, trazendo o sentido de ser o *melhor*, ser o *campeão*, ir ao *pódio*. Alguns elementos interessantes, não evidenciados pelo núcleo central, trazem o sentido de *equipe*, seja no *trabalho* realizado ou na *vibração* posterior. Vale salientar, no entanto, que tais elementos não ameaçam a estabilidade do núcleo central, dado o sentido positivado que eles apresentam.

A partir do quantitativo de palavras evocadas pela expressão indutora *vitória nas competições* (465), as atletas-adolescentes (sexo feminino) associaram 210 palavras e pelo sexo masculino, 255 associações e 43 palavras foram comuns a ambos os sexos.

Para as meninas, a vitória nas competições aparece como *algo possível*, em que *querer, participar, obter índices, conseguir boa colocação e melhorar tempo*, denotam um sentido de possibilidade de conquista. Suas associações referentes a *ir além do esperado* e *ir além do que planejei* demonstram o lugar social em que as mulheres se colocam, revelando características de fragilidade e incapacidade, corroboradas e disseminadas pela nossa cultura. Tais palavras associadas sugerem sentimentos que vão além de suas expectativas, por, nem elas mesmas, acreditarem em suas capacidades. Segundo Carvalho (2001), ao longo do processo sócio histórico, as mulheres são tipificadas como submissas às condições que lhes são impostas. E, pesquisas atuais confirmam que, tanto no processo de socialização familiar quanto na escola, distinções na forma de tratar meninos e meninas são ainda claramente perceptíveis.

Ou seja, nas representações de gênero ainda resistem elementos vinculados aos modelos tradicionais de gênero, orientando práticas também tradicionais. As responsabilidades pelas atividades domésticas, por exemplo, são de natureza diferente: cabem à menina, geralmente, a limpeza, o cuidado com irmãos mais novos, a ajuda na cozinha; aos meninos são delegadas tarefas “externas” como cuidar do cachorro, lavar o carro, fazer pagamentos (TRINDADE; SOUZA, 2009, p. 229).

Assim, pensamos que as formas de ser e agir concernentes ao esporte de alto rendimento se relacionam a essa construção de ser mulher e, por isso, parece difícil um posicionamento perante situações em que são necessárias tomadas de posições.

Nas respostas dos meninos, vitória nas competições representa o alcance de seus objetivos, tendo em vista que as suas associações dizem respeito a: *capacidade, fazer o que sabe, merecimento, campeão, elogios, superioridade e realização*. Esses dois sentidos

demonstram que, enquanto para as mulheres a vitória nas competições pode ser uma possibilidade, para os homens, é a concretização de um feito merecido, baseado em sua capacidade e que, para conquistá-lo, basta desempenhar o seu papel na competição e, conseqüentemente, se mostrar superior nesse contexto de sociedade competitiva.

Nas entrevistas realizadas com os atletas-adolescentes, a vitória nas competições revelou significados que se voltam à dimensão individual dos sujeitos. Em suma, ela traduz-se em uma explosão de sentimentos positivados, como *alegria, felicidade e orgulho* diante deste feito, considerado pelos atletas-adolescentes como uma conquista de grande importância, já existente como objetivo na preparação dos mesmos, conforme observamos nas falas dos entrevistados:

Uma vitória numa competição dá mais alegria ainda, é você ter o seu objetivo completo, de todo o trabalho (SVM).

Felicidade é justamente o que a gente sente na hora que é campeão, entende? Nossa... é justamente quando o carinha lá fala, me esqueci até o nome dele, diretor, não sei... quando ele fala... é... em primeiro lugar... nossa, é uma mistura de dever cumprido com felicidade, alegria e orgulho! É tudo junto (SNM 2).

Tamanha relevância dada à vitória nas competições parece ter relação com a dificuldade enfrentada para consegui-la, afinal, a *superação* revela-se como uma questão central nesse contexto esportivo. Os atletas-adolescentes lidam permanentemente com esta, sem garantia de que conseguirão superar-se, pois este não é um objetivo fácil, requer um esforço constante como explicitado por um nadador:

Acho que toda a preparação pro campeonato é toda sobre isso, toda se superar, você ser melhor do que já é. Pra você conseguir uma vitória no campeonato de valor, você vai ter que se tornar uma pessoa melhor, um jogador melhor, o seu time vai se tornar um time melhor (SVM).

Verificamos nessa fala a caracterização da *superação*, não apenas no sentido técnico, relacionado aos tempos, *rankings*, recordes e situações do esporte de alto rendimento. A *superação* é referenciada a partir de um sentido mais amplo, que faz alusão à condição do sujeito não apenas para obter o melhor desempenho esportivo possível, mas para ser uma pessoa melhor, o que envolve valores morais, éticos e características pessoais que podem nem ter relevância para o contexto esportivo e a conquista de resultados, mas são pertinentes a sua condição de sujeito inacabado, que está sempre em busca de novos aprendizados.

Por outro lado, no sentido técnico do termo, a *superação* parece ser um atributo indispensável aos esportistas, especialmente em algumas situações decisivas como em um

jogo, por exemplo, ou após uma derrota, como uma atleta-adolescente revelou em seu discurso: “É sempre bom, mesmo se a pessoa tiver ali, perto de... tá empate... e a pessoa ter uma força de superação, e tentar superar aquele placar ali e ganhar, e vencer. Se perder, tentar se superar, tentar ser melhor ainda no próximo jogo” (SVF). Nesse sentido, apareceram os comportamentos resilientes dos atletas, como nessa situação relatada em que há uma derrota a ser ultrapassada, e dela o atleta necessita se recuperar, bem como mostrar a superação ou uma *performance* melhor no próximo jogo.

Vale salientar, entretanto, que um sujeito demonstra resiliência ao enfrentar não apenas uma situação adversa, mas várias, o que acaba por lhe dar certa experiência de como ultrapassar tais acontecimentos (CASTELAR-PERIM, 2011).

Nesse processo, faz-se importante também ter pessoas de referência, que possam dar o apoio necessário àquele momento, possibilitando, assim, ao sujeito construir suas referências e aprendizados não apenas por meio de seus comportamentos e atitudes, mas também de quem lhe é semelhante, que interatua em seu cotidiano, faz parte de seu *grupo* e com quem ele se identifica. Uma fala de um atleta-adolescente se refere a isso, quando ele diz: “Acho que é sempre bom ter um cara de experiência no time. Acho que é muito importante... você já sabe com que você tá lidando, o que você vai enfrentar e tal, pra que na hora não se desestabilize” (SVM). Ou seja, a experiência é validada e se torna referência.

Os aprendizados decorrentes do cotidiano também são muito relevantes nesse processo: “Treino é pra você melhorar suas técnicas, pegar mais experiência, pegar mais força, pra no dia das competições você conseguir aquilo que deseja” (SNF).

Cabe a ressalva de que os sentidos atribuídos à vitória nas competições até aqui tratam apenas da superação ao nível pessoal, embora esta seja possibilitada também pelo contato com o *outro*, mediante o confronto competitivo entre os adversários, possibilitado por uma normatização e **dimensão técnica** do esporte de alto rendimento. Desse modo, há também a necessidade dos atletas-adolescentes em superar outros competidores, que ameaçam as suas conquistas. E este sentido aparece atrelado ao de *batalha*, como um entrevistado relatou: “Porque quando você ganha nas competições é como se fosse uma batalha contra os seus adversários” (SNM 1). Outro participante revelou:

Pra você conseguir uma vitória na competição é uma batalha. Você é... justamente você competindo com outros caras, com outros... vários outros times também tão preparados quanto você... e é como é... um jogo em campo é mais ou menos como uma batalha, metaforicamente falando (SVM).

E, neste sentido atribuído à *batalha*, também há certa ambivalência, pois alguns atletas-adolescentes se referem à batalha como sendo uma condição deles mesmos em sua luta diária, sem prever a existência de outra pessoa: “Você se esforçar muito para conseguir aquilo que você quer... se esforçar bastante, garra” (SNF).

E, após a vitória no esporte de alto rendimento a crença no *alívio* é fortalecida, conforme um deles afirmou: “Você fica aliviado né? De ver que o que você fez não foi tudo em vão, que você conseguiu. Tudo o que você fez como o treino, o esforço, a garra” (SNM 1). Entretanto, por vezes, os atletas-adolescentes não podem aproveitar a sensação de *alívio* da forma que, certamente, gostariam, pois ainda terão mais jogos, no caso de um campeonato ou certame. As disputas com as quais se envolvem parecem trazer uma grande carga de responsabilidade, e materializam um dever a ser cumprido, o que faz com que fiquem em contínuo estado de alerta. Quando uma participante fala sobre o *alívio*, ela diz:

É mais quando a pessoa sai de um jogo, sai vitorioso, e sente aquele alívio, mas mesmo assim você não sente aliviada, sabendo que vai ter outro tipo de competição. A pessoa sente o alívio porque é sempre bom quando a pessoa tá jogando, quando você ganha, você tem aquele alívio. Ao contrário se você perdesse, você não ia ficar aliviada, ia dizer: poxa, eu perdi! No próximo jogo eu vou dar o melhor de mim, e a gente vai ganhar (SVF).

Como consequência de tanto esforço, a *medalha* é sua expressão, conforme verificamos na fala de uma nadadora: “A medalha é só... digamos que é a consequência do seu esforço, da sua experiência e... do seu esforço” (SNF). Um nadador também corrobora esta ideia, quando afirmou que: “É uma consequência da vitória, entende? Não tem vitória... muitas vezes tem vitória se não tem medalha, mas no esporte tem sim, a vitória... e tem que ter a medalha. Como é que a gente vai vencer e não tem nada para comprovar, entende?” (SNM 2). Ele acrescenta a ideia de concretização, como se fosse possível falar de vitória em uma competição apenas quando o sujeito tem em mãos algo que a comprove, ou seja, uma medalha, que é o símbolo de que uma vitória aconteceu e, por isso, a sua **dimensão técnica**, referência do resultado técnico da competição.

Ainda fazendo alusão a **dimensão técnica** da vitória nas competições, analisamos a *concentração*, *motivação* e *tranquilidade* como atributos necessários ao atleta-adolescente para que este consiga os resultados compatíveis com a sua condição física e psicológica. Além disso, a *união*, o sentido de *conjunto* e *trabalho em equipe* são também relevantes, quando diante de uma competição e de momentos difíceis, na medida em que o atleta-adolescente se

sente estimulado ou confortado pelo seu *grupo* de pares. Por meio de suas experiências, eles parecem prever um pouco do que os outros estão sentindo e, assim, tentam ajudá-los.

Percebemos, aqui, que a equipe não existe apenas como um aglomerado de pessoas, com um mesmo objetivo, mas que ela tem valor enquanto *grupo* e, como tal, é fortalecida por seus integrantes de forma simultânea, numa espécie de auxílio mútuo. Segundo Tajfel (1982), a descrição de *grupo* inclui de um a três componentes, dentre os quais estão: o componente cognitivo, que diz respeito ao conhecimento acerca da pertença grupal; o componente avaliativo, relacionado à conotação de valor positivo ou negativo atribuído à noção de *grupo* ou de pertença; e o componente emocional, mediante a possibilidade dos aspectos cognitivos e avaliativos de pertença ao *grupo* serem acompanhados por emoções dirigidas ao próprio *grupo* ou a outros com os quais tem outras relações. Assim, o atleta-adolescente sabe que tem o *outro* como suporte social, e também atua como tal.

5.5.3 Expressão indutora: *vitória para os pais*

As palavras associadas à expressão indutora *vitória para os pais* revelaram duas dimensões: a **dimensão afetivo-emocional** e a **dimensão pessoal e motivacional**, expostas pela Tabela 10.

A **dimensão afetivo-emocional** apresentou grande relevância, evidenciada a partir de emoções e sentimentos positivados que os atletas-adolescentes atribuem aos seus pais, quando os próprios atletas-adolescentes vivenciam uma experiência de vitória. As palavras evocadas *felicidade, alegria, emoção, animação e empolgação* sugerem sentidos de *comemoração* e *satisfação* com o desempenho dos filhos, dando a ideia de que a vitória representa, para os atletas-adolescentes, um momento bastante comemorado pelos seus pais.

O sentido de *vitória para os pais*, referendado pelos sujeitos, revelou também distintas possibilidades, distanciadas da carreira esportiva, que os filhos sinalizam ser condizentes com o campo dos *estudos*. Segundo eles, os pais veem vitória relacionada à situação de *passar de ano*, ser aprovado no *vestibular* e em outros *concursos públicos, concluir um curso superior* e possuir um *emprego*. É interessante perceber que, nos sentidos atribuídos a *vitória* e a *vitória nas competições*, os atletas-adolescentes não fazem referência à vitória em outros campos; suas respostas, nos questionários de associação livre, aludem sempre ao contexto esportivo.

Assim, os atletas-adolescentes compreendem que o sucesso nos esportes não apresenta um valor aparente para os pais, pois, a preocupação deles é, prioritariamente, relacionada ao

futuro, isto é, aos estudos e a vida profissional dos filhos. Vale salientar que, embora eles tenham esse entendimento sobre o que é sucesso para os seus pais, no cotidiano, esses pais demonstraram práticas de cuidado, conforme apresentado anteriormente, na entrada do campo, que mostraram o valor que o sucesso nos esportes, representado por vitórias, também possui para eles, embora secundarizado, por ser transitório, quando comparado com a preocupação com os estudos, interpretados como base para toda a vida dos filhos.

Tabela 10: Campo Semântico das palavras associadas à expressão indutora *vitória para os pais*.

Categorias Temáticas		Palavras Associadas	Frequência
Dimensão Afetivo-emocional	Felicidade	Felicidade, alegria, satisfação, emoção, carinho, vibração, euforia, boa impressão, comemoração, abraços, amostração, empolgação, animação, sentimento, festejar.	130
	Estudos	Estudos, notas, faculdade, passar de ano, bom futuro, boa profissão, concluir curso superior, emprego, ser alguém na vida, ser alguém importante, passar em concursos, vestibular, bem sucedido, trabalho.	28
	Caráter	Caráter, família, independência, realizar sonhos, boa pessoa, ajudar os outros, educação, visão de futuro, vida, ser um “homem”, fora das drogas.	21
Dimensão Pessoal e Motivacional	Esforço	Esforço, dedicação, determinação, superação, força de vontade, confiança, coragem, melhorar, perseverança, metas, concentração, força, melhorar o tempo, máximo de si, raça, objetivo, garra, comprometimento, luta, não desistir.	52
	Sucesso	Sucesso, conquista, bom desempenho, objetivo cumprido, dever cumprido, elogios, vencer, fruto do trabalho, subir de meta, ganhar o Brasileiro, superioridade, parabéns, ganhar, expectativas alcançadas, importante.	33

Parece-nos, entretanto, que os cuidados que os pais têm no cotidiano esportivo dos filhos, referentes ao acompanhamento em treinamentos e competições, bem como a preocupação com a bebida e alimentação antes e depois dos treinos, não são interpretados desta forma. Segundo Bock, Furtado e Teixeira (2001), a família é idealizada como um lugar de proteção e cuidado. Nesse sentido, percebemos que as práticas dos pais, relacionadas ao esporte de alto rendimento, são compreendidas como uma forma de cuidado naturalizado da

função parental cotidiana e, portanto, não significam aos atletas-adolescentes uma valorização da prática esportiva.

Vale salientar ainda que, segundo os atletas-adolescentes, o *caráter* do filho também é importante e interpretado como vitória para os pais, pois tem a ver com a *educação* que receberam, bem como com seus princípios morais. Tais referências têm valor diante de tantos outros fatores biológicos, culturais, sociais e psicológicos que tiveram e continuam a ter influência sobre suas atitudes e comportamentos. Segundo eles, os pais esperam que se tornem *boas pessoas*, que estejam *fora das drogas*, dispostos a *ajudar os outros*. Ou seja, os esportes significam para os pais, segundo os atletas-adolescentes, a garantia de contribuição na formação dos filhos, proteção aos perigos externos e aprendizagem de valores solidários, vistos como vitória, em uma sociedade tão competitiva.

Dentre os projetos de vida que os filhos acham que os seus pais constroem para eles, destacam-se ainda a construção da *família estendida* e a conquista de *independência*, que também pode expressar o seu próprio desejo projetado na sua família. Segundo Amazonas (2010), a profissionalização permite a inserção dos sujeitos no mundo do trabalho, ao mesmo tempo em que garante sua realização, seu futuro e a sua situação econômica favorável, entretanto, todas essas conquistas sinalizam o desejo de construir uma família. Tais aspectos funcionam, portanto, como “requisitos” à conquista deste projeto de vida familiar.

Na **dimensão pessoal e motivacional**, este dado é corroborado na medida em que é atribuído o sentido de dever cumprido à concretização da vitória. *Vencer*, portanto, se relaciona ao *sucesso* e por isso, assume tamanha importância; afinal de contas, este é o patamar máximo do esporte de alto rendimento, reforçado pelos treinadores, mídia e público de forma geral. Segundo Rúbio (2001), desde a Grécia Antiga era dado valor diferenciado àqueles que ali venciam, e nos dias de hoje, também não é diferente. Com a competitividade exacerbada, os campeões são muito exaltados, assumem um lugar de *superioridade*, e a vitória parece ser, de fato, o que há de mais *importante* nessa contextualização de esporte.

Sem dúvida nenhuma, os atletas-adolescentes a experimentam com bastante entusiasmo, fato este que acreditam ser compartilhado também pelos seus genitores por parecerem vivenciar tais momentos em elevada intensidade, evidenciando demonstrações de afeto e *carinho*, como *abraços*, aos seus filhos-atletas. Para os atletas-adolescentes, tamanha satisfação dos pais tem relação com a forma com que percebem seus filhos. Ou seja, no sentido de reconhecerem que esta *conquista* só foi possível mediante todo o *esforço*, *comprometimento*, *dedicação* e *determinação* durante o período de treinamentos. Nesse ínterim, outras características também são relacionadas às experiências vitoriosas, dentre as

quais estão: *confiança*, *coragem*, *concentração*, *garra*, e que parecem estar presentes em todos os sujeitos que alcançam suas *metas*.

Percebemos, ainda, sentidos compartilhados pelos atletas-adolescentes construindo a imagem de atleta ideal, que apresenta diversas características individuais, habilidades e comportamentos. Tais requisitos, inclusive, parecem ser disseminados pelo senso comum, contribuindo na construção da vida esportiva de seus praticantes, e assegurando-os que apenas dessa maneira é possível obter uma carreira vitoriosa.

Destacamos que, no campo semântico das palavras associadas à *vitória para os pais*, a dimensão técnica não apareceu, o que corrobora com os dados interpretados nessa expressão indutora, em que o sentido de vitória para os pais se mostra ampliado a outras condições de vida, e não apenas ao contexto esportivo, embora fique clara a preocupação deles também nesse certame, dadas as observações na entrada de campo, e as comemorações compartilhadas com os seus filhos nas situações de vitória.

Na análise estrutural das RS de vitória para os pais, conforme explicitado na Tabela 11, o quantitativo de 443 evocações apresenta 146 palavras diferentes, e o significado de *vitória para os pais*, segundo os atletas-adolescentes, é de *orgulho*, que apareceu de modo significativo, com frequência diferenciada entre os sujeitos, além de ser esta uma das palavras de maior importância na hierarquização. Arelado ao *orgulho* está a *alegria*, como um sentimento positivado, uma realização, afinal, esta parece ser uma das vias possíveis para o sucesso, então, o sentido de *satisfação* na periferia mais próxima é como se o objetivo tivesse sido atingido. O sentimento de *amor* também apareceu no núcleo central das RS de *vitória para os pais*, indicando o vínculo familiar de sentido afetivo tradicionalmente compartilhado entre pais e filhos.

Estudar também apareceu como sinônimo de *vitória para os pais*. Segundo Trindade e Souza (2009), desde muito cedo as crianças aprendem que a escola é o meio pelo qual elas conseguirão trilhar um bom caminho profissional e ter um bom futuro. É verdade que as instituições têm grande relevância na concretização desse aprendizado, entretanto, podemos afirmar também que, nesse contexto, os filhos recebem o apoio constante dos pais.

Os elementos contrastantes e a segunda periferia apresentam compatibilidade com o núcleo central, protegendo-o de mudanças nas RS, mediante o sentido de *esforço*, *superação*, *motivação*, *dedicação*, *determinação* e *força de vontade*, que sinalizam o comprometimento com que os atletas-adolescentes referem significar a vitória para os seus pais. Tais características também são relativas a um perfil de atleta idealizado.

Tabela 11: Representações Sociais de Vitória para os Pais, em função da frequência e ordem de importância.

RS de Vitória para os Pais	Palavras	Frequência	Ordem de Importância
Núcleo Central	Orgulho	57	1,86
	Alegria	35	2,66
	Amor	13	2,31
	Estudar	9	2,78
Primeira Periferia	Felicidade	41	2,88
	Satisfação	15	3,33
	Emoção	12	3,17
Elementos Contrastantes	Esforço	7	2,43
	Sucesso	7	2,43
	Superação	6	2,33
	Felicidade do filho	5	1,60
	Motivação	4	2,25
	Caráter	4	2,50
	Competência	4	2,75
	Honra	3	1,33
	Dever cumprido	3	1,67
	Coragem	3	2,33
	Segunda Periferia	Dedicação	7
Estímulo		6	3,00
Reconhecimento		6	3,00
Determinação		6	3,33
Carinho		6	3,50
União		5	3,00
Respeito		4	3,00
Comemoração		4	3,50
Confiança		4	3,50
Conquista		4	3,75
Força de vontade		4	3,75
Apoio		3	3,00
Passar de ano		3	3,00
Vibração		3	3,33
Notas boas		3	3,67
Alívio		3	4,33

- Número total de evocações: 443
- Número total de palavras diferentes: 146

Das 443 palavras associadas à expressão indutora *vitória para os pais*, 197 foram evocadas por meninas, 246 por meninos, e 41 palavras foram comuns a ambos os sexos.

Os resultados, num contexto geral, expressam uma dimensão ampla de vitória, ou seja, os atletas-adolescentes pensam que vitória para os seus pais não se resume aos resultados conquistados no contexto esportivo, mas, na vida, e, por isso, assumem posições relacionadas aos sentimentos, valores e estudos.

Entretanto, nas respostas dos meninos, interpretamos que os projetos de vida aparecem no sentido da vitória para os pais representar uma vida profissional consolidada, por meio da

conclusão de curso superior, independência, aprovação em concursos e visão de futuro. Para Amazonas (2010), a busca pela formação profissional, na perspectiva do projeto de vida, representa a possibilidade de o sujeito ter um trabalho e adquirir um lugar no mundo. Já às mulheres, tais sentidos não se mostram, na medida em que estas evocam respostas que relacionam os seus projetos aos resultados esportivos e a possibilidade de se tornarem *vencedoras*, causar *boa impressão* e conseguir índices e classificações.

Analisamos que tais diferenciações podem estar relacionadas à inserção posterior da mulher no mercado de trabalho e a ideia compartilhada no senso comum de que o homem deve se preocupar com a constituição de uma família, dada a sua função de provedor (AMAZONAS, 2010).

Nas entrevistas realizadas com os atletas-adolescentes, o sentido atribuído às palavras associadas à expressão indutora *vitória para os pais* fortaleceu aquele verificado no questionário de associação livre, de que eles consideram as suas vitórias como momentos vividos pelos seus pais com intensidade de sentimentos positivados.

O sentido de *felicidade* obteve, quantitativamente, acentuada representatividade, para os atletas-adolescentes. É importante para os pais a felicidade do filho com a conquista, bem como vibrar junto com ele, como recompensa pelo esforço, conforme a fala de uma atleta-adolescente: “Eles ficam felizes em saber que os filhos conseguiram aquilo que queriam, se esforçaram... e eles ficam felizes com isso” (SNF). Nessa passagem da entrevista, a felicidade dos pais parece estar diretamente relacionada à felicidade do filho. Contudo, os próprios atletas-adolescentes percebem por meio dos comportamentos de seus pais o valor diferenciado que é dado à vitória que resulta em medalhas, símbolos das vitórias, como um dos entrevistados falou: “Pros pais é sempre uma felicidade ver o filho vitorioso, chegar com uma medalha em casa. Poxa, é bom... é a maior felicidade” (SNM 1).

Outro atleta-adolescente disse:

Felicidade... é justamente isso que os pais sentem quando há alguma notícia de: ah pai, ó... tirei primeiro lugar nos 200 livre e tal, na competição tal. Nossa! Os pais vibram do lado de lá, no telefone, é realmente uma felicidade pra eles, entende? É tudo, uma mistura de felicidade, com orgulho, com... ai, meu filho conseguiu, entende? Foi difícil, mas conseguiu (SNM 2).

Percebemos, aqui, o destaque dado pelo atleta-adolescente ao primeiro lugar, e o sentimento de *orgulho* que acompanha a felicidade mediante a vitória do filho. O modo com que os pais se posicionam com os resultados dos filhos-atletas parece ser uma preocupação para eles. Pareceu-nos que há certa pressão, sentida pelos próprios atletas-adolescentes, para

satisfazerem os pais com os seus resultados, lembrando que a única via de satisfazê-los é com a vitória, afinal de contas, apenas ela é valorizada no esporte de alto rendimento.

Outro atleta-adolescente, ao se expressar sobre o porquê da felicidade estar relacionada à vitória para os pais, afirmou:

Felicidade qualquer vitória vai lhe trazer. Claro que todo mundo quer, principalmente atletas de escola, desse nível, tem essa vontade de mostrar pro pai que é bom, que conseguiu várias coisas, então você sempre fica com esse peso nas suas costas, então, você fica muito feliz quando você conquista algo assim (SVM).

A necessidade do filho em mostrar aos pais sua capacidade, que é “bom em algo”, se mostrou evidente nos discursos dos atletas-adolescentes, sinalizando prontidão e autonomia para lidar com essas situações do esporte de alto rendimento e, de forma ampliada, com a vida. Segundo alguns autores que discutem questões referentes à adolescência, esses sujeitos apresentam plenas condições para desenvolver-se, entretanto, não são “autorizados” a isso pela sociedade, por esta situação do desenvolvimento ser ainda concebida como uma fase transitória, de preparação para a vida adulta (BOCK; LIEBENSKY, 2003; OZELLA; AGUIAR, 2008). No caso dos atletas-adolescentes, eles demonstraram o desejo de satisfazer aos pais, bem como de mostrar a eles, por meio das práticas do cotidiano esportivo, que estão “prontos” para a vida adulta, responsabilizando-se pelos seus resultados, sejam estas vitórias ou derrotas.

A ideia de satisfazer aos pais por meio dos resultados parece presente também na medida em que os atletas-adolescentes demonstram necessidade em retribuir o esforço dos pais não apenas pela sua formação como pessoa, mas também no cotidiano de suas vidas, como verificamos na seguinte fala:

É... meio que você tenta se esforçar, até porque pra você conseguir a vitória pros pais, tal, até porque eles também cuidaram de você a vida toda, eles também se esforçaram pra criar você, pra lhe dar a melhor educação que eles podiam lhe dar e tal. Então, você sempre sente essa vontade de dar o que você tem pra mostrar pra eles que você é bom e tal (SVM).

O sentido de vitória parece ser destinado aos pais, e não ao próprio sujeito, como se o atleta-adolescente ganhasse nas competições para retribuir ou provar algo para os seus pais, o que nos remete novamente ao impacto que a responsabilidade em obter vitórias tem sobre o emocional dos atletas-adolescentes.

Outra atleta-adolescente complementa este sentido de “prestação de contas” aos pais:

Os pais se esforça muito também... como é... a gente também tem que se esforçar porque eles falam: motivação... ficam no pé... não, você tem que

melhorar nisso, tem vez que vão em jogo e ficam: poxa, você também tem que fazer isso, tem que falar mais, se esforçar mais, esses negócios (SVF).

O desejo de vitória está, portanto, atrelado ao “pagamento de uma dívida” com os pais. Esta dívida significa o retorno pelo investimento afetivo e financeiro, tendo em vista que a trajetória esportiva de um atleta do alto rendimento tem início cedo, na maioria das vezes, ainda na infância, conforme verificado na literatura (WEINBERG; GOULD, 2008), bem como confirmado pelo tempo de prática das modalidades dos participantes da pesquisa. Pareceu-nos que os pais acompanham essa história, por vezes, de forma distante, em outras, próxima, mas, mesmo quando não acompanham pela proximidade há um custo financeiro desprendido.

Os atletas-adolescentes revelam sentir uma cobrança concreta dos pais em relação a suas performances esportivas. Para outros pais, segundo uma atleta-adolescente, “Se esforçar muito já é uma vitória. Ter se esforçado e ter tido uma consequência disso boa” (SNF).

O sentido de *sucesso*, por um lado, está relacionado necessariamente à vida esportiva e, por outro, traz um sentido mais amplo, que se relaciona às outras oportunidades para obtenção da vitória, como a própria situação de esforço e empenho nas competições. A percepção de sucesso para a vida do filho pareceu-nos que não está restrita apenas ao esporte, e sim ao crescimento, como percebemos nas seguintes falas: “Sucesso é bom também, os seus pais ficam super orgulhosos porque o seu filho vai ter o que? Sucesso. Tá ali, tá vendo... poxa, tá vendo que tá crescendo, crescendo na vida” (SVF).

Ah, eu acho que é o desejo, entende? O desejo de todo pai para o filho atleta. Tooodo pai, sem exceções. Tooodo pai, sem exceção, deseja sucesso pra um filho atleta. E assim... é justamente o que um filho atleta quer, sabe? Sucesso. Não quer outra coisa porque a gente luta, luta, luta. A gente nada tooodo dia de manhã, de madrugada... de madrugada e de tarde... aí assim, eles esperam justamente um retorno pra isso, entende? Competições pagas... é dinheiro, entende? Aí pronto, eles esperam e eles desejam sucesso para o filho atleta (SNM 2).

Os atletas-adolescentes notam também a preocupação dos pais relacionada ao seu *caráter*, acreditando que eles se sentem vitoriosos quando veem que o filho tem uma boa criação, tem bom pensamento, e procura ser uma pessoa de bom caráter, como havia emergido no questionário de associação livre e é explicitado na entrevista de uma atleta-adolescente: “Acho que eles se sentem vitoriosos no caráter porque veem que tem uma boa criação, veem que o filho tem bom pensamento, e procura ser uma pessoa de caráter bom” (SVF).

No que concerne à vida escolar e *profissional* dos atletas-adolescentes, no pensamento coletivo, conforme a análise dos questionários de associação livre, a ideia de sucesso se relaciona às questões da escolarização e do sucesso profissional como projetos de futuro. Num plano mais subjetivo, evidenciado pelas entrevistas, percebe-se que, para os atletas-adolescentes, o valor atribuído às vitórias no esporte pelos pais é reconhecido, e os *estudos* visto como uma necessidade para a inserção na vida laboral, dada a falta de garantia do esporte de alto rendimento, conforme verificamos no seguinte recorte de entrevista:

Todos os pais falam assim: tem que se concentrar no esporte, mas também tem que se concentrar no estudo, não tá só na... os pais sempre dão apoio, a maioria dos pais sempre dão apoio, mas também sempre querem que você dê alguma coisa em troca nos estudos, porque muitos atletas não vão conseguir suceder talvez no esportivo, nem todo mundo que pratica vôlei vai se tornar um jogador de vôlei no futuro. (SVM)

Segundo Amazonas (2010), a formação escolar do sujeito o qualifica à profissionalização, e a conseqüente possibilidade de ascensão nesse campo.

5.5.4 Expressão indutora: *derrota*

As palavras associadas à expressão indutora *derrota* revelaram três dimensões: a **dimensão afetivo-emocional**, a **dimensão técnica** e a **dimensão pessoal e motivacional**, conforme pode ser verificado na Tabela 12.

A **dimensão afetivo-emocional** apresentou um grande quantitativo de respostas, categorizadas pelos eixos temáticos *tristeza*, *decepção* e *raiva*. Tal constatação nos faz pensar acerca da relevância da derrota na vida dos atletas-adolescentes, que atribuem para tal experiência sentimentos negativos, revelados no *choro* e *infelicidade*.

A *frustração* e o *desapontamento* se apresentam como a *insatisfação* dos próprios atletas-adolescentes com os seus resultados, considerados por eles como experiências de *fracasso*, e expressam as altas expectativas projetadas. Fica clara, ainda, a responsabilidade que eles têm sobre os seus desempenhos, bem como o alto grau de cobrança pessoal, na medida em que experimentam a derrota como uma vivência particular e um momento de *vergonha* e *fraqueza*. A *culpa* é uma ancoragem que apresenta uma dimensão simbólica extremamente forte, a religiosidade, no sentido dos atletas-adolescentes se penitenciarem como quase uma pena que eles precisam cumprir por agradar ou não os pais. Assim, simbolicamente, a derrota significa aos sujeitos uma penalização diante da idealização de

filho, que precisaria premiar os seus pais, o que não ocorre quando o objetivo da vitória não é atingido, e ele tem de lidar com a derrota.

Tabela 12: Campo Semântico das palavras associadas a expressão indutora *derrota*.

Categorias Temáticas		Palavras Associadas	Frequência
Dimensão Afetivo-emocional	Tristeza	Tristeza, insatisfação, infelicidade, frustração, choro, desânimo, desilusão, desgosto.	97
	Decepção	Decepção, fraqueza, vergonha, desapontada, humilhação, fraquejo, desonra, fracasso, angústia, crise, inquietação, aflição, desespero.	43
	Raiva	Raiva, chateação, culpa, ódio, mágoa, ressentimento, irritada, estresse, rancor, indignação.	34
Dimensão Técnica	Superação	Superação, melhorar, treinar mais, determinação, esforço, persistência, coragem, motivação, vontade de ganhar, esperança, vontade de treinar, estímulo, positividade, mais empenho, lutar, avanço, força, mais raça, mais dedicação, incentivo, garra, vontade de continuar, evoluir, ânimo, não desistir, transformar em vitória, nova tentativa, revanche, recuperação, partir para próxima, reprogramar estratégias, tentar consertar, recomeço.	77
	Falta de Concentração	Falta de concentração, falta de esforço, não comprometimento, falta de garra, falta de vontade, falta de atenção, sem paciência, falta de objetivos, sem coragem, sem empenho, falta de estímulo, falta de disciplina, falta de determinação, falta de dedicação, falta de disposição, desinteresse, displicência	27
Dimensão Pessoal e Motivacional	Aprendizado	Aprendizado, experiência, conformar, aceitar, crescimento, acontece com todos, compreender, entender, cooperação, saber lidar, reflexão.	28

Na **dimensão técnica**, percebemos a tentativa dos atletas-adolescentes em justificar os seus resultados, como se a existência de diversos atributos garantissem o sucesso no esporte de alto rendimento. Por outro lado, a inexistência destes preveem experiências de derrota. Nesse caso, nos referimos aos aspectos que representam como um atleta não deve ser ou agir que, por sua vez, se opõem às características do perfil de um atleta idealizado como marcador de vitórias. A questão aqui se refere ao merecimento dos atletas-adolescentes

mediante a *falta de concentração, falta de esforço, falta de disciplina, displicência* e o *não comprometimento* em suas atividades.

Ao mesmo tempo em que eles admitem ter falhado na busca pela vitória, a derrota os mobiliza a prosseguir. Para isso, encaram essa experiência por um viés de *superação*, em que é necessário *melhorar, treinar mais*, bem como ter *determinação, persistência* e *coragem* para continuar e *lutar* pela conquista de resultados diferentes. Assim, a *nova tentativa* aparece como outra oportunidade para os atletas-adolescentes, em que é possível *reprogramar estratégias* e *tentar consertar* erros passados, numa espécie de *começo*.

A **dimensão pessoal e motivacional** evidencia a derrota com um sentido de positividade forte, mediante a percepção dos atletas-adolescentes de que esta é uma das condições impostas pelo esporte de alto rendimento: alguém tem que perder. Entretanto, mesmo com o desalento, a *reflexão* sobre a derrota mostra que é necessário *aceitar, compreender* e *saber lidar* com ela para, assim, adquirir mais *experiência* à prática competitiva e favorecer o *crescimento* e o *aprendizado* não apenas para o contexto esportivo, mas para a vida, repleta de vitórias/derrotas, da mesma maneira como acontece nas situações desportivas.

Os resultados apresentados na Tabela 13 demonstram que, a partir de um total de 444 evocações realizadas pelos atletas-adolescentes, 176 palavras são diferentes, sugerindo que eles vivenciam a derrota com sentimentos negativados, como a *tristeza* e a *raiva*, tendo em vista a não concretização do objetivo pretendido, no caso, a vitória. Desse modo, os atletas-adolescentes demonstram ainda decepção e insatisfação com as suas performances, nas quais projetaram tantas expectativas.

Na periferia mais próxima ao núcleo central, o *aprendizado* e a *superação* aparecem como os elementos mais importantes, revelando um sentido de positividade existente também nas experiências de *fracasso*. O esporte de alto rendimento se mostra, portanto, como um meio que possibilita aos seus atletas-adolescentes comportamentos resilientes atrelados às suas práticas, afinal, a partir de uma derrota, eles experimentam sentimentos negativos sem sucumbir a eles, isto é, sofrem, mas também aprendem que esta é uma das possibilidades de uma competição e, por isso, deve ser superada. Superar, aqui, significa ultrapassar esse acontecimento, tirando dele algum proveito e aprendizados.

A segunda periferia e os elementos contrastantes mostram-se bastante condizentes com o núcleo central, tendo em vista a presença de sentimentos negativados, vivenciados por ocasião da derrota, como: *frustração, incapacidade, infelicidade*. Além disso, o sentido de superação também aparece, nas palavras associadas: *melhorar, experiência* e *treinar mais*.

Vale salientar que os elementos contrastantes existem na configuração das RS de vitória/derrota, entretanto, eles não mostram sentidos contraditórios ao núcleo central, por estas palavras formarem uma díade, que implica na ideia de inclusão e exclusão.

Tabela 13: Representações Sociais de *derrota*, em função da frequência e ordem de importância.

RS de Derrota	Palavras	Frequência	Ordem de Importância
Núcleo Central	Tristeza	58	2,55
	Raiva	28	2,50
	Decepção	15	2,60
	Insatisfação	13	1,85
Primeira Periferia	Aprendizado	13	2,85
	Superação	12	3,78
	Fracasso	9	3,00
Elementos Contrastantes	Melhorar	8	2,62
	Frustração	7	2,00
	Incapacidade	6	2,33
	Treinar mais	6	2,33
	Falta de concentração	5	1,80
	Aumentar tempos	5	2,00
	Ruim	5	2,40
	Experiência	4	1,50
	Nervosismo	4	2,25
Segunda Periferia	Infelicidade	8	3,12
	Choro	8	3,87
	Fraqueza	6	3,17
	Perder	6	3,17
	Angústia	5	3,40

- Número total de evocações: 444
- Número total de palavras diferentes: 176

O quantitativo de 444 evocações realizadas por atletas-adolescentes do sexo feminino e masculino, a partir da expressão indutora *derrota*, apresenta um número específico de 201 palavras evocadas apenas por meninas, e 243, por meninos.

Uma quantidade representativa das respostas que as meninas evocaram a partir do termo indutor *derrota* faz alusão às condições causadoras da derrota. São elas: *falta de confiança*, *falta de coragem* e *falta de objetivos* que, por sua vez, revelam o impacto de fatores psicológicos e emocionais, relacionados à insegurança, sobre as suas performances e resultados.

Nas associações realizadas pelos sujeitos do sexo masculino, o sentimento de capacidade, mesmo em situações de derrota, se faz presente em: *não dei meu máximo*, *poderia ter dado mais de mim*, *poderia ter feito melhor*, expressões estas que parecem indicar expectativas diferentes para os seus desempenhos e que nos levam a crer que, caso eles

tivessem executado suas atividades como previam, seriam consagrados como vitoriosos. Tais vivências, certamente, exercerão influências em suas próximas atuações competitivas, pois *revanche* e *vingança* também aparecem como sentidos atribuídos à derrota.

Além disso, um dado importante emergiu também nas associações dos meninos, quando estes relacionam às experiências de derrota o sentido de *grupo*, por meio das palavras: *time*, *união*, *desunião*, *algo errado na equipe*, consolidando, assim, a referência ao *outro*, pertencente ao seu intergrupo. Nas meninas, o *outro* se faz presente apenas nas expectativas de outras pessoas sobre o seu desempenho, e que, nessa situação, parecem frustrar, dadas as suas respostas de *desapontar a todos* e *todos confiaram em você*.

Nas entrevistas realizadas com os atletas-adolescentes, a derrota revelou ser uma situação muito difícil, porém sempre presente no esporte de alto rendimento, afinal, a busca incessante deles é pela vitória, pelo melhor desempenho possível, que qualifica e valoriza o processo de treinamentos e sacrifícios pelo qual passaram.

A derrota é, portanto, experimentada como algo que não deu certo e, por isso, traz sempre *tristeza*, como verificamos nos dizeres de um nadador: “Você fica triste né, em ver que o seu treino, seu esforço, foi em vão” (SNM 1). Nesta fala fica clara a desvalorização da derrota, entretanto, o sentido do esforço na preparação para a competição parece ser mais importante do que o resultado de fato. A *tristeza* é concretizada a partir da percepção de que o caminho traçado até ali não faz tanto sentido quando se tem uma derrota. Outro atleta-adolescente refere que:

Logo depois da derrota sempre vem a desilusão, a tristeza. Às vezes vontade de desistir, tal, mas logo depois passa, tal, o que é comum né? No sentido de que você tava querendo ganhar né, no sentido de que tava com vontade. Então, acho que vem sempre essa sensação de tristeza quando você não consegue alcançar seu objetivo. É normal, né? (SVM).

A derrota, apesar de existir como possibilidade numa disputa competitiva, normalmente, não é prevista por seus participantes. O objetivo do atleta-adolescente é sempre a vitória e, quando ela não acontece, vem a desilusão, a decepção, e a posterior aceitação de que o seu objetivo não foi alcançado. Vale salientar, entretanto, que a *superação* é o próximo passo após uma derrota. Os atletas do alto rendimento, talvez por lidarem constantemente com essas experiências, tendem a superar fatos indesejados para continuar a sua trajetória esportiva, como os atletas-adolescentes referem em suas falas:

Porque é muito ruim... você foi no intuito de ganhar, mas a pessoa perdeu... mas sempre... fica triste, mas sempre no intuito de... no próximo jogo tenho que ganhar, eu vou ganhar, e ter sempre essa força de vontade (SVF).

Você, mesmo com a derrota, tem que se superar, não ficar naquele pensamento só de derrota... tem que se superar pra poder ter uma vitória (SNF).

A gente anda com o bom e o mau sempre ao lado da gente... com a força e a dor... mas quando a derrota chegar, a gente tem que dizer: tu pode vim, tu pode tomar conta daqui, entende? Mas eu não vou deixar barato, eu vou dar a volta por cima. É justamente aí que entra a superação (SNM 2).

Neste último extrato de entrevista, quando o atleta-adolescente fala “[...] a gente anda com o bom e o mau ao lado [...]” (SNM 2), ele está se ancorando na própria condição humana, no plano da ética, da estética, que propõe diversos antagonismos, como o bom e o mau, o bem e o mal, o belo e o feio, questões epistemológicas, filosóficas, de construção de conhecimento, presentes na condição do atleta-adolescente do esporte de alto rendimento. Afinal, o rendimento apresenta, simbolicamente, a classificação de como os *grupos* se estruturam, nos contextos de seletividade.

Outro atleta-adolescente, em seu discurso, faz alusão à existência de uma vitória mesmo em uma situação concreta de derrota, isto é, quando não foi atingido o primeiro lugar. Ele diz:

Ah, independente de você ganhar ou perder, o importante é você dar ao máximo o que você tem. Muitas vezes um time inferior, quando vai jogar com um time superior, não ganha, não consegue ganhar, mas consegue... começa a dar uma resistência, começa a fazer com que o time superior fique com medo de perder. Então já é uma vitória, assim... você tem que se superar, você tem que dar o máximo, independente de tá... independente de você perder ou ganhar, você tem que se superar (SVM).

Nesse caso, a derrota está relacionada a uma superação individual, traduzida pela condição de um atleta dar o máximo de si em uma competição. E, embora o *outro* tenha grande importância nessa disputa, pois a sua existência enquanto time é que possibilita o jogo e a comparação de desempenhos, a preocupação do atleta-adolescente não é com o adversário, mas com a sua própria *performance*, independente de resultado.

Para tanto, ele se prepara diariamente, dedicando horas de seu dia ao esporte, além do tempo em que está comprometido sem estar necessariamente treinando, mas durante o seu descanso ou se alimentando de modo adequada à prática esportiva, por exemplo, enfim, comportando-se como o alto rendimento impõe aos seus praticantes. Assim, a derrota também é vivida com inconformismo, *raiva*, *decepção*.

É isso que entra a raiva, de a gente ter treinado tanto, tanto, tanto pra uma prova, e quando chega lá... po, foi desclassificado... arrrrr, ódio! Não só a desclassificação, entende? Tipo, você tá com o segundo melhor tempo, perto ao primeiro, no balizamento. Nossa, você luta lá a prova todinha, a prova todinha lá com ele, e quando chega no final, você cansa e não é primeiro lugar, entende? Mas assim... serve de aprendizado, entende? (SNM 2).

O *aprendizado* se mostra muito presente nas experiências de derrota, pois a partir delas é que o atleta consegue refletir sobre a forma que se comportou na conquista de tal resultado, visando a melhoria de seus erros ou a obtenção de novas habilidades, conforme diz um nadador:

É porque quando você perde, você aprende, ganha mais experiência. É porque... em competição você vai pegando as manhas, é como na vitória... você vai pegando as manhas, essas coisas, pra você melhorar na outra competição... manha de concentração, da saída, essas coisas (SNM 1).

Vale salientar, entretanto, que os aprendizados oriundos do contexto esportivo não ficam restritos apenas a ele, são ampliados e ganham notoriedade perante a vida dos sujeitos, e a forma com que eles irão lidar com as diversas situações de seu cotidiano.

Quando a gente... acho que... em algum esporte, a pessoa aprende muito porque mexe com o psicológico da pessoa. E a pessoa tem que melhorar muito, tem que ter muita cabeça, tem que pensar muito, não pode ficar... os amigos se distraíndo, tem que pensar só no vôlei. Ali é só ali, aí em outro lugar é só no outro lugar, então você tem que pensar (SVF).

No relato dessa entrevistada fica clara ainda a necessidade do atleta-adolescente isolar todos os outros aspectos que não tenham relação com o esporte e deixá-los de lado, quando na prática da modalidade, afinal, a concentração é uma característica indispensável a um atleta do alto rendimento, como diz um deles: “Você perde por falta de concentração, você tem que tá sempre muito concentrado, com muito foco no que você tá planejando. Se você perder o foco, você não vai conseguir alcançar aquilo que você quer e vai ter a derrota” (SVM). Nesse sentido, pensamos que a prática esportiva nesses moldes é reveladora de um perfeccionismo exacerbado, tendo em vista a perfeição de uma condição psicológica do sujeito, bem como de uma capacidade física, técnica e tática.

Nessa contextualização de esporte, não há espaço para brincadeiras, deslizos ou cansaço. A exigência é uma marca sempre presente nos atletas-adolescentes que, por si só, se mostram extremamente disciplinados, comprometidos e responsáveis com suas escolhas,

atitudes e comportamentos, conforme salienta uma nadadora: “Você quer uma coisa, você tem que se concentrar nela, ver o que é melhor e não ficar com brincadeira” (SNF).

Tais aprendizados, como dito anteriormente, são sempre validados e aproveitados em suas próximas experiências, como uma espécie de *nova tentativa*, especialmente quando eles vêm de uma derrota, como os próprios atletas-adolescentes relatam:

Sempre vai ter o fracasso e a vitória na vida do atleta, e sempre que houver esse fracasso a gente vai dizer: pô, você agora venceu, mas na próxima eu vou dar a volta por cima e vou lhe derrotar, entende? (SNM 2).

Você tem que... perdeu? Levanta a cabeça e vai pra outra, vê o que tem de bom, o que tem de melhorar, o porquê você perdeu, vê os pontos fracos do seu adversário e vamo pro próximo jogo. Não pode baixar a cabeça nunca, continuar indo em frente, ver o que tem que melhorar e tal (SVM).

Assim, a partir da derrota, o atleta-adolescente vive momentos difíceis, de inconformismo, com sentimentos negativados, entretanto, consegue perceber que aquela derrota é apenas um resultado de uma competição. Mediante tantas oportunidades que ele certamente terá no decorrer de sua carreira, pode (e deve) superá-la, aprender o que for possível nessa experiência, e tentar novamente, com a esperança de que o próximo resultado será diferente. Nos dizeres de um nadador, “a derrota também incentiva a tentar de novo, pra ganhar” (SNM 1).

5.5.5 Expressão indutora: *derrota nas competições*

Na Tabela 14, constam as palavras associadas a expressão indutora *derrota nas competições*, que revelaram duas dimensões: a **dimensão afetivo-emocional** e a **dimensão técnica**. Destacamos a ausência da categoria referente à **dimensão pessoal e motivacional**, o que parece-nos estar relacionado a auto-culpabilização do sujeito nas situações de derrota, na medida em que se sente responsável pelos seus resultados, revelando um sentimento de incapacidade incompatível com a referência de atleta idealizado que possui.

Na **dimensão afetivo-emocional**, percebemos a predominância de sentimentos negativados, como *tristeza* e *raiva*, que expressam o inconformismo dos atletas-adolescentes frente às derrotas nas competições.

Tabela 14: Campo Semântico das palavras associadas a expressão indutora *derrota nas competições*.

Categorias Temáticas		Palavras Associadas	Frequência
Dimensão Afetivo-emocional	Tristeza	Tristeza, decepção, vergonha, choro, infelicidade, cansaço, desapontada, frustração, desânimo, mal estar, fraqueza, insegurança, culpa, fracasso, lágrimas, humilhação, decadência, péssimo, inferioridade, depressão, morgação, sofrimento, desesperado, exaustão, despreparo psicológico, baixa autoestima.	107
	Raiva	Raiva, insatisfação, ódio, angústia, estresse, mau humor, agonia, irritação.	46
Dimensão Técnica	Treinar Mais	Treinar mais, superação, melhorar, dedicação, lutar, esforço, perseverança, força, não desistir, determinação, pensamento positivo, vontade de ganhar, corrigir, estímulo, pensar na próxima, tentar novamente, objetivo, ganhar, não baixar a cabeça, tentativa, vontade de continuar, perseverança, fazer diferente, reagir, tentar, erguer a cabeça, ultrapassar, vontade.	80
	Falta de Concentração	Falta de concentração, falta de atenção, falta de dedicação, falta de foco, falta de confiança, falta de garra, falta de determinação, falta de objetivos, medo, falta de superação, desequilíbrio, falta de vontade, sem empenho, sem paciência, falta de disciplina, não aplicar o que sabe, desinteressado, desmotivação, displicência, falta de atitude.	37

A **dimensão técnica** deixa evidente a necessidade que o atleta-adolescente sente em ultrapassar uma derrota e seguir em frente, rumo a outras conquistas. A *superação*, nesse sentido, é imprescindível, e, aliada a ela, aparecem diversos aspectos que são levados em consideração para que um resultado distinto seja possível em outra oportunidade, como: *treinar mais*, *lutar*, ter *determinação* e *pensamento positivo*, *erguer a cabeça*, e *tentar novamente*. Percebemos, assim, que as derrotas nas competições trazem sentidos de positividade às experiências futuras, ao mesmo tempo em que relacionam as características negativas que justificam tais vivências, como: a *falta de concentração*, a *falta de dedicação*, a *falta de foco*, a *desmotivação* e a *displicência*, por exemplo.

É interessante percebermos que, em nenhum momento, a presença do *outro* como adversário aparece. As derrotas nas competições parecem ser responsabilidade exclusivamente do sujeito que compete, sem ter relevância a condição desse *outro* com quem

ele compete, o que nos leva a refletir que esta derrota não se refere necessariamente a uma derrota concreta, a outra posição que não seja o primeiro lugar, mas a uma incapacidade do sujeito, o qual não conseguiu cumprir com todos os atributos necessários de um verdadeiro vitorioso.

Tal perfil idealizado pelos atletas-adolescentes, utilizado como referência, exhibe rigor, classificação e seletividade humana, que vem acompanhando o ser humano e, nas sociedades competitivas, isso fica mais exacerbado. No caso do esporte de alto rendimento, a jornada esportiva é extrapolada, e estendida à vida dos sujeitos. Assim, eles se reconhecem bons ou maus, de acordo com as suas performances, o que nos parece perverso para o sentido humano, dada as diversas possibilidades apresentadas por cada sujeito, que sente, se reconhece, e constrói a sua identidade, diante dessas condições.

Na análise estrutural das RS de *derrota nas competições*, os sujeitos apresentaram um total de 436 evocações, dentre as quais 183 são palavras diferentes, conforme apresentado na Tabela 15.

No núcleo central, a presença das palavras *raiva*, *decepção* e *insatisfação* demonstram os sentimentos dos atletas-adolescentes perante a vivência de derrota, evidenciando que as suas expectativas de resultado para as competições eram bem diferentes. Entretanto, é interessante perceber que os sentimentos negativados expressos pelos atletas-adolescentes se aliam a um sentido de positividade, no momento em que atribuem ao significado de derrota a necessidade de *superação* e de *treinar mais*, como estratégias de enfrentamento para tal experiência. Vale salientar, ainda, que o sentido desses elementos do núcleo central revela o atleta-adolescente na luta por seus objetivos, no esporte de alto rendimento.

Ao analisarmos a primeira periferia, constituída pela palavra *tristeza*, compreendemos o quanto significativa são as derrotas nas competições nas vidas dos atletas-adolescentes, tendo em vista a maior recorrência desta palavra dentre todas as outras, e o sofrimento que estes demonstram sentir mediante um objetivo não alcançado.

A segunda periferia e os elementos contrastantes protegem o núcleo central, dada a compatibilidade de sentido negativado, atribuído à derrota nas competições, representado pelas palavras: *angústia*, *culpa*, *incapacidade*, *choro* e *ruim*. Outros elementos sugerem estratégias de enfrentamento para lidar com essas situações, superando-as, como verificado no núcleo central.

Dentre as 436 palavras evocadas a partir da expressão indutora *derrota nas competições*, constatou-se um total de 199 palavras que dizem respeito apenas às meninas, e 237 que foram evocadas por participantes do sexo masculino.

Tabela 15: Representações Sociais de *derrota nas competições*, em função da frequência e ordem de importância.

RS de Derrota nas Competições	Palavras	Frequência	Ordem de Importância
Núcleo Central	Raiva	22	2,50
	Treinar mais	15	2,47
	Decepção	11	2,09
	Insatisfação	10	2,60
	Superação	9	2,44
Primeira Periferia	Tristeza	44	2,82
Elementos Contrastantes	Falta de concentração	8	2,12
	Vergonha	8	2,12
	Aumentar tempos	7	2,43
	Angústia	6	2,67
	Culpa	5	2,60
	Treino	4	1,50
	Medo	4	2,25
	Dedicação	4	2,50
	Infelicidade	4	2,50
	Lutar	4	2,75
	Perseverança	4	2,75
	Poderia ter feito melhor	4	2,75
	Segunda Periferia	Erro	7
Meta não cumprida		7	3,71
Perder		6	4,00
Choro		6	4,33
Melhorar		5	3,20
Incapacidade		5	3,40
Ruim		5	3,80
Aprendizado		4	3,00
Nervosismo		4	3,25

- Número total de evocações: 436
- Número total de palavras diferentes: 183

Nas respostas evocadas pelos meninos, tornou-se evidente a alta racionalização e culpabilização mediante as situações de derrota nas competições, pois a elas são apresentados significados que dizem respeito às condições do *jogo*, em que ganhar/perder aparecem como aspectos fundamentais à competição e, por isso, são passíveis de acontecer. As meninas, por sua vez, não expressam tais possibilidades que o esporte de alto rendimento impõe, projetando apenas em seus próprios desempenhos a responsabilidade pelo resultado obtido.

Vale salientar, no entanto, que, embora o atleta-adolescente admita ser esta uma condição do *jogo*, ela é uma consequência de *erros técnicos* e percepção de despreparo físico e emocional naquele momento. Nesse sentido, refletimos que as suas respostas estão mais relacionadas a *não aplicar o que sabe* e a ideia de que *poderia ter feito melhor*, o que nos mostra que, mesmo em uma situação de derrota, fica clara a capacidade que o homem pensa ter (superior àquela evidenciada), ou seja, de uma autoimagem positiva.

Para as meninas, derrota nas competições é associada a *não competir, não participar, ser desclassificada, não melhorar, aumentar tempos, não satisfazer o técnico*, isto é, não evidencia em momento algum uma ciência de suas habilidades e a possibilidade de obtenção de melhores resultados.

Nas palavras evocadas pelos meninos, a derrota nas competições remete à alta racionalização, seguida de sentimentos de superação e comportamentos resilientes, evidenciados pelas expressões: *saber lidar, não baixar a cabeça, querer ganhar, reagir, fazer melhor na próxima, na próxima ganho*, sinalizando que das situações de derrota são retirados aprendizados importantes para eles que, certamente, exercerão influências sobre as suas próximas performances.

Nas entrevistas realizadas com os atletas-adolescentes, a derrota nas competições denotou um sentido de *tristeza, raiva* e decepção com o resultado. O esporte de alto rendimento faz exigências bastante rigorosas aos seus participantes, e continuar na prática esportiva nesses moldes significa aceitação a essa condição de *ser atleta*, a qual impõe um modelo de referência de disciplina, comprometimento e treinamento a ser seguido.

Nesse certame de competições, a derrota apareceu como possibilidade do cotidiano desses atletas-adolescentes, entretanto, a sua presença constante não leva à acomodação, nem tampouco, remete a um sentido positivo na expressão dos sentimentos atrelados a ela. O objetivo do atleta-adolescente é sempre a vitória, por isso, quando a derrota acontece, torna-se difícil lidar com ela, como referem os entrevistados:

Sempre bate aquela tristeza né, quando você perde uma competição que você batalhou tanto pra conseguir ganhar, mas é normal né, a derrota. Aquilo ali, talvez você fique com aquela tristeza sempre que você lembrar daquele campeonato, é normal, porque você trabalhou, você quis ganhar aquilo, e você não conseguiu. Aí sempre dá aquela tristeza (SVM).

A tristeza é justamente a tristeza, a raiva e a decepção que nós sentimos diante de uma derrota, entende? Ou, não peguei esse primeiro lugar por centésimos, próxima vez eu vou treinar mais pra conseguir (SNM 2).

Aliada à derrota, portanto, aparecem as estratégias de enfrentamento dos atletas-adolescentes para combater tais experiências indesejadas. A ideia de que haverá várias chances para conseguir tal feito parece muito presente, concretizando um sentido de provisoriedade aos resultados por eles conquistados. Assim, para prosseguir no esporte de alto rendimento, eles precisam continuar também em suas lutas diárias, em busca de seus objetivos. De certo modo, interpretamos a derrota nas competições como uma forma de

motivação encontrada pelos atletas-adolescentes, no sentido de eles deverem se esforçar, ainda mais, para conquistar uma vitória, como alega um nadador: “Não peguei esse primeiro lugar, mas agora vou treinar mais pra da próxima vez eu ser o campeão, entende? É justamente isso que o atleta diz, quer ou faz” (SNM 2).

A dedicação nos treinamentos se revela como a grande responsável pelos resultados dos atletas-adolescentes nas competições, evidenciando também acentuada importância na recuperação destes após experiências de derrota, como diz uma atleta-adolescente: “Pronto, você treinando mais, você vai conseguir. Mesmo você perdendo, você treina, treina, treina, faz tudo direitinho, que na competição a vitória aparece” (SNF). Parece que o cumprimento de todas as exigências garante ao competidor uma vitória, e é com base nesta ideia que o atleta-adolescente se refere a um adversário que, por ventura, sagrou-se campeão, conforme verificamos em seu relato:

Se você não venceu seu adversário é porque provavelmente ele treinou mais do que você, se esforçou mais que você. Se você quiser vencer um campeonato, seu adversário, você vai ter que treinar mais do que ele, se esforçar mais do que ele, mais tempo, mais forte no treinamento, em campo (SVM).

O comparativo com o adversário se faz presente, e é interessante perceber o reconhecimento da vitória dele, quando o entrevistado faz menção ao fato do *outro* ter treinado e se esforçado mais do que ele e, por isso, é merecedor da vitória. Como justificativa ao mau desempenho, os atletas-adolescentes também dão grande relevância à *falta de concentração*, como sendo esta uma característica a ser evitada, por esta “ter” a capacidade de definir campeonatos, como diz um entrevistado:

Se você não tiver concentração, você não vai conseguir, principalmente no vôlei, você tem que tá... vai, para, vai para... você não pode, nunca, tirar o foco do jogo, você tem que tá sempre ligado no que vai acontecer, sempre ligado no que seu adversário tá fazendo, pra quem ele tá levantando (SVM).

Nesse relato, apareceu claramente a figura do adversário como alguém que, de fato, tem a capacidade de impedir a vitória de outrem, ou seja, como uma ameaça, do *outro* que compete também com o objetivo da vitória. “É aquele negócio: vôlei você tá sempre tentando ter menos pontos fracos, e se aproveitar dos pontos fracos do seu adversário. Então, você tá sempre concentrado ao máximo pra num dar nenhuma brecha pro adversário” (SVM).

Identidade e alteridade, aqui, se fazem bem presentes, dado o reconhecimento do sujeito a partir do *outro*, ao mesmo tempo em que esse *outro* o ameaça, “Pois a alteridade não

aparece como um atributo que pertenceria à essência do objeto visado, mas sim como uma qualificação que lhe é atribuída do exterior. É um substantivo que se elabora no seio de uma relação social e em torno de uma diferença” (JODELET, 2002, p. 50). Julgamos ser este um aprendizado interessante aos atletas-adolescentes, pois ao mesmo tempo em que se identificam com alguns atletas, em seus *grupos* de pares, se diferenciam de *outros*, dada uma condição exterior imposta pela competição, de confronto.

A concentração, por sua vez, revela ser uma característica essencial ao atleta-adolescente do alto rendimento, no estabelecimento de estratégias para cumprir com a sua *performance*, conforme a fala de um deles: “Um atleta sempre deve se concentrar, entende? Sempre! Pô, visualizar a prova, o que eu vou fazer, o que eu tenho que acertar... sempre tem que haver a concentração. Não importa o esporte, sempre tem que haver, sempre tem que ter” (SNM 2). Nesse trecho, a idealização de atleta aparece novamente, referenciando condutas que os atletas-adolescentes julgam como “necessárias” à prática esportiva nesses moldes.

5.5.6 Expressão indutora: *derrota para os pais*

As palavras associadas a expressão indutora *derrota para os pais* revelaram três dimensões: a **dimensão afetivo-emocional**, a **dimensão pessoal e motivacional**, e a **dimensão técnica**, conforme verificado na Tabela 16.

A **dimensão afetivo-emocional** apresentou grande relevância, evidenciada a partir de emoções e sentimentos negativados que os atletas-adolescentes atribuem aos seus pais, quando os próprios atletas vivenciam uma experiência de derrota. As associações realizadas com as palavras *tristeza*, *choro*, *desânimo* e *desespero* denotam sentidos de *infelicidade* e *insatisfação* com a derrota dos filhos, o que nos mostra a elevada importância que os atletas-adolescentes conferem às suas percepções. Como consequência de tamanho *descontentamento* surge *reclamações*, *críticas* e *conflitos*.

Na **dimensão pessoal e motivacional**, os atletas-adolescentes justificaram suas derrotas de acordo com a visão que pensam ser dos seus pais. Segundo eles, à derrota é atribuída: *preguiça*, *falta de vontade*, *irresponsabilidade*, *insegurança*, *falta de estímulo*, *corpo mole* e *distração*, sendo sinônimo também de *reprovação*, *não estudar*, *ser um péssimo aluno* e *falhar na vida acadêmica*. Nesse sentido, a derrota é ampliada, ou seja, envolve outras situações, relacionadas à vida escolar e acadêmica dos sujeitos.

Tabela 16: Campo Semântico das palavras associadas à expressão indutora *derrota para os pais*

Categorias Temáticas		Palavras Associadas	Frequência
Dimensão Afetivo-emocional	Tristeza	Tristeza, decepção, infelicidade, vergonha, sem orgulho, chateados, desapontamento, choro, fracasso, constrangimento, descontentamento, desânimo, pena, desgosto, lágrimas, inferioridade, desespero.	106
	Raiva	Raiva, insatisfação, mau humor, angústia, fúria, rancor, ódio, ruim, briga, bronca, desaprovação, cúmulo, críticas, conflitos, reclamações, incompreensível, inaceitável, humilhação, sem paciência.	48
Dimensão Pessoal e Motivacional	Apoio	Apoio, consolo, motivação, força, estímulo, ajudar, carinho, conselhos, conforto, esperança, erguer a cabeça, amor, compreensão, conversas, lealdade, aceitação, não perder a fé, nova chance, novas chances para vencer, próxima, positividade, dar a volta por cima, acolher, abraço.	65
	Preguiça	Preguiça, falta de vontade, irresponsabilidade, falta de determinação, falta de atenção, falta de autoconfiança, insegurança, falta, falta de estímulo, falta de objetivos, falta de comprometimento, desmotivação, corpo mole, falta de concentração, falta de humildade, falta de empenho, falta de interesse, distração, relaxado.	30
	Não estudar	Não estudar, reprovação (escola), nota baixa, estudar mais, falta de estudos, falhar na vida acadêmica, péssimo aluno.	16
Dimensão Técnica	Superação	Superação, melhorar, dedicação, coragem, raça, empenho, compromisso, vontade de crescer, mais determinação.	16

Em contrapartida, ainda na **dimensão pessoal e motivacional**, pudemos perceber o contraponto às questões referendadas anteriormente, pois, segundo os atletas-adolescentes, os pais prestam *apoio* e *consolo* aos filhos, no sentido de *ajudá-los* e *acolhê-los*, quando diante desta situação, incentivando-os a *não perder a fé*, *erguer a cabeça*, *dar a volta por cima* e agir com *positividade*, pois acreditam que eles certamente terão *novas chances para vencer*.

A **dimensão técnica** revelou um sentido positivado, de superação, a partir do qual os atletas-adolescentes necessitam ter *mais determinação*, *compromisso*, *vontade de crescer*, e *coragem* para combater as adversidades e *melhorar*. Ou seja, demonstrarem comportamentos

resilientes nas situações de derrota, superando-as, e obtendo ganhos positivos dessas experiências (CASTELAR-PERIM, 2011).

Na análise estrutural das RS de vitória para os pais, conforme pode ser verificado na Tabela 17, o número de evocações dadas à expressão indutora *derrota para os pais* corresponde a 409, dentre as quais 189 representam palavras diferentes.

Tabela 17: Representações Sociais de *derrota para os pais*, em função da frequência e ordem de importância.

RS de <i>Derrota para os Pais</i>	Palavras	Frequência	Ordem de Importância
Núcleo Central	Decepção	16	1,94
	Apoio	12	1,50
	Estímulo	10	2,60
	Insatisfação	8	2,37
	Infelicidade	7	1,86
Primeira Periferia	Tristeza	47	2,70
	Raiva	15	3,60
	Consolo	8	2,75
Elementos Contrastantes	Conselho	6	1,83
	Filho triste	5	2,00
	Motivação	4	2,00
	Nota baixa	4	2,25
	Superação	4	2,50
Segunda Periferia	Reprovar de ano	6	3,00
	Vergonha	5	3,20
	Carinho	4	2,75
	Indiferença	4	2,75
	Erro	4	3,00
	Treinar mais	4	3,25
	Briga	4	2,75
	Preguiça	4	4,25

- Número total de evocações: 409
- Número total de palavras diferentes: 189

O núcleo central é constituído por sentimentos negativados como *decepção* e *infelicidade*, tendo em vista a repercussão que os atletas-adolescentes imaginam que a derrota tem para os seus pais. Eles revelam ser este um momento de insatisfação para os pais, no sentido de que certamente esperavam outros resultados. Os sentimentos expressos pelos pais, segundo os filhos, são compatíveis com o que os atletas-adolescentes sentem nos momentos de derrota. Cabe, aqui, a ressalva de que o sentido de *insatisfação* parece revelar, de fato, o inconformismo com a *performance* dos filhos.

Em contrapartida, os resultados apresentados na estrutura das RS também evidenciam *apoio* e *estímulo* como elementos do núcleo central, o que confere ambivalência às condutas

dos pais, segundo os próprios filhos, pois, ao mesmo tempo em que estes se sentem decepcionados, infelizes e insatisfeitos mediante a derrota dos atletas-adolescentes, os apoiam nesses momentos e lhes dão estímulos para que consigam superar tal situação. Na realidade, a ambivalência percebida pelos atletas-adolescentes diz respeito ao cuidado dos pais em um sentido mais ampliado, pois, ao repassar os valores culturais e hegemônicos de nossa sociedade, prezam que os filhos os sigam (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2001). E, a forma de fazê-lo no esporte de alto rendimento é atribuindo acentuado valor às vitórias.

A palavra *tristeza* aparece como elemento da periferia mais próxima, juntamente a *raiva* e ao *consolo*, com frequência muito significativa, mostrando ser a derrota, na visão dos atletas-adolescentes uma experiência também difícil e sofrida para os pais, mas que eles devem estar ao lado dos filhos no auxílio ao enfrentamento de tamanha dificuldade.

Os elementos contrastantes e a segunda periferia sugerem coerência com o núcleo central, na medida em que deles emergiu o sentido de apoio afetivo-emocional, com a presença das palavras: *conselho* e *carinho*. A referência à *superação* dessa situação também ficou explícita, com uma menção à **dimensão técnica** do sujeito, e à necessidade de *treinar mais*. Dois novos elementos apareceram, fazendo alusão à importância da escolarização, o que nos faz pensar que, derrota para os pais, na visão dos filhos, também é sinônimo de tirar *nota baixa* e *reprovar de ano*.

A partir do quantitativo de palavras associadas à expressão indutora *derrota para os pais* (409), tivemos 189 palavras, evocadas apenas por atletas-adolescentes do sexo feminino, e 220 por participantes do sexo masculino, e 35 palavras comuns para ambos os sexos.

As evocações associadas à derrota para os pais, na visão das meninas, evidenciam um sentido relacionado aos valores e princípios morais repassados por gerações, ou seja, um sentido ampliado de que uma situação de derrota não é considerada apenas no contexto esportivo, mas na vida de modo geral, dadas as seguintes associações: *desobedecer, desrespeito, falta de educação, falta de paciência, não seguir suas ordens e ser mau com os outros*.

Os sentimentos positivados que as atletas-adolescentes atribuem a essas situações também são de grande relevância, pois, nelas, emerge o cuidado dos pais e as parcerias que estes constroem com as filhas, na medida em que as próprias filhas evocam palavras que sugerem esse sentido, quais sejam: *acolher, ajudar, amor, confortar e consolar*.

Na percepção dos atletas-adolescentes do sexo masculino, a derrota para os pais também aparece de forma ampliada, embora estes a relacionem a outros sentidos diferentes daqueles constatados nas respostas das meninas. Para os meninos, a derrota para os pais

envolve: *falhar na vida acadêmica, falta de independência, não estudar, não querer nada, não trabalhar*, e fazer uso de *drogas*. Destacamos, aqui, que tais dados são compatíveis com aqueles apresentados na expressão indutora *vitória para os pais*, o que podemos relacionar que dos homens, espera-se uma vida profissional ativa e de sucesso. O trabalho, portanto, está associado às possibilidades de inserção social e a uma perspectiva de futuro, desde que haja um comprometimento do sujeito aliado a luta para que tais projetos venham a acontecer, conforme referencia Amazonas (2010).

Os resultados apresentados corroboram as pesquisas de Travérso-Yépes e Pinheiro (2005), bem como com a de Nascimento (2006), na medida em que demonstram que o controle exercido pelos pais sobre meninos e meninas não sugere compatibilidade, pois os primeiros têm mais liberdade, entendida aqui como liberdade no sentido da autorização concedida para este sair de casa para trabalhar e ser independente, enquanto que no trato com as meninas, os pais revelam maior controle sobre as suas condutas, ainda expressas nos nossos achados na relação pais-filhas.

Nas entrevistas realizadas com os atletas-adolescentes, a derrota é vista pelos seus pais como uma experiência reveladora de sentimentos negativados, como *tristeza, raiva e decepção* que, por sua vez, são compartilhados com os filhos. Entretanto, o papel social dos pais fica muito claro, na medida em que deles são esperadas condutas de apoio e suporte, como referendado por Bock, Furtado e Teixeira (2001), em momentos difíceis, compreendidos aqui pelas situações da derrota. Um atleta-adolescente diz:

Meu filho sempre treinou, sempre nadou, sempre se dedicou... quando chega agora, meu filho não consegue atingir o que queria. Uau, isso é realmente ruim, entende? E é também... eles se entristecem com isso, entende? Mas, no final das contas, o certo seria dar apoio e dizer: meu filho, não se preocupe, na próxima você consegue (SNM 2).

O fato de o filho ter treinado tanto e os pais, de certo modo, terem o acompanhado nesse processo faz com que eles atribuam credibilidade àquela experiência, julgando o atleta-adolescente merecedor de uma vitória, como se refere um dos entrevistados: “É que os pais ficam tristes também né, em saber... seu filho treinou tanto né, e não conseguiu” (SNM 1). Deste modo, os pais continuam a dar *apoio*, incentivando-o a investir mais nos treinamentos para conquistar o resultado esperado em outra oportunidade, como foi referido por outros atletas-adolescentes:

Acho que pelo menos é o que os pais tem que fazer né? Poxa, se você não conseguiu, se você tem uma derrota, tem que dar sempre apoio, tem que

fazer com que você levante a cabeça e parta pra próxima, treinar mais e se esforçar o máximo que você puder pra não acontecer de novo né? (SVM).

Quando acontece alguma coisa que não nos deixa ser campeão, não nos deixa vencer, é justamente isso que o pai, a mãe... os pais dão a gente, pra dizer: filho, fica assim não, na próxima você consegue, entende? (SNM 2).

A *raiva* também apareceu como sinônimo de derrota para os pais, entretanto, percebemos ambivalência nos sentidos compartilhados pelos atletas-adolescentes, na medida em que abordam esse sentimento por um viés de inconformismo devido à dedicação que o filho teve para conquistar uma vitória, como no trecho de entrevista: “Raiva porque o filho se dedicou, se dedicou, e não conseguiu aquilo, aí acho que sente meio raiva porque não conseguiu... mas... depois passa, depois eles superam” (SNF). Além disso, a *raiva* se faz presente no discurso dos entrevistados quando eles abordam a insatisfação dos pais com os seus resultados, que deveriam ter sido distintos, como analisamos nas falas:

O pai vai sentir raiva, não vai chegar a bater na pessoa. Poxa, você perdeu... vai sentir raiva, mas vai passar... com o tempo vai passar, também porque não vai ter só aquele jogo, vai ter outros jogos, lógico (SVF).

É... seu pai lhe dá um esporro né, porque você perdeu, que era pra você se esforçar mais... é isso (SNM 1).

Tamanha preocupação em dar “respostas” aos pais, certamente, pressiona e tensiona o atleta-adolescente, afinal, ele precisa mostrar, por meio de seus resultados, que “é bom” e, assim, satisfazê-los. Quando não consegue, isto é, em casos de derrota, o atleta-adolescente percebe um desapontamento alheio, responsabilizando-se, por meio da culpa. Assim, eles constroem uma imagem de atleta (idealizado) e, portanto, deslocam para longe quem pode experimentar a raiva, pois, para ele se aproximar dessa idealização do atleta que ele tem como referência, crença, bem como para continuar pertencendo a este grupo, ele não se permite experimentar tal sentimento, deslocando-o, portanto, ao outro (no caso, seus pais).

Percebemos, aqui, que as RS compõem sistemas que se relacionam, pois, ao investigarmos as RS de vitória/derrota, apareceram as RS tanto de filho quanto de atleta idealizado, o que corrobora com a ideia de Moscovici (2009), de que as RS refletem o que circula no senso comum, por intermédio dos processos comunicativos.

Nos relatos dos atletas-adolescentes, o envolvimento dos pais com a vida esportiva de seus filhos, tornou-se evidente por meio de atitudes de cobrança por resultados, nas quais interpretamos ter alto nível de projeção envolvido. Outro atleta-adolescente atribui a este

sentimento que ele diz ser revelado pelos pais, o merecimento e a disciplina na trajetória de treinamentos, quando diz:

[...] pelo menos eu acho que depende do seu esforço, se eles verem que você fez tudo o que você podia, que você foi disciplinado, deu o máximo que você teve, aí vão mais tentar lhe apoiar e... agora se eles verem que você foi descompromissado, sem querer nada com nada e perder, eles vão ter raiva... vão brigar com você assim, até... po, você tem que dar o seu melhor pra você conseguir chegar lá e tal. Aí eles vão brigar e tal (SVM).

Tais *brigas*, como revelou este atleta-adolescente, tendem a ocorrer quando há uma percepção de que a *performance* do filho poderia ter sido melhor caso este tivesse demonstrado mais empenho, afinal, o mesmo atleta-adolescente afirmou em outro trecho de sua entrevista: “[...] nunca tive esse problema não, até porque eu sempre gostei de treinar, mas tem muitos atletas que geralmente não são tão focados no treinamento, e talvez os pais associem isso à preguiça” (SVM). Outra atleta-adolescente corrobora com essa opinião, na medida em que diz: “A preguiça de treinar né? É o que os pais mais reclamam... depois, a desculpa é que você perdeu porque você tava com preguiça, aí é um problema” (SVF). Assim, os pais teriam uma idealização de atleta, e tal crença os levaria a acreditar que o cumprimento e dedicação dos filhos nos treinamentos os fariam vitoriosos.

Desse modo, acabam por pressionar os filhos nas competições e, mais ainda, em casos de derrotas, como verificamos em uma resposta dada na entrevista:

[...] alguns pais botam muita pressão, não é o meu caso, mas eu conheço atletas assim... amigos meus que o pai põe muita pressão em cima dele, pra ele vencer, pra ele... e muitas vezes, quando não acontece, eles ficam reclamando sempre, e brigando, e o atleta muitas vezes, depois de uma derrota, você não quer chegar em casa e ouvir gente te colocando pra baixo ainda... aí você às vezes briga com eles e tal, assim... graças a Deus, nunca foi o meu caso, mas tem muita gente que é assim (SVM).

Destacamos, portanto, que, embora os pais, por vezes, exerçam a dupla função parental de cuidado e cobrança, pois eles têm essa dupla função, os dados aqui apresentados se referem ao que os filhos idealizam acerca dessa correspondência de expectativa que eles têm que dar à família, pois não se trata apenas do que os pais fazem para eles, mas de como eles interpretam que a família vai cobrar deles. Tal vínculo familiar parece-nos apresentar uma via de mão dupla, pois ora os sujeitos se veem cobrados, e ora se veem apoiados. Isto é: os atletas-adolescentes, por experimentarem pela própria situação de dependência familiar, de cuidado e dessa preocupação dos pais, se sentem devedores.

Interessa-nos apontar ainda que, embora Calligaris (2009) aborde a autorização da adolescência para a rebeldia, transgressão, bem como sobre o distanciamento desses sujeitos de suas famílias, para esse grupo de atletas-adolescentes, pareceu-nos que há uma *ancoragem* do atleta-adolescente devedor aos pais. Assim, apesar de existir todo esse movimento de autoria, de fortalecimento de identidade, percebemos o quanto o atleta-adolescente necessita do *outro*, e como ele precisa do olhar fortalecido dos pais para lhe apoiar.

Conciliar a prática esportiva e os estudos, segundo os atletas-adolescentes, não é uma tarefa fácil, devido às horas diárias dedicadas ao esporte, o que faz também com que eles se sintam em uma condição diferenciada na escola e não tenham a compreensão dos pais nesse aspecto. O fato de não se dedicarem como acham que deveriam aos estudos também surgiu como cobrança de sucesso, pois os pais exigem dos filhos não só nas piscinas e nas quadras, mas também na sala de aula, conforme um atleta-adolescente retrata em sua fala:

Vou falar em relação ao filho atleta porque também tá acontecendo isso comigo esse ano. Esse ano não, desde que eu entrei na natação... tipo, eu treino, treino, treino todo dia. Eu chego da escola de 12h, venho pra cá 2h mais ou menos... aí chego só 9h da noite, entende? Não dá aquele tempo exato pra você fazer a tarefa, estudar pra prova, não dá. É justamente por isso, não sei se por isso mas se também porque eu não estudo... mas por isso que eu fico de recuperação, não passo... assim, eu nunca reprovei, mas também sempre fiquei em recuperação... e essas recuperações, não sei se por coincidência ou se não é coincidência, vieram por conta da natação, entende? Aí assim, reprovação eu associo a falta de tempo pra estudar que um atleta tem, entende? E pode não ser isso que um pai pense, pode ser: ah, ele tem preguiça de estudar, não estuda, e vai reprovar. Aí pronto, lascou (SNM 2).

A preocupação dos pais com a escolarização dos seus filhos, segundo os atletas-adolescentes, ficou evidente tanto nos questionários de associação livre, quanto nas entrevistas realizadas. Nas respostas dadas nos questionários, o rendimento esportivo apareceu secundarizado, na medida em que os atletas-adolescentes demonstraram que o que importa mesmo, para os seus pais, são os projetos de futuro relacionados à vida profissional que, por sua vez, é oportunizada pelo rendimento escolar. Nas entrevistas, entretanto, interpretamos que eles reconhecem a valorização da prática esportiva, bem como do sucesso nesse meio. Neste último trecho de entrevista, inclusive, na fala do atleta-adolescente, a escola é secundarizada, dada a dedicação acentuada (e necessária) ao esporte em seu cotidiano.

Assim, percebemos que, embora o que circule no senso comum, conforme referendado por Oliveira (2010), comprove uma negatividade em relação aos cuidados da família com seus filhos, os atletas-adolescentes desse estudo apresentaram pais cuidadosos, preocupados, e

com expectativas positivas sobre os filhos, tanto nos aspectos desportivos quanto na vida escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, investigamos as RS de vitória/derrota para atletas-adolescentes do esporte de alto rendimento. Mediante a impossibilidade de esgotar os conhecimentos a respeito da temática proposta, concluímos esta dissertação com algumas considerações que sinalizam a sua pertinência e propõem novos questionamentos para futuros estudos.

Os estudos voltados às práticas esportivas revelam que o esporte de alto rendimento se caracteriza como uma das dimensões sociais do esporte, juntamente ao *esporte-participação* e ao *esporte-educação* (BALBINO, 2005; TUBINO, 1988, 1992, 2006). Entretanto, os princípios que regem tais práticas se diferem bastante no que concerne aos objetivos de cada uma. Em especial, o esporte de alto rendimento estimula a competitividade entre os seus participantes, classificando-os mediante os resultados apresentados nos eventos esportivos sediados como verdadeiros espetáculos.

O consumismo é, assim, reforçado em um sentido ampliado, no qual se percebe uma insatisfação não apenas relacionada aos bens materiais que permeiam esse ambiente, mas aos sentidos subjetivos, na expectativa de os sujeitos conquistarem títulos, recordes, resultados ainda não alcançados e sempre superiores aos atingidos por si (no passado) e pelos outros, no contexto atual da competição.

Segundo Rúbio (2006), a vitória a todo custo é cultuada pelo cenário esportivo atual, sedento por resultados, que promove os campeões nas mídias e proporciona àqueles mais destacados um investimento financeiro de grande valor. Embora o culto aos vitoriosos seja uma prática já presente desde os primórdios, na Grécia Antiga, o cenário esportivo construído no decorrer dos anos se contrapõe aos princípios do Olimpismo e, conseqüentemente, ao *fair play*, na medida em que passam a ser disseminadas e naturalizadas condutas antiéticas, tanto no nível dos atletas, com a utilização de *doping* e ao valor exacerbado dado às vitórias, quanto por questões políticas que passam a interferir nesse meio. Os códigos das disputas e as regras evoluem com o passar do tempo, entretanto, os princípios que regem as competições se mantêm constantes, embora o cenário pressione em outra direção, contrária ao Olimpismo.

Na pesquisa, a utilização dos termos vitória e derrota nos permitiu a aproximação das experiências vivenciadas pelos atletas-adolescentes nesse contexto esportivo, no qual imperam a competitividade, a valorização da vitória e a busca desenfreada pela superação, tanto em situações de derrota quanto em nível de conquista de objetivos pessoais. A resiliência se constitui, então, como uma explicação para que os atletas-adolescentes

continuam em suas lutas diárias, enfrentando situações difíceis e obstáculos que, por ventura, surgem em seus caminhos, sem sucumbir a eles, superando-os, e ainda adquirindo aprendizagens positivas de tais experiências (JUNQUEIRA; DESLANDES, 2003; PINHEIRO, 2004). Segundo Galli e Vealey (2008), o esporte de alto rendimento auxilia a construção de comportamentos resilientes.

Retomamos, a partir do universo dos participantes, a discussão problematizada acerca da adolescência, por ser este um fenômeno complexo, conceituado durante muito tempo pela Psicologia Clássica como sendo uma fase do desenvolvimento, transitória, composta prioritariamente por comportamentos rebeldes e transgressores. Tais construções teóricas ainda se fazem presentes nos dias atuais, e têm grande circulação de conceitos no senso comum, apresentando-se como ideias hegemônicas (OZELLA, 2003). No entanto, diversos estudos têm demonstrado a necessidade de se compreender grupos de pertença específicos, tendo em vista as suas experiências diferenciadas pelo meio sociocultural com o qual estão envolvidos (BOCK; LIBEBENSKY, 2003; MENANDRO; TRINDADE; ALMEIDA, 2010).

No caso do presente estudo, o foco voltou-se ao atleta-adolescente do esporte de alto rendimento, que se mostra de forma bastante diferenciada desse adolescente-padrão teorizado, quando analisamos o seu comprometimento, disciplina e responsabilidade na prática esportiva. O referencial teórico da Teoria das Representações Sociais nos possibilitou analisar que o pensamento social compartilhado neste grupo específico é um pensamento classificatório, competitivo, que corrobora a ideia disseminada no senso comum, pelos processos comunicativos, de que o sucesso significa ser o melhor, vencer, o que é antagônico à perspectiva de uma sociedade solidária na medida em que as práticas sociais revelam movimento inverso.

A metodologia utilizada para a identificação das RS de vitória/derrota teve grande relevância, pois se trata de um objeto polissêmico. A abordagem plurimetodológica nos permitiu a utilização de recursos distintos para a coleta e análise dos dados (ALMEIDA, 2005; CRUZ, 2006), o acesso aos elementos centrais e periféricos das RS, e a compreensão dos sentidos compartilhados pelos atletas-adolescentes acerca de suas experiências. Ressaltamos que, embora o estudo seja de natureza qualitativa, julgamos pertinente a realização de procedimentos quantitativos, na etapa de construção dos dados, para que estes consolidassem os nossos achados de forma clara. Com esta finalidade, destacamos o número significativo de participantes (101), que fortaleceu, ainda mais, os resultados apresentados.

A escolha das expressões indutoras que compuseram os questionários de associação livre, primeiramente, relacionou os sentidos atribuídos à vitória/derrota num contexto mais

amplo. Em seguida, as experiências relacionadas às situações específicas de competição. E, por fim, identificamos a percepção que os atletas-adolescentes têm sobre o que os seus pais pensam acerca da vitória/derrota, na tentativa de compreender os elementos explicativos de construção da autoimagem de sucesso/fracasso.

Durante o desenvolvimento do estudo, a imersão da pesquisadora no campo nos proporcionou compreensões essenciais sobre a prática esportiva dos atletas-adolescentes, suas rotinas diárias, e os seus modos de interação enquanto *grupo*. Tais observações foram relatadas em uma espécie de diário de campo, procedimento que foi de relevância também na interpretação dos resultados, quando determinados achados corroboraram aspectos que já haviam sido sinalizados anteriormente.

No estudo empírico, compreendemos que as RS de vitória/derrota apresentam sentidos múltiplos e se relacionam a três dimensões: a *dimensão pessoal e motivacional*, a *dimensão afetivo-emocional*, e a *dimensão técnica*, mostrando que as experiências referentes ao esporte de alto rendimento têm relação tanto com a subjetividade, quanto com o treinamento.

Tais categorias temáticas estiveram presentes nas associações de quatro expressões indutoras referendadas pelos atletas-adolescentes. Vale salientar, no entanto, que na expressão *derrota nas competições*, a *dimensão pessoal e motivacional* não foi sinalizada. Tal concentração no próprio sujeito frente às situações de derrota leva-nos a crença na auto-culpabilização, ou seja, outros aspectos são secundarizados e os atletas-adolescentes se posicionam como únicos responsáveis pelos resultados. O sentido compartilhado por eles é de incapacidade para a conquista de desempenhos de alta eficiência, o que garantiria a situação de vitórias. Vale salientar que a condição de derrota evidenciada não expõe outro competidor ou adversário, o que corrobora, ainda mais, o sentido de culpa que apareceu nas falas dos atletas-adolescentes.

A expressão indutora *vitória para os pais* também não apresentou a *dimensão técnica* nas categorias temáticas, o que relacionamos ao sentido de vitória ampliada atribuído pelos atletas-adolescentes, que referenciam esse sucesso não apenas no contexto esportivo, mas na vida. Interpretamos que as práticas dos pais são vistas por seus filhos-atletas como práticas naturalizadas da função parental cotidiana e não têm valor diferenciado no contexto esportivo, embora nas entrevistas os atletas-adolescentes atribuam um sentido valorativo às percepções dos seus pais sobre suas vitórias/derrotas.

Na entrada de campo também fica clara a interdependência dos atletas-adolescentes aos seus pais. Na interpretação dos dados da pesquisa, constatamos uma fragilidade nessa autonomia em processo de investidura, no sentido dos sujeitos, por um lado, experimentarem

a autonomia nos projetos de vida no seu desenvolvimento e, de outra parte, precisarem do *outro* para apoiar esse sentido de autoria.

Para o desenvolvimento humano, e no caso dos atletas-adolescentes, a autonomia tem valor diferenciado quando relacionada à disciplina exigida pelo esporte de alto rendimento, pois, certamente, trará repercussões na disciplina da vida acadêmica, bem como nas atitudes dos sujeitos em outros espaços públicos, que, diferentemente da submissão, significa um passo dentro do ordenamento social, inclusive numa perspectiva cidadã, de quem compreende o sistema, respeita as instituições e acata as normas. Além disso, a organização do tempo e as estratégias de enfrentamento utilizadas pelos atletas-adolescentes diante de situações adversas oportunizadas pelo esporte de alto rendimento também trazem aprendizados importantes aos seus praticantes.

Em determinados momentos, nas situações do alto rendimento, o *outro* é ameaça, mas um aprendizado para o atleta-adolescente que compete com ele, pois, ao mesmo tempo, precisa também dele para se firmar enquanto *grupo*. Nos discursos dos atletas-adolescentes, torna-se clara essa ambiguidade, com a qual eles aprendem a lidar diferenciando as situações de competição de outras em que veem outros atletas-adolescentes como amigos, parceiros. Assim, o reconhecimento do *outro* diante de suas possibilidades e potencialidades, bem como o investimento no processo identitário pelo qual os atletas-adolescentes passam são fortalecidos através das práticas esportivas.

Foi interessante perceber que a comparação entre as RS de vitória/derrota das modalidades individual e coletiva, nos questionários de associação livre, não mostraram diferenciações representativas, entretanto, na observação de campo e nas entrevistas, o sentido de *grupo* se mostrou mais fortalecido entre os praticantes de vôlei. Tal dado certamente está relacionado à execução das atividades que, desde os treinamentos, são dependentes da presença do *outro*. Na natação, o atleta-adolescente percebe a ausência do *outro* para lhe dar suporte em situações de derrota ou de disputa competitiva. Tais vínculos são consolidados na rotina esportiva que os atletas-adolescentes impõem às suas vidas, pelo tempo de permanência nos locais de treinamento e realização de viagens com fins de competição.

Na investigação da questão de gênero, as RS de vitória/derrota evidenciam elementos vinculados aos modelos tradicionais atribuídos culturalmente ao sexo feminino e masculino (DINIZ, 1999; TRINDADE; SOUZA, 2009). Enquanto nas atletas-adolescentes apareceram sentidos de *reconhecimento*, relacionados a um lugar social que buscam continuamente, os meninos consolidam o seu lugar de *superioridade*, por meio da *consagração* e dos *títulos* conquistados.

Nas representações de vitória, há uma relação de merecimento que parece evidente, por esta ter sido tão esperada, difícil e pela qual os sujeitos mobilizaram luta incessante de treinamentos e sacrifícios, em seus cotidianos. Em contrapartida, nas situações de derrota, não emergiu o sentido de revolta, por terem cumprido com todas as atribuições determinadas. Há uma aparente aceitação e responsabilidade frente aos seus “erros”, objetivada na necessidade de treinar ainda mais para conquistar um resultado diferenciado em uma nova tentativa. A ideia de que algo saiu errado é também compartilhada, seja durante a competição ou treinamentos, e o atleta-adolescente revela necessidade de refletir sobre o que aconteceu para que não volte a ocorrer. Das derrotas, portanto, retiram-se muitos aprendizados, tanto no âmbito esportivo, quanto em uma dimensão mais ampla.

Verificamos que os sentidos compartilhados de vitória/derrota trazem repercussões para a vida dos atletas-adolescentes relacionadas também à modalidade esportiva praticada, à questão de gênero e aos possíveis aprendizados nas interações sociais, bem como nas situações do alto rendimento.

Ao concluir o estudo entendemos que a relevância desta pesquisa se justifica pela carência de trabalhos que relacionem o fenômeno do esporte de alto rendimento ao grupo social de atletas-adolescentes, sobretudo quando analisados pela Teoria das Representações Sociais, além do impacto que o esporte de alto rendimento pareceu-nos repercutir na vida dos atletas-adolescentes.

Consideramos, ainda, que embora não tenha sido o foco da pesquisa, no decorrer desta, apareceram idealizações de: atletas, adolescentes, filhos e pais, sugerindo, assim, sistemas de representações que dialogam entre si. Pareceu-nos que o senso comum não aparece fragmentado e, ainda, que não é possível pensar apenas na construção de um objeto social em particular, mas como os objetos sociais envolvidos em uma mesma temática formam redes de significados. E, nessas redes, os sujeitos encontram sentidos para atribuir às suas condutas. Nesse sentido, pensamos os cuidados dos pais, nessa contextualização de sociedade competitiva, meritocrática, em que os papéis sociais são também reformulados, afinal, aos pais dos atletas-adolescentes é exigido um investimento financeiro, de tempo e equilíbrio emocional para lidar com as situações de vitória/derrota de seus filhos. Percebemos, portanto, que o esporte de alto rendimento amplia a função materna e paterna, com cuidados adicionais àqueles atribuídos tradicionalmente aos pais.

Para futuras pesquisas, projetamos, a partir das reflexões que ainda nos intrigam, outros estudos que enfoquem as relações familiares e a questão de identidade dos atletas-adolescentes, em uma investigação que envolva também os pais dos atletas. Sugerimos

também a realização de novos estudos que envolvam a temática vitória/derrota, em diferentes faixas etárias, para que possa ser efetuado o cotejo dos dados com a presente pesquisa.

REFERÊNCIAS

ABRIC, J. C. La recherche du noyau central et de la zone muette des représentations sociales. In: _____. (Org.). **Méthodes d'études des représentations sociales**. Érès: Ramonville Saint-Agne. Traduzido por Maria de Fátima de Souza Santos para uso de pesquisa. França: Érès. 2003.

_____. **L'approche structurale des représentations sociales: développements récents**. Traduzido por Maria de Fatima de Souza Santos para uso de pesquisa. In: V CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, 1998, México.

ADES, C. Desde Darwin: um olhar evolucionista para a psicologia. In: DOURADO, N. M. R.; BASTOS, A. V. B. (Org.). **Psicologia: novas direções no diálogo com outros campos do saber**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

ALBA, M. Representações sociais e memória coletiva: uma releitura. In: ALMEIDA, A. M.O.; SANTOS, M. F. S.; TRINDADE, Z. A. (Org.). **Teoria das representações sociais: 50 anos**. Brasília: Technopolitik, 2011. p. 393-430.

ALÉSSIO, R. L. S.; SANTOS, M. F. S. Desenvolvimento humano e violência na zona rural. In: SANTOS, M. F. S. S.; ALMEIDA, L. M. (Org.). **Diálogos com a teoria das representações sociais**. Recife: EDUFPE/EDUFAL, 2005. p. 77-97.

ALLFINITO, S.; CORRADI, A. A. Contato intergrupar: conflito realístico, privação relativa e equidade. In: TORRES, C. V.; NEIVA, E. R. (Org.). **Psicologia social: principais temas e vertentes**. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 262-286.

ALMEIDA, A. M. O. A pesquisa em representações sociais: proposições teórico-metodológicas. In: SANTOS, M. F. S. S.; ALMEIDA, L. M. (Org.). **Diálogos com a teoria das representações sociais**. Recife: EDUFPE/EDUFAL, 2005. p. 117-160.

ALMEIDA, M. A. O.; GÓES, H. A. O.; PAIXÃO, D. L. L. Família, escola ou estado? Representações sociais do adolescente e de seus direitos. In: TRINDADE, Z. A. et al. (Org.). **Juventude, masculinidade e risco**. Vitória: GM, 2009. p. 149-167.

ALMEIDA, A. M. O.; SANTOS, M. F. S.; TRINDADE, Z. A. Ancoragem: notas sobre consensos e dissensos. In: ALMEIDA, A. M.O.; SANTOS, M. F. S.; TRINDADE, Z. A. (Org.). **Teoria das representações sociais: 50 anos**. Brasília: Technopolitik, 2011. p. 101-121.

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa qualitativa e quantitativa**. São Paulo: Pioneira, 1998.

AMAZONAS, P. B. **Trabalho... é a condição do ser humano na terra: relações entre as representações sociais do trabalho e os processos de subjetivação**. 2010. 117f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

AMBLARD, I.; DOLIF, M. **O significado da premiação para o atleta**. 2006. 100f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Católica de Santos, Santos, 2006.

ANDRADE, C. D. **Quando é dia de futebol**. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 179-180.

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 3. ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1995.

BALBINO, H. F.; PAES, R. R. **Pedagogia do esporte**: contextos e perspectivas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BENTO, J. O. Do corpo e do activismo na conjuntura de mercado e consumo. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**. v. 9, n. 2-3, 2009.

_____. Introdução ao tema desporto, saúde e bem-estar. In: BENTO, J.; MARQUES, A. **Desporto, saúde e bem-estar**. Portugal: Universidade do Porto, 1991.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. 13 ed. 3 tri. São Paulo: Saraiva, 2001.

BOCK, A. M. B. A perspectiva sócio histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 24, n. 62, p. 26-43, abr. 2004. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 13 ago. 2011.

BOCK, A. M. B.; LIEBESNY, B. Quem eu quero ser quando crescer: um estudo sobre o projeto de vida de jovens em São Paulo. In: OZELLA, S. (Org.). **Adolescências construídas**: a visão da psicologia sócio histórica. São Paulo: Cortez, 2003.

BRACHT, V. Esporte na escola e esporte de rendimento. **Movimento**, ano 6, n. 12, jan. 2000. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2504/1148>>. Acesso em: 15 set. 2010.

BRASIL. **Decreto-lei nº 6.251, de 8 de outubro de 1975**. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=205630>>. Acesso em: 02 out. 2011.

BRASIL. **Estatuto da criança e adolescente**. Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, 2005.

BRITTO, R. S. Intrincada trama de masculinidades e feminilidades: fracasso escolar de meninos. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 127, p. 129-149. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v36n127/a0636127.pdf>>. Acesso em: 17 dez. 2011.

BUSSAB, V. S. R.; RIBEIRO, F. L. Biologicamente cultural. In: SOUZA, L.; FREITAS, M. F. Q.; RODRIGUES, M. M. P. (Org.). **Psicologia**: reflexões (im)pertinentes. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

CABRAL, L. A. M. **Os jogos olímpicos na Grécia Antiga**: Olímpia Antiga e Jogos Olímpicos. São Paulo: Odisseus, 2004.

CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2009.

CARVALHO, M. P. Mau aluno, boa aluna? Como as professoras avaliam meninos e meninas. **Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 554-574. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8640.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2011.

CASTELAR-PERIM, P. **Resiliência e prática desportiva**: um estudo realizado com adolescentes brasileiros. 2011. 117 f. Tese (Doutorado em Ciências do Desporto). – Faculdade do Desporto, Universidade do Porto, Porto, 2011.

CASTRO, Ana Lúcia. **Culto ao corpo e sociedade**: mídia, estilos de vida e cultura de consumo. 2. ed. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.

CAVALCANTI, K. B. **Esporte para todos**: um discurso ideológico. São Paulo: Ibrasa, 1984.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2003.

COIMBRA, C. C.; BOCCO, F.; NASCIMENTO, M. L. Subvertendo o conceito de adolescência. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 57, n. 1, p. 2-11. 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-52672005000100002&script=sci_arttext>. Acesso em: 10 set. 2010.

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. **Olimpismo**. Disponível em: <http://www.cob.org.br/movimento_olimpico/olimpismo.asp>. Acesso em 08 jun. 2010.

CONSELHO REGIONAL DE PERNAMBUCO. **Atuação de Psicólogos em Políticas Públicas de Esporte**. Disponível em: <<http://crepop.pol.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/ys/start.htm?infoid=1414&sid=25>>. Acesso em: 2 set. 2010.

COSARO, W. A. **Sociologia da infância**. Tradução Lia Gabriele Regius. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CRUZ, F. M. L. **Expressões e significados da exclusão escolar**: representações sociais de professores e alunos sobre o fracasso em matemática. 2006. 363 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: _____. (Org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 15-41.

DINIZ, G. Condição feminina: fator de risco para a saúde mental? In: PAZ, M. G. T.; TAMAYO, A. (Org.). **Escola, saúde e trabalho**: estudos psicológicos. Brasília: UnB, 1999.

DOISE, W. Da psicologia social à psicologia societal. **Psicologia**: teoria e pesquisa. v. 18, n. 1, p. 27-35, abr. 2002.

_____. Sistema e metassistema. In: ALMEIDA, A. M.O.; SANTOS, M. F. S.; TRINDADE, Z. A. (Org.). **Teoria das representações sociais**: 50 anos. Brasília: Technopolitik, 2011. p. 123-156.

EPIPHANIO, E. H. Conflitos vivenciados por atletas quanto à manutenção da prática esportiva de alto rendimento. **Revista Estudos de Psicologia**, v. 19, n. 1, p. 15-22, jan/abr. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2002000100002&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 25 jul. 2011.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução Sandra Netz. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FOER, F. **Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FONSECA, D. C.; OZELLA, S. As concepções de adolescência construídas por profissionais da estratégia em saúde da família (ESF). **Interface**, Botucatu, v. 14, n. 33, p. 411-424, abr/jun. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v14n33/a14v14n33.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2010.

GALLI, N.; VEALEY, R. S. “Bouncing back” from adversity: athletes experiences of resilience. **The Sport Psychologist**, v. 22, p. 316-335. 2008.

GALINKIN, A. L. **Os filhos dos mandamentos: uma discussão sobre a identidade judaica no contexto dos ritos da maioria Bar Mitzvá e Bat Mitzvá**. 2001. 220f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: <http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/1560/1/tese.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2012.

GALINKIN, A. L.; ISMAEL, E. Gênero. In: TORRES, A. R. R. et al. (Org.). **Psicologia social: temas e teorias**. Brasília: Technopolitik, 2011.

GALINKIN, A. L.; ZAULLI, A. Identidade social e alteridade. In: TORRES, C. V.; NEIVA, E. R. (Org.). **Psicologia social: principais temas e vertentes**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

JESUÍNO, J. C. Um conceito reencontrado. In: ALMEIDA, A. M. O.; SANTOS, M. F. S.; TRINDADE, Z. A. (Org.). **Teoria das representações sociais: 50 anos**. Brasília: Technopolitik, 2011. p. 33-55.

JODELET, D. Presença da cultura no campo da saúde. In: ALMEIDA, A. M. O. et al. (Org.). **Violência, exclusão e desenvolvimento humano**. Estudos em representações sociais. Brasília: UnB, 2006. p. 75-109.

_____. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

_____. A alteridade como produto e processo psicossocial. ARRUDA, A. (Org.). **Representando a alteridade**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

JUNQUEIRA, M. F. P. S.; DESLANDES, S. F. Resiliência e maus tratos à criança. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 227-235, jan/fev. 2003. Disponível em: <<http://www.scielosp.org/pdf/csp/v19n1/14923.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2011.

- KORSAKAS, P. O esporte infantil: as possibilidades de uma prática educativa. In: DE ROSE JUNIOR, D. (Org.). **Esporte e atividade física na infância e na adolescência**: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 11-23.
- KORSAKAS, P.; DE ROSE JUNIOR, Dante. Os encontros e desencontros entre esporte e educação: uma discussão filosófico-pedagógica. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esportes**, v. 1, n. 1, p. 83-93. 2002.
- LALHOU, S. Difusão das representações e inteligência coletiva distribuída. In: ALMEIDA, A. M.O.; SANTOS, M. F. S.; TRINDADE, Z. A. (Org.). **Teoria das representações sociais**: 50 anos. Brasília: Technopolitik, 2011. p. 59-97.
- LOVISOLO, H. Esporte competitivo e esporte espetáculo. In: MOREIRA, W. W.; SIMÕES, R. (Org.). **Fenômeno esportivo no início de um novo milênio**. Piracicaba: Unimep, 2000.
- LUTHAR, S. S.; CICCETTI, D.; BECKER, B. The construct of resilience: a critical evaluation and guidelines for future work. **Child Development**, v. 71, n. 3, p. 543-562, mai/jun, 2000.
- MADEIRA, M. C. Representações sociais: pressupostos e implicações. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v. 72, n. 171, p. 129-144, mai/ago. 1991. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me001552.pdf#page#8http>>. Acesso em: 05 out. 2009.
- MENANDRO, M. C. S.; TRINDADE, Z. A.; ALMEIDA, A. M. O. **Gente jovem reunida**: representações sociais de adolescência/juventude em textos jornalísticos. Vitória: PPGP/UFES; GM, 2010.
- MINAYO, M. C.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade?. In: **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, jul/set. 1993.
- MINISTÉRIO DO ESPORTE. Disponível em: <<http://portal.esporte.gov.br/leiIncentivoEsporte/noticiaDetalhe.jsp?idnoticia=5469>>. Acesso em: 23 de jun. 2010.
- MOREIRA, W. W.; SIMÕES, R. (Org.). **Fenômeno esportivo no início de um novo milênio**. Piracicaba: Unimep, 2000.
- MORENO, A. Desporto, saúde e bem-estar. In: BENTO, J.; MARQUES, A. **Desporto, saúde e bem-estar**. Portugal: Universidade do Porto, 1991.
- MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Editado em inglês por Gerard Duveen; traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- NASCIMENTO, C. R. R. R. **Masculino e feminino no contexto da família**: representações sociais e práticas educativas em famílias de classe popular. 2006. 248f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2006. Disponível em: <<http://www.cchn.ufes.br/ppgp/download/teses/2006%20-%20C%C3%A9lia%20Regina%20Rangel%20Nascimento.pdf>>. Acesso em: 02 jan. 2012.

OLIVEIRA, T. A. N. **Ele nunca demonstrou e de repente...**: representações sociais da paternidade segundo as mães de meninas vítimas de violência sexual intrafamiliar. 2010. 169f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

OZELLA, S. (Org.). **Adolescências construídas**: a visão da psicologia sócio histórica. São Paulo: Cortez, 2003.

OZELLA, S.; AGUIAR, W. M. J. Desmistificando a concepção de adolescência. **Cadernos de Pesquisa**, v. 38, n. 133, p. 97-125, jan/abr. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v38n133/a05v38n133.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2010.

PINHEIRO, D. P. N. A resiliência em discussão. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 9, n. 1, p. 67-75. 2004.

PINHEIRO, V. S. **Maternidade na adolescência**: significados e repercussões. 2001. 108 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2001. Disponível em: <http://bdtd.bczm.ufrn.br/tesesimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1450>. Acesso em 12 ago. 2011.

POLLETO, M.; KOLLER, S. H. Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 25, n. 3, p. 405-415, jul/set. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2008000300009&script=sci_arttext>. Acesso em: 24 out. 2011.

RECHIA, S. Como são pensados os espaços e equipamentos de esporte e lazer nas cidades? “Pistas” para possíveis respostas!. In: FERREIRA, M. P. A.; MARCELLINO, N. C. **Brincar, jogar, viver**. v. 2, n. 1. Recife: Programa Esporte e Lazer da Cidade, 2007.

RÚBIO, K. **O atleta e o mito do herói**: o imaginário esportivo contemporâneo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

_____. O imaginário da derrota no esporte contemporâneo. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, 2006, v. 18, n. 1. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v18n1/a12v18n1.pdf>>. Acesso em: 08 ago. 2009.

RÚBIO, K.; SIMÕES, A. C. De espectadoras a protagonistas: a conquista do espaço esportivo pelas mulheres. **Revista Movimento**, Ano V, p. 50-56, fev. 1999. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2484>>. Acesso em: 28 out. 2011.

RUTTER, M. Implications of resilience concepts for scientific understanding. **Annals New York Academy of Sciences**, v. 1094, p. 1-12, 2006.

SÁ, C. P. Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicossocial. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 20, n. 2, p. 290-295, 2007. Disponível em: <www.scielo.br/prc>. Acesso em: 29 dez. 2011.

SAMPAIO, I. S. V. **Televisão, publicidade e infância**. São Paulo: Annablume; Fortaleza, SEDUC, 2000.

SAMULSKI, D. **Psicologia do esporte**. Barueri: Manole, 2002.

SANCHES, S. M. A prática esportiva como uma atividade potencialmente promotora de resiliência. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1981-91452007000100013&script=sci_arttext>. Acesso em: 05 nov. 2011.

SANTOS, M. F. S. A teoria das representações sociais. In: SANTOS, M. F. S.; ALMEIDA, L. M. (Org.). **Diálogos com a teoria das representações sociais**. Recife: EDUFPE/EDUFAL, 2005. p. 13-38.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. **Educação física**. Curitiba: SEED, 2006.

SMIT, B. **Invasão de campo**: Adidas, Puma e os bastidores do esporte moderno. Tradução Cristiano Botafogo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

TAJFEL, H. Os atributos do comportamento intergrupo. In: _____. **Grupos humanos e categorias sociais II**: estudos em psicologia social. Lisboa: Livros Horizonte, 1982.

TRAVERSO-YÉPEZ, M. A.; PINHEIRO, V. S. Socialização de gênero e adolescência. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 147-162, jan./abr. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v13n1/a10v13n1.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2011.

TRINDADE, Z. A.; SOUZA, L. G. S. Gênero e escola: reflexões sobre representações sociais e práticas sociais. In: ALMEIDA, A. M. O.; JODELET, D. (Org.). **Representações sociais**: interdisciplinaridade e diversidade de paradigmas. Brasília: Thesaurus, 2009.

TUBINO, M. J. G. **Dimensões sociais do esporte**. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1992.

_____. **O que é esporte**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

_____. **O que é olimpismo**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

_____. (Org.). **Repensando o esporte brasileiro**. São Paulo: IBRASA, 1988.

UMMINGER, W. **Heróis, deuses, super-homens**: as grandes conquistas esportivas. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

WALLON, H. A Psicologia da consciência. In: **Do ato ao pensamento**: ensaio de psicologia comparada. Petrópolis: Vozes, 1942-2008a.

_____. A Psicologia da situação. In: **Do ato ao pensamento**: ensaio de psicologia comparada. Petrópolis: Vozes, 1942-2008b.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. Tradução Cristina Monteiro. 4. ed. São Paulo: Artmed, 2008.

WEIS, M. F.; WESEEN, S.; WONG, L. Para quem? Pesquisa qualitativa, representações e responsabilidades sociais. In: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. (Org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006. 115-139.

YUNES, M. A. M.; GARCIA, N. M.; ALBUQUERQUE, B. M. Monoparentalidade, pobreza e resiliência: entre as crenças dos profissionais e as possibilidades da convivência familiar.

Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 20, n.3, p. 444-453. 2007. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722007000300012>.
Acesso em: 25 out. 2011.

ZOCATELI, V. **Resiliência e prática desportiva**: um estudo com jovens brasileiros e portugueses. 2010. 90f. Dissertação (Mestrado em Desporto para Crianças e Jovens). Faculdade do Desporto, Universidade do Porto, Porto, 2010. Disponível em:
<<http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/23746/2/19363.pdf>>. Acesso em: 11 out. 2011.

APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO DE ASSOCIAÇÃO LIVRE

Vitória

Vitória nas competições

Vitória para os pais

Derrota

Derrota nas competições

Derrota para os pais

Nome:

Ano de Nascimento:

Idade:

Sexo: F () M ()

Telefone(s) para contato:

Modalidade esportiva que pratica:

Tempo de prática:

APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa de mestrado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFPE, cujo título é “Representações Sociais da Vitória/Derrota: os sentidos compartilhados por atletas do esporte de alto rendimento”.

A participação é voluntária, não envolvendo nenhum tipo de remuneração. Você pode recusar o convite, assim como pode retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa. Sua participação não acarretará prejuízos na realização de treinos, competições ou outras atividades cotidianas, sendo previamente combinados com você os dias e horários mais favoráveis para os encontros, os quais serão realizados na sua instituição de treinamento.

Os usos das informações oferecidas por você estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, do Comitê de Ética em Pesquisa da UFPE. Na publicação dos achados da pesquisa em veículos acadêmicos/científicos, não haverá identificação dos participantes.

Em todos os momentos da pesquisa, o anonimato e a confidencialidade dos dados e dos sujeitos estarão garantidos. A sua colaboração se fará por meio de questionários de associação livre e entrevistas semi-estruturadas, instrumentos estes que serão utilizados para a coleta dos dados a partir dessa autorização. O material decorrente desses registros será arquivado no Laboratório de Interação Social Humana (LABINT) do Departamento de Psicologia da UFPE, localizado na Av. Professor Moraes Rego, s/n, Cidade Universitária, Recife – PE, sob a responsabilidade da Profa. Dra. Fátima Maria Leite Cruz, orientadora dessa pesquisa.

Em relação aos possíveis **benefícios**, os resultados desta pesquisa poderão contribuir à sua atuação no esporte de alto rendimento, trazendo reflexões sobre si mesmo(a) e suas experiências de vitória/derrota no meio esportivo. Além disso, poderão subsidiar reflexões também por parte de seus familiares e de profissionais atuantes no esporte de alto rendimento (como psicólogos, técnicos, fisioterapeutas, dentre outros), tendo em vista a possibilidade de tomar conhecimento acerca dos sentidos atribuídos às vivências de vitória/derrota dos atletas-adolescentes e, desta forma, poder entender e melhor lidar com eles. Em relação aos possíveis **riscos**, entendemos que confrontar-se com essa temática pode lhe mobilizar emocionalmente. Caso seja necessário, você poderá ser encaminhado(a) para atendimento na Clínica de Psicologia da UFPE, uma vez que a pesquisa é vinculada ao Departamento de Psicologia e Programa de Pós-Graduação em Psicologia desta instituição.

Para esclarecimento em qualquer fase da pesquisa, você poderá entrar em contato com a pesquisadora **Isabela Amblard**: Av. Prof. Moraes Rego, s/n, Cidade Universitária, Recife – Programa de Pós-Graduação em Psicologia/UFPE (Tel.: 2126.8730); pelo telefone (81) 8801.7379 ou pelo e-mail isabela.amblard@gmail.com. Há a possibilidade ainda de contatar o Comitê de Ética em Pesquisa: Avenida da Engenharia, s/n, 1º andar, Cidade Universitária, Recife – PE, Tel.: 2126.8588, e-mail: cepcs@ufpe.br.

A participação na pesquisa estará formalizada por meio da assinatura deste termo em duas vias, nas quais constarão a sua assinatura (participante da pesquisa) e a de um responsável legal, bem como as assinaturas de duas testemunhas e a da pesquisadora. As assinaturas deste termo servirão unicamente como aceitação para participar desta pesquisa.

Recife, ____/____/20__.

Nome do(a) participante: _____

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura da pesquisadora – Isabela Amblard: _____

Assinatura da testemunha 1: _____

Assinatura da testemunha 2: _____

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O(A) seu(sua) filho(a) está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa de mestrado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFPE, cujo título é “Representações Sociais da Vitória/Derrota: os sentidos compartilhados por atletas do esporte de alto rendimento”.

A participação é voluntária, não envolvendo nenhum tipo de remuneração. Você pode recusar o convite, assim como pode retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa. A participação de seu(sua) filho(a) não acarretará prejuízos na realização de treinos, competições ou outras atividades cotidianas, sendo previamente combinados com ele(a) os dias e horários mais favoráveis para os encontros, os quais serão realizados na sua instituição de treinamento.

Os usos das informações oferecidas por ele(a) estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, do Comitê de Ética em Pesquisa da UFPE. Na publicação dos achados da pesquisa em veículos acadêmicos/científicos, não haverá identificação dos participantes. Em todos os momentos da pesquisa, o anonimato e a confidencialidade dos dados e dos sujeitos estarão garantidos. A colaboração de seu(sua) filho(a) se fará por meio de questionários de associação livre e entrevistas semi-estruturadas, instrumentos estes que serão utilizados para a coleta dos dados a partir dessa autorização. O material decorrente desses registros será arquivado no Laboratório de Interação Social Humana (LABINT) do Departamento de Psicologia da UFPE, localizado na Av. Professor Moraes Rego, s/n, Cidade Universitária, Recife – PE, sob a responsabilidade da Profa. Dra. Fátima Maria Leite Cruz, orientadora dessa pesquisa.

Em relação aos possíveis **benefícios**, os resultados desta pesquisa poderão contribuir à atuação de seu(sua) filho(a) no esporte de alto rendimento, trazendo reflexões sobre si mesmo(a) e suas experiências de vitória/derrota no meio esportivo. Além disso, poderão subsidiar reflexões também por parte de seus familiares e de profissionais atuantes no esporte de alto rendimento (como psicólogos, técnicos, fisioterapeutas, dentre outros), tendo em vista a possibilidade de tomar conhecimento acerca dos sentidos atribuídos às vivências de vitória/derrota dos atletas-adolescentes e, desta forma, poder entender e melhor lidar com eles. Em relação aos possíveis **riscos**, entendemos que confrontar-se com essa temática pode o mobilizar emocionalmente. Caso seja necessário, ele(a) poderá ser encaminhado(a) para atendimento na Clínica de Psicologia da UFPE, uma vez que a pesquisa é vinculada ao Departamento de Psicologia e Programa de Pós-Graduação em Psicologia desta instituição.

Para esclarecimento em qualquer fase da pesquisa, você poderá entrar em contato com a pesquisadora **Isabela Amblard**: Av. Prof. Moraes Rego, s/n, Cidade Universitária, Recife – Programa de Pós-Graduação em Psicologia/UFPE (Tel.: 2126.8730); pelo telefone (81) 8801.7379 ou pelo e-mail isabela.amblard@gmail.com. Há a possibilidade ainda de contatar o Comitê de Ética em Pesquisa: Avenida da Engenharia, s/n, 1º andar, Cidade Universitária, Recife – PE, Tel.: 2126.8588, e-mail: cepccs@ufpe.br.

A participação na pesquisa estará formalizada por meio da assinatura deste termo em duas vias, nas quais constarão a sua assinatura (participante da pesquisa) e a de um responsável legal, bem como as assinaturas de duas testemunhas e a da pesquisadora. As assinaturas deste termo servirão unicamente como aceitação para participar desta pesquisa.

Recife, ____/____/20____.

Nome do(a) participante: _____

Assinatura do(a) responsável: _____

Assinatura da pesquisadora – Isabela Amblard: _____

Assinatura da testemunha 1: _____

Assinatura da testemunha 2: _____

ANEXO: CARTA DE ANUÊNCIA DA INSTITUIÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CARTA DE ANUÊNCIA DA INSTITUIÇÃO

Declaramos, para os devidos fins, que concordamos em receber Isabela Amblard, mestranda do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pernambuco – Mestrado em Psicologia, facultando-lhe o uso das instalações do(a) _____, a qual sob a coordenação e orientação da pesquisadora Profa. Dra. Fátima Maria Leite Cruz, participará da pesquisa intitulada _____.

Recife, ____ de _____ de 2011.
